

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

**JOSÉ VINICIUS GOUVEIA TORRENTES**

**HUMOR E ALTERIDADE: A REPRESENTAÇÃO DE JUDEUS NA REVISTA**  
**CARETA NO PERÍODO DE 1936 A 1945**

**Marechal Cândido Rondon**

**2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ**  
**CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

**JOSÉ VINICIUS GOUVEIA TORRENTES**

**HUMOR E ALTERIDADE: A REPRESENTAÇÃO DE JUDEUS NA REVISTA  
CARETA NO PERÍODO DE 1936 A 1945**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus Marechal Cândido Rondon, para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História, Poder e Práticas Sociais.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Méri Frotscher

**Marechal Cândido Rondon**

**2011**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
(Biblioteca da UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon – PR., Brasil)

T692h      Torrentes, José Vinicius Gouveia  
Humor e alteridade: a representação de judeus na Revista Careta no período de 1936 a 1945 / José Vinicius Gouveia  
Torrentes - Marechal Cândido Rondon, 2011.  
107 p

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Méri Frotscher

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2011.

1. Revista Caretas - Charges e piadas - 1936-1945. 2. Representações sociais. 3. Análise do discurso. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 21.ed.741.5

981.061

B869.7

CIP-NBR 12899

Ficha catalográfica elaborada por Marcia Elisa Sbaraini Leitzke CRB-9/539

## DEDICATÓRIA

A Minha Esposa, Greice

Ao meu filho, Gabriel

Ao meu pai, Wellington

A minha mãe, Nanci (in memória)

## **AGRADECIMENTOS**

Eu gostaria de expressar a minha gratidão a:

Profª. Drª Méri Frotscher, pela competência, paciência e empenho na orientação dessa pesquisa.

Profª. Drª. Geni Rosa Duarte, pelo apoio, pela sugestão de leituras e conversas sempre preciosas.

Prof. Dr. Marcos Nestor Stein, pela sugestão de leituras para o trabalho.

A Deus pela vida e pelas forças renovadas ao longo deste trabalho.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo a realização de uma leitura crítica e sistematizada das charges e piadas veiculadas pela revista ilustrada carioca *Careta*, durante o período de 1936-1945, a fim de compreender o papel desempenhado pelo humor visual e verbal na construção e difusão de determinadas representações sociais sobre os judeus na sociedade brasileira. Analisamos o papel das charges e piadas na construção e veiculação de identidades e alteridades, estereótipos e estigmas, visto que os judeus, em geral, aparecem enquanto alteridade nestas fontes. Por meio da dissertação, buscamos mostrar como o humor pode ser suporte para a “etnização” de determinados conjuntos de indivíduos. Na análise destas representações, consideramos suas relações entre elas e os contextos sociopolíticos interno e externo, a política editorial e o posicionamento da revista em relação a questões sociais, políticas e econômicas no Brasil e noutros países, principalmente Estados Unidos e Alemanha, assim como elementos que possibilitam a crítica interna destas fontes. A discussão delas foi organizada em torno dos seguintes eixos temáticos: as representações do corpo presentes nas charges e suas relações com discussões acerca da política racial e eugenia no Brasil; o exílio judaico e a política imigratória brasileira; representações acerca dos judeus em meio a questões da política e economia nacional e política internacional no período. A análise se baseia em referencial bibliográfico sobre análise do discurso e que permite analisar os recursos lingüísticos, em fontes textuais e em fontes visuais e textuais, envolvidos na construção do humor.

**Palavras-chave:** Revista *Careta*, humor, judeus, alteridade, charges, piadas.

## HUMOR Y ALTERIDAD: LA REPRESENTACIÓN DE JUDÍOS EN LA REVISTA CARETA EN EL PERÍODO DE 1936 A 1945

### RESUMEN

Esta pesquisa tiene como objetivo la realización de una lectura crítica y sistematizada de las caricaturas y chistes, vehiculados por la revista ilustrada carioca *Careta*, durante el período de 1936-1945, a fin de comprender el rol desempeñado por el humor visual y verbal en la construcción y difusión de determinadas representaciones sociales sobre los judíos en la sociedad brasileña. Analizamos el rol de las caricaturas y chistes en la construcción y propagación de identidades y alteridades, estereotipos y estigmas, puesto que los judíos, en general, aparecen como alteridad en esas fuentes. Por medio de la tesina, buscamos mostrar cómo el humor puede ser soporte para la “etnización” de determinados conjuntos de individuos. En el análisis de esas representaciones, consideramos las relaciones entre ellas y los contextos sociopolíticos interno y externo, la política editorial y el posicionamiento de la revista en relación a cuestiones sociales, políticas y económicas en Brasil y en otros países, principalmente Estados Unidos y Alemania, así como elementos que posibilitan la crítica interna de esas fuentes. La discusión de ellas se organizó en torno a los siguientes ejes temáticos: las representaciones del cuerpo presentes en las caricaturas y sus relaciones con discusiones sobre la política racial y eugenesia en Brasil; el exilio judaico y la política inmigratoria brasileña; representaciones sobre los judíos en medio a cuestiones de la política y economía nacional y política internacional en el período. El análisis se basa en referencial bibliográfico sobre análisis del discurso y que permite analizar los recursos lingüísticos, en fuentes textuales y en fuentes visuales y textuales, involucrados en la construcción del humor.

**Palabras-clave:** Revista Careta, humor, judíos, alteridad, caricaturas, chistes.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>CAPÍTULO 1 HUMOR, REPRESENTAÇÃO E IMPRENSA</b>	15
1.1 REVISTA CARETA: CARACTERÍSTICAS GERAIS	16
1.2 CHARGES E RISO	22
1.3 PIADA E RISO	27
<b>CAPÍTULO 2 A CONSTRUÇÃO DO OUTRO</b>	34
2.1 CORPOS INDESEJADOS: REPRESENTAÇÕES DO CORPO DOS JUDEUS NAS CHARGES	37
2.2 O JUDEU COMO IMIGRANTE INDESEJÁVEL	45
2.3 O JUDEU COMO AMEAÇA À ECONOMIA INTERNA	61
<b>CAPÍTULO 3 REPRESENTAÇÕES DOS JUDEUS NO CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL</b>	70
3.1 NA TRAMA DA POLÍTICA NACIONAL E INTERNACIONAL	70
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	101
<b>FONTES</b>	104
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	104

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, “Humor e Alteridade: A Representação de Judeus na Revista Careta no Período de 1936 a 1945”, tem como objetivo a realização de uma leitura crítica e sistematizada de charges e piadas veiculadas pela revista carioca de variedades Careta, durante o período de 1936-1945. O principal objetivo é compreender o papel desempenhado pelo humor visual e oral na construção e difusão de determinadas representações sociais sobre os judeus, os quais, através da nomeação verbal e de traços próprios da caricatura, aparecem sempre identificados enquanto alteridade. Atentamos, portanto, para o papel das charges e piadas na construção e veiculação de identidades e alteridades, estereótipos e estigmas na sociedade.

Os principais objetivos dessa investigação são: (1) analisar as representações acerca do judeu no período de 1936 a 1945 a partir de charges e piadas publicadas na revista Careta e (2) analisar como essa revista, sobretudo através das charges, interveio na construção e difusão de determinadas imagens e estereótipos acerca dos judeus.

As indagações que norteiam nosso trabalho são: Como eram representados os judeus nas charges e piadas veiculadas na revista Careta durante o período de 1936 a 1945? Há mudanças no tratamento da questão durante o período analisado? Quais as relações entre tais representações e os contextos sociopolíticos interno e externo? Qual o posicionamento da revista em relação aos regimes políticos no Brasil e na Alemanha e ao tratamento que estes davam aos judeus? Como essa revista se envolveu no debate sobre a construção da sociedade brasileira nessa época?

A revista Careta, fundada por Jorge Schmidt em 1908, no Rio de Janeiro, e extinta em 1960, foi uma revista ilustrada de destaque no meio jornalístico brasileiro. Ela transferiu para o Brasil padrões editoriais já vigentes na Europa, incluindo o apelo a elementos visuais. Segundo Nelson Werneck Sodré, foi a revista ilustrada mais importante da imprensa carioca e paulista (1983, p. 302). O humor era um dos principais elementos do seu projeto editorial, já que defendia a proposta de ser uma revista irreverente e singularmente crítica em relação à política e à sociedade brasileira. Segundo Herman Lima, em *História da Caricatura Brasileira*, Careta foi o empreendimento mais ousado entre as revistas da época, por consistir numa publicação de moldes revolucionários no campo da sátira política e social, pelo humorismo e irreverência das suas crônicas e sueltos, e pela finura do comentário ilustrado dos fatos da semana (1963, p.160). Contou com chargistas renomados como J. Carlos, Théo,

Kalisto e Bastos Tigre e teve em seu corpo editorial figuras importantes da literatura brasileira. Segundo Flavio Regueira, o público que a revista pretendia atingir era as camadas médias altas (1968, p. 22 apud Garcia 2005).

Escolhemos o período varguista para analisar charges e piadas contidas na revista, pois neste período a política imigratória brasileira passou por várias mudanças, além do fato de neste período o país ter assistido à entrada de um número considerável de imigrantes judeus, a maioria composta por exilados advindos da Europa. Constatamos que através destas fontes seria possível avaliar como os profissionais dedicados ao humor na revista apreendiam esta presença judaica no Brasil, mas também no mundo, e como difundiam, através delas, determinadas imagens e estereótipos. Em que pese à análise ter se debruçado com as revistas de 1930 a 1945, delimitamos o recorte temporal em 1936 por neste ano termos localizado a publicação de fontes a respeito na revista.

Devido ao contexto de intensa censura institucionalizada pelo governo de Getúlio Vargas, intentou-se verificar como as imagens de humor foram articuladas no interior do projeto editorial da revista *Careta* neste período autoritário da história brasileira. Em que pese o controle e censura da imprensa neste período, as charges eram uma possibilidade de a revista burlar a censura imposta, a fim de criticar indiretamente o tratamento do governo em relação a diversas questões, entre elas a imigração, muito embora elas também pudessem reforçar alguns discursos e práticas do mesmo regime.

Através da pesquisa e análise do material, percebemos nas charges e piadas algumas temáticas e aspectos em geral associadas aos judeus, e que nos permitiram estruturar o trabalho. Realizamos a seleção do material publicado na revista *Careta* para a redação, considerando uma abordagem metodológica qualitativa, baseada na escolha das seguintes temáticas que perpassavam a maioria das fontes consultadas: as representações do corpo dos judeus nas caricaturas e suas relações com questões da eugenia; o exílio judaico no Brasil e a política imigratória brasileira; representações<sup>1</sup> dos judeus em meio à abordagem de questões da política nacional e internacional e da economia brasileira.

Com relação à perspectiva do trabalho, partimos do pressuposto de que as charges e piadas podem ser também suportes que contribuem para a “etnização” de determinados conjuntos de indivíduos, a construção do “outro” na sociedade e o reforço de determinados estigmas. O embasamento teórico desse trabalho inclui estudos sobre identidade e alteridade

---

<sup>1</sup> A decisão de valorizar o estudo das representações sociais como categoria analítica, baseia-se na crença de que essa valorização representa um avanço, significa efetuar um corte epistemológico que contribui para o enriquecimento e aprofundamento dos paradigmas das ciências psicossociais.

(HALL, 2005; SKLIAR, 2003, OLIVEIRA, 2008, entre outros) e sobre a construção de estereótipos e estigmas sociais (GOFFMAN, 1988, HELLER, 1998 e BHABHA, 1998). Buscamos compreender como o ‘outro’ é produzido e reconhecido, a partir de uma percepção de que esta produção da alteridade ocorre através de dinâmicas relacionais, através das quais o “eu” cria fronteiras em relação a um “outro”.

A revisão bibliográfica revelou pesquisas anteriores voltadas para diferentes questões relacionadas aos judeus, à questão da imigração judaica no Brasil e à análise de aspectos da revista *Careta*.

Em relação à questão da imigração judaica para o Brasil, há uma série de trabalhos dedicados ao tema. Destacamos apenas alguns, como as obras do historiador brasileiro Jeffrey Lesser (1995), entre elas o livro “O Brasil e a questão judaica” (1995), as inúmeras obras da historiadora Maria L. Tucci Carneiro, entre elas os livros “O anti-semitismo na Era Vargas” (1988) e “O Anti-semitismo nas Américas” (2007), assim como artigos de outros autores, entre eles Roney Cytrynowicz (2005), no sentido de dialogar com a proposta da dissertação..

Maria Luiza Tucci Carneiro (2001), no livro “O Anti-Semitismo na Era Vargas”, publicação de sua tese, foca seu trabalho na análise das circulares secretas e documentos relacionados à imigração no período de 1930 a 1945 para compreensão do anti-semitismo como fenômeno social, comentando em alguns momentos sobre a existência de discurso antissemita na representação do judeu nas revistas ilustradas e em jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Em relação à temática da imigração em revistas ilustradas brasileiras, destacamos a tese de Márcia Takeuchi intitulada, “Entre Gueixas e Samurais: a imigração japonesa nas revistas ilustradas (1897-1945)” (2009), na qual a autora analisa os debates em torno da imigração, especificamente a japonesa, nas revistas ilustradas brasileiras publicadas no RJ e em SP, inclusive a Revista *Careta*, relacionando as charges sobre os imigrantes japoneses à documentação diplomática vigente nesse período. Utilizamos todas essas obras a fim de analisar de que formas a revista *Careta* representa os imigrantes judeus através do humor visual e oral.

Sheila Nascimento Garcia (2005), em sua dissertação “Revista *Careta*: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937 – 1945)”, realiza uma leitura crítica e sistematizada das charges e caricaturas veiculadas por esta revista ilustrada carioca, durante o Estado Novo, a fim de compreender o papel desempenhado pelo humor visual na construção de uma determinada interpretação da política e da sociedade do período. A autora não tem como

objetivo analisar a questão da imigração judaica nem as representações dos judeus na revista, nosso foco de análise, mas centra sua rica análise na construção da imagem de Vargas e na crítica que a revista realizava em relação ao Estado Novo.

Em relação às representações do judeu no Brasil, em geral, aporte interdisciplinar importante foi a tese da psicóloga Célia Szniter, “Representações do judeu na cultura brasileira: imaginário e história“ (2002). Nela, a autora analisa a representação dos judeus na oralidade, na escrita e na cultura de massa no Brasil, abrangendo o discurso televisivo, textos literários, literatura de cordel, peças teatrais e ditados populares.

Para além destes referenciais voltados para a imigração judaica no Brasil, a dissertação leva em conta uma série de reflexões propostas por autores dedicados ao humor e às funções sociais do riso. De acordo com Bergson, as razões do riso estão mais relacionadas à sociedade do que ao indivíduo, pois o nosso riso é sempre o riso de um grupo e revelador de costumes, ideias e preconceitos de uma sociedade (1987, p.70). Nesse sentido, consideramos que as charges e piadas permitem, através do riso, construir também imagens do ‘outro’. Esse autor ressalta que o riso tem uma função social e, para ser compreendido, é necessário remetê-lo a seu contexto social concreto. Daí a necessidade de contextualizar as charges e piadas para poder entender a construção de sentidos que possibilitaram na época de sua publicação.

Ainda em relação ao humor, nossas reflexões serão baseadas também em autores como Travaglia (2008), Possenti (1998) e Propp (1992), que refletem sobre os recursos lingüísticos envolvidos na construção do humor e sobre suas diferentes funções. Travaglia (1992), em seu artigo “O que é engraçado?”, analisa programas humorísticos da TV brasileira e piadas. Esse autor estabelece seis categorias do humor e analisa os recursos utilizados para se atingir o riso. Essas categorias são: a forma de composição do humor, o objetivo do humor, o grau de polidez do humor, o assunto do humor, o código verbal ou não verbal do humor e o que provoca o riso. Além desses aspectos, na análise de piadas buscaremos identificar o gatilho do humor, ou seja, os fatores que geravam o riso na época de publicação dessas piadas. Para tanto, recorreremos, na medida do possível, à contextualização desses textos e à análise de seus elementos lingüísticos. Procuraremos ainda observar como se constrói o *ethos* dos judeus e imigrantes, isto é, a imagem deles construída através do discurso humorístico.

A investigação da revista permitiu a identificação de textos verbais e não-verbais que retratam os judeus e constroem imagens para esse grupo étnico. Consideramos, para tanto, metodologia utilizada na análise interna e externa deste tipo de fontes, a política editorial do periódico, a composição da revista, o contexto histórico interno e mundial desse período.

No trabalho de análise de charges e piadas voltadas para a figura do judeu na revista *Careta*, utilizamos como metodologia a análise qualitativa das fontes. Para ambas as fontes, nos baseamos, entre outros autores, em estudos de Michel Pêcheux (1990, 1997) e de Eni Orlandi (1987,1995,2003), que tratam de elementos da Análise do Discurso francesa (AD) para compreender melhor a relação entre o dito e o silenciado nos textos e os sentidos aportados. Tomadas como discurso, a charge e a piada estão constituídas no interior de vários outros discursos com os quais estabelecem correlações. Nessa perspectiva, o texto é uma unidade de significação relacionada a uma determinada situação.

Com relação à metodologia utilizada para analisar as charges, procuraremos: a) contextualizar a charge em relação ao contexto social e histórico e levar em conta, na medida do possível, outros textos verbais e/ou não verbais publicados na mesma edição da revista; b) analisar todos os elementos da charge, a articulação da parte verbal com a parte não verbal da charge e os discursivos aos quais remetem; c) analisar a construção dos personagens das charges e sua relação com outros elementos. Destacamos que o senso comum costuma utilizar os termos charge e caricatura de forma indistinta. No entanto, Herman Lima (1963), no livro “História da caricatura no Brasil” volumes I, distingue ambos os termos, caracterizando caricatura como um desenho de humor, no qual se procura captar os principais aspectos da anatomia de uma figura humana e elaborar a distorção com o objetivo de se conquistar o riso do leitor. Muitas vezes, as caricaturas aparecem dentro das charges. Estas se enquadram em uma gama mais complexa, pois são, na verdade, desenhos de humor que tentam retratar algum aspecto conjuntural e político de determinada sociedade. O autor a distingue da charge, um instrumento privilegiado para a compreensão política, pois se comporta quase sempre como oposição e de maneira crítica às estruturas do poder. Somado a isso, está o elemento de que a charge é um veículo de ampla repercussão pública, pois sua linguagem é direta e lúdica.

A interpretação de imagens requer um aprofundamento da leitura do texto visual, o que pressupõe extrapolar a etapa da mera observação e da descrição. Para tanto, consideramos estudos de Marcos Silva, que propõe ao trabalhar com a iconografia, deve-se articulá-las com seus contextos sociais, e não tomá-las como reprodução da realidade, mas como uma possível fonte histórica (1991/1992, p. 117-134). Recorremos a diversos autores dedicados como Marcos A. Silva (1990), Herman Lima (1963) e Carlos Gustavo Nobrega de Jesus (2006), Sheila Garcia (2005) e Ana Luiza Martins (2003)

Nos capítulos, optamos por elaborar a descrição e análise das charges seguindo a cronologia de sua publicação, no sentido de procurar perceber possíveis mudanças nas

representações nelas contidas. Para responder às indagações que norteiam nossa investigação, estruturamos a presente dissertação da seguinte maneira:

O primeiro capítulo intitulado “Humor, Representação e Imprensa” consiste em um capítulo introdutório em que apresentamos ao leitor as características gerais da revista Careta, principal fonte desta dissertação. Consideramos seu surgimento, as diferentes fases da revista e suas características editoriais, como corpo de chargistas, público leitor, abrangência, conteúdo e forma. Buscamos ainda adiantar a inserção das charges e piadas na revista e possibilidades de sua utilização na investigação. O capítulo ainda, nos dois itens que seguem, visa caracterizar os gêneros charge e piada, discutir as relações entre charge, piada e riso, indicar a relação destes textos com a produção de alteridades e estigmas e explicitar alguns caminhos metodológicos empregados na análise desses gêneros.

No segundo capítulo, intitulado “A construção do Outro”, dedicado à discussão sobre alteridades, as charges e piadas foram separadas por temáticas no sentido de organizarmos a discussão. No primeiro item, “Corpos indesejados: representações do corpo do judeu nas charges”, enfocamos a questão da construção da imagem do judeu a partir do corpo, como ele era representado nas charges e piadas publicadas na revista Careta. Em outro item desse capítulo, “O judeu como imigrante indesejável”, analisamos as charges e piadas que em geral representam o judeu como imigrante indesejável. No terceiro item, “O judeu como ameaça à economia interna”, a alteridade é construída a partir de temas da economia nacional. Analisamos como o judeu aparece associado à exploração financeira, como concorrente desleal ao brasileiro.

No terceiro capítulo, intitulado “Representações dos judeus no cenário político nacional e internacional”, analisamos charges e piadas que trazem personagens judeus em meio a fatos da política internacional, sobretudo no que se refere à Segunda Guerra Mundial e ao governo nazista, mas também em relação à política externa e econômica brasileira. Em relação às charges, um dos principais temas das charges que abordam a figura do judeu neste período e que se referem à política internacional é o nazismo e o drama do exílio. Em relação ao contexto interno brasileiro, elas se referem em geral à política de imigração, como visto no capítulo anterior, e às supostas ameaças à economia nacional.

Ao estruturamos a dissertação nesses três capítulos temáticos, pretendemos elucidar como são construídas essas representações dos judeus em meio à abordagem de fatos da sociedade, política e economia nacional e internacional. Ao longo da análise das fontes publicadas na revista Careta, trazemos algumas discussões a respeito da imprensa no período da Era Vargas, pautados em obras de cunho historiográfico, a fim de também tentar entender o

funcionamento das charges neste período autoritário e de forte censura à imprensa. Tentamos perceber as especificidades das charges e piadas, geralmente destacadas pelo seu potencial irreverente e crítico, mas também o seu avesso, ou seja, como mobilizam e, ao mesmo tempo, veiculam representações sociais que são a base para a construção de identidades negativas.

Cabe ainda mencionar, por último, a motivação desta pesquisa. Nosso interesse em <sup>trabalhar</sup> com imprensa se gestou no curso de graduação, após realização de estudos sobre a imprensa brasileira. Nesta época estávamos trabalhando no Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro. Ao adentrar esse universo, já antes do curso de Mestrado, notamos constantes referências à revista Careta, sobretudo em relação a seu conteúdo visual e textual (as charges e piadas). A partir dessas observações e de nossa ligação familiar, já que minha bisavó Adélia Faber fugiu da Alemanha, perdendo seus negócios e direitos de cidadã, chegando ao Brasil perdeu-se de sua família, encontrando refúgio em um novo lar até reencontrar sua família e as tradições judaicas pertencentes. A partir desse histórico familiar e profissional apresentado surgiu a proposta de trabalhar com o humor e alteridade na Revista Careta, a qual foi possível encontrar no acervo da Biblioteca Nacional.

## CAPÍTULO 1

### HUMOR, REPRESENTAÇÃO E IMPRENSA

Durante todo o período Vargas, o governo percebeu o amplo alcance dos meios de comunicação de massa e aperfeiçoou os órgãos de controle e repressão, intervindo no conteúdo divulgado pela imprensa privada.

Esse projeto de dominação e controle encontrou resistências no meio jornalístico, no qual muitas vezes se recorreu a irreverência e à criatividade para driblar o cerceamento. Através de charges, mas também de outras formas de expressão, alguns periódicos tentavam burlar o controle e a censura. Noutros periódicos ou às vezes no mesmo periódico, podem ser encontradas charges que apoiavam as políticas do governo varguista. Um bom exemplo disso é a revista *Careta*, fonte deste trabalho, a qual adotava um tom humorístico crítico em seu projeto editorial.

A revista conseguia burlar a censura por meio das charges, estampadas, muitas vezes, ao lado de matérias oficiais. Segundo Sheila Garcia, as propostas críticas da publicação conseguiam alcançar o público leitor por meio da exploração de um riso diferente, um riso tenso, angustiante e facilmente reconhecido por todos (2005, p.5). A autora analisou a revista a partir de um estudo sobre o humor visual no Estado Novo, analisando sobretudo as charges nas quais aparecia a figura de Getúlio Vargas.

Na revista, podemos acompanhar como determinados cronistas visuais, os chargistas, abordavam aspectos da sociedade e da política nacional e internacional através da charge, um veículo de ampla repercussão pública, pois sua linguagem, direta e lúdica, alcança setores não habituados a outros suportes de informação.

Neste capítulo, dividido em três subitens, pretendemos apresentar algumas características gerais da revista utilizada como fonte neste trabalho, assim como introduzir alguns aspectos teórico-metodológicos que envolvem o estudo do humor visual e oral na pesquisa historiográfica, em conexão com a problemática proposta pela dissertação.

No primeiro item, caracterizamos a revista *Careta* e sua estrutura editorial no período de 1930 a 1945. No segundo e terceiro discutimos a relação entre charge e riso e entre piada e riso, respectivamente, e a função do riso, nestes dois tipos de humor, na criação de estereótipos. Aqui apresentamos alguns caminhos metodológicos utilizados na análise de charges e piadas, em nosso caso, especialmente as que abordam judeus.

## 1.1 REVISTA CARETA: CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Revista Careta foi lançada em 1908 por Jorge Schmidt, na cidade do Rio de Janeiro. Suas instalações ficavam na rua da Assembléia, 62, no Rio de Janeiro, não mais existente atualmente. Já na sua fase inicial, fizeram parte de seu quadro editorial chargistas, editores, escritores e jornalistas de grande envergadura, como J. Carlos, Calixto, Olavo Bilac, Martins Fontes e Lima Barreto, para citar apenas alguns.<sup>2</sup>

A Revista Careta surgiu como veículo destinado a realizar concorrência direta à revista ilustrada *O Malho*, de circulação nacional. Com título irreverente e provocador, aspecto observado em toda sua composição editorial, baseava sua proposta editorial do semanário argentino *Caras y Caretas*, fundada por Eustaquio Pellicer, o qual circulou entre 1898 e 1941. Esse semanário argentino definia-se como festivo, literário, artístico e de atualidade, combinando humor, crítica e seriedade intelectual (GARCIA, 2005, p.31).

Tendo como o humor o principal elemento do seu projeto editorial, a revista Careta defendia a proposta de ser uma revista irreverente e singularmente crítica em relação à política e à sociedade brasileira, focando-se principalmente na sociedade carioca de seu tempo. Sua circulação era restrita ao eixo Rio - São Paulo.

Seu editorial de abertura, intitulado “Ahi vae a nossa Careta”, explicita tais intenções:

Aí vai a nossa *Careta*. Lançando à publicidade esse semanário, é preciso confessar, e contritamente o fazemos, que a *Careta* é feita para o público, o grande e respeitável público, com P maiúsculo! Se tomamos esta liberdade foi porque sabíamos perfeitamente que ele não morre de caretas. Longe vai o tempo em que isso acontecia. Todavia, nossa esperança é justamente que o público morra pela *Careta*, a fim de que ela viva. E, feita cinicamente essa confissão egoísta (...) Digamos logo que o nosso programa cifra-se unicamente em fazer caretas (...) As nossas caretas são sérias como as sessões do Instituto Histórico e a sua perfeição e semelhança garantidas. Se ao ver a Careta, gentil senhorita, apreciadora entusiasta das seções galantes do jornalismo, franzir graciosamente as graciosas sobranceiras, na boquita rubra estalando um desprezado muxoxo, nós já temos meia vingança: o muxoxo é meia careta, pelo menos.<sup>3</sup>

A revista Careta teve destaque e durabilidade se comparada às demais publicações do gênero, como a revista *Fon-Fon*, *A Cigarra*, *Kosmos* e outras. Foi publicada até 1960. Na Careta, Jorge Schmidt continuaria o papel diferencial que vinha realizando com a revista *Kosmos*, que logo saiu de circulação, transferindo para o Brasil o modelo editorial que estaria

---

<sup>2</sup> Careta , nº 01, 06/06/1908, p.02

<sup>3</sup> Careta, nº 01, 06/06/1908, p.03.

em voga nas principais cidades europeias e norte-americanas. Com um design arrojado para época, a revista se utilizava das novas técnicas do jornalismo da época, as quais exploravam o uso das imagens.

Em pesquisa referencial, Ana Luiza Martins demonstrou que em São Paulo, assim como no Rio de Janeiro, durante a Primeira República surgiram diversas revistas ilustradas. Um traço comum entre a maioria delas foi a larga utilização de imagens, mais um atrativo das revistas, e que fazia parte de estratégias de venda e de sustentação mercantil (MARTINS, 2003, p.59).

Nicolau Sevcenko relaciona o surgimento e a consolidação das revistas ilustradas a novas técnicas do jornalismo no Brasil nos anos iniciais do século XX. Segundo o autor:

Novas técnicas de impressão e edição permitem o barateamento extremo da imprensa. O acabamento mais apurado e o tratamento literário e simples da matéria tendem a tornar obrigatório o seu consumo cotidiano pelas camadas alfabetizadas da cidade. Esse “novo jornalismo”, de par com as revistas mundanas, intensamente ilustradas e que são o seu produto mais refinado, torna-se mesmo a coqueluche da nova burguesia urbana, significando o seu consumo, sob todas as formas, um sinal de bom-tom sob a atmosfera da Regeneração (SEVCENKO, 2003, p.119).

A inserção de charges em revistas como a Careta teve um papel significativo no seu sucesso. Careta mostrava sempre na ilustração da capa uma charge ou caricatura de um político ou de algum acontecimento do cenário nacional ou internacional.

Na capa do primeiro número da revista, por exemplo, vê-se charge do presidente Afonso Pena, ainda em preto e branco, provavelmente traços de J. Carlos, chefe editorial e principal chargista do periódico. Na charge se apresenta um presidente de forma caricaturada, sério e já idoso.



Revista Careta nº 1. Rio de Janeiro: Kosmos. Junho de 1908, capa.

As informações existentes sobre a Careta neste período inicial são fragmentadas e dispersas em alguns trabalhos que a utilizaram como fonte. Nelson Werneck Sodré, em *História da imprensa no Brasil*, refere-se à Careta nos anos de 1920 destacando seu caráter inovador:

A revista mais característica daquela fase, entretanto, seria a Careta, que começou a circular em 1908, fundada por Jorge Schmidt, que realizara, com a Kosmos, algo de inovador e que, agora iria realmente realizar o que deixou de mais expressivo (1983, p.302).

A inovação a que se refere Sodré é a crítica humorística em suas charges e piadas e a utilização de imagens fotográficas. Quase sempre após o editorial, haviam páginas ilustradas por fotografias. A estas era dado destaque pelo tratamento especial que recebiam em papel *couché*, ressaltando seu brilho e sua luminosidade.

Ana Maria Mauad (1990), a qual analisou algumas fotografias publicadas na *Careta* e em outros dois periódicos, se refere a este tipo de revista como “janelas que se abriam para o mundo representado na foto”. Ao se referir às fotografias, assim pondera:

(...) tais revistas contribuíram, em grande medida, para a generalização da crença da verdade fotográfica. Ao mesmo tempo, que através de suas crônicas e notas sociais, impunham valores, normas e criavam realidades, num processo que transformaria a cidade em cenário e a burguesia em seu principal ator. Sendo assim, foram importante instrumento, desta classe social, para a naturalização das suas representações através da imposição de uma determinada forma de ver e reproduzir o mundo sobre todas as outras possíveis (1990, p. 206).

Oswaldo Munteal e Larissa Grandi (2005), num trabalho sobre a história do fotojornalismo, mencionam a revista *Careta* em seu período inicial, analisando a importância da revista que elegendo o humor como sua diretriz, a ousadia da revista ficava à disposição dos temas ligados a sátira à sociedade carioca, que tentava imitar o modelo francês de viver.

Num estudo intitulado *Biografia do jornalismo carioca (1808-1908)*, publicado em 1941, Gondin da Fonseca menciona a importância da revista *Careta* para o jornalismo carioca, no retrato da sociedade da capital do país.

Segundo Herman Lima, que publicou a *História da Caricatura Brasileira* em 4 volumes, a *Careta* foi o empreendimento mais ousado, por consistir em uma nova publicação de moldes revolucionários no campo da sátira política e social, pelo humorismo e irreverência das suas crônicas e sueltos, e pela finura do comentário ilustrado dos fatos da semana (1963, p.160).

Por conta destas características, a revista *Careta* tem sido objeto de alguns estudos dedicados ao humor. Elias Thomé Saliba<sup>4</sup> utilizou algumas edições da revista *Careta* para analisar as diversas e variadas linguagens das manifestações humorísticas na imprensa brasileira no final do século XIX até 1940.

A *Careta* direcionava-se a um público seletivo, de classe média e urbano, dotado de condições sócio-econômicas para consumir revistas ilustradas. Neste sentido, como ressalta Garcia, textos e imagens, considerados em suas múltiplas variantes, deveriam convergir com os interesses de um determinado público leitor, tornando-se além de formas signíficas de comunicação social, produtos enfocados para a comercialização e o consumo (2005, p.8).

Em suas páginas internas, encontravam-se muitos anúncios, muitos deles referentes a saúde e beleza voltados para o público feminino, tais como propagandas de elixires, xaropes,

---

<sup>4</sup> Raízes do Riso. A representação humorística na história brasileira. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, utiliza a *Careta* para analisar a questão do humor.

sabonetes anti-sépticos, pomadas, comprimidos, emulsões e tônicos. Esses produtos farmacêuticos, de cosméticos e de beleza dividiam um considerável espaço também com as grandes casas de tecidos. Pressupõe-se que esse público tinha poder de compra e se dispunha a movimentar pequenas quantidades de capital no consumo de tais produtos.

Todas estas mercadorias aproximam-se do perfil imaginário que se desejava para os consumidores da revista *Careta*. O historiador Nicolau Sevcenko (1998) destaca os esforços de segmentos sociais brasileiros nos anos 1930 em busca de beleza, juventude e saúde.

A revista *Careta* nos anos 30 sempre teve periodicidade semanal, com uma nova edição sempre aos sábados. Tinha uma média de aproximadamente 52 páginas por edição e dimensões entre 28 cm de comprimento e um pouco mais de 20cm de largura. Suas capas sempre foram caracterizadas pela presença constante das charges, no início em preto e branco e, depois, coloridas, sempre com tom satírico e acompanhadas da logomarca da revista, que se localizava a margem superior e centralizada. Esse formato foi presente em todo o seu período de publicação.

Com um conteúdo diversificado, na década de 30, *Careta* era repleta de contos satíricos, pequenas anedotas, charadas curtas e piadas, textos como crônicas, produções literárias, artigos de opinião, poesias de autores brasileiros ou estrangeiros, fotonovelas, impressas em capítulos a cada edição.

Muitas seções foram mantidas ao longo da existência da revista, outras novas foram criadas. Uma seção chamada “*Careta Parlamentar*” apresentava notícias e piadas sobre políticos. Na década de 30, foi criada a seção “Um sorriso para todas”, dedicada ao público feminino, era composta por comentários diversos sobre a cidade do Rio de Janeiro e seus habitantes, sobre moda, eventos, críticas aos problemas urbanos. A seção “Azas” apresentava comentário ilustrado sobre cinema. Outros quadros compunham a revista neste período, como o intitulado “Conceitos e Preconceitos”, com trocadilhos rápidos sobre comportamento. “Ecos Sociais” foi o novo título atribuído à seção “Instantâneos”, da década de 20, que tratava de matérias sobre eventos promovidos pela sociedade carioca. As seções “Galeria dos artistas da tela” e “Novidades de Hollywood” eram voltadas ao cinema e “Amendoim Torradinho”, assinada por J. Carlos, criada também na década de 30, continha várias charges, piadas e trocadilhos humorísticos de cunho político.

Na década de 40 três novas seções foram incorporadas: “Hora do Brasil”, com a programação oficial da rádio; “Gaveta de Cartas”, que trazia comentários enviados por leitores à revista; “Dize-me quando nasceste”, espaço destinado à publicação de horóscopos, simpatias e outras curiosidades do universo esotérico.

O teor humorístico era reforçado ainda pelas charges, que ocupavam posição de destaque entre as matérias.

Durante todo o período analisado de 1930 a 1945, em geral, pode-se dizer que a estrutura editorial não diferiu muito entre as décadas de 1930 e 1940, com seções de humor, textual ou visual, com reportagens sobre cidades brasileiras, curiosidades e costumes a respeito de países estrangeiros e povos antigos, artigos sobre a saúde feminina, notícias de eventos sociais e esportivos a cidade do Rio de Janeiro e novidades do cinema internacional.<sup>5</sup>

Em relação à postura editorial da revista, em edição de 29 de outubro de 1960, a própria Careta, em editorial retrospectivo, afirma que na década de 1920 tinha uma postura mais humorística, irônica e sem muitos compromissos com questões políticas, a qual teria mudado a partir de 1930:

A revista, que em seus primórdios era mais humorística que política, teve que ficar a mercê da degradação política e moral que afetou o país desde 1930. Mais política que humorística, isso em virtude da vontade expressa de seus leitores, que nunca deixaram de protestar contra o que classificaram de escárnio à infelicidade da população: fazer graça com a desgraça do povo.<sup>6</sup>

Como afirma Sheila Garcia (2005), Careta mostra de forma cômica o Estado Novo, satirizando a política, principalmente na figura de Vargas e de integrantes do governo. Noutros momentos deste período, entretanto, atuava em prol do Governo Vargas.

Neste momento, as charges da revista Careta ganham significativo destaque, mudanças na revista podem ser observadas, sobretudo no que se refere à construção de seu discurso crítico, suas charges passam a criticar o regime de Vargas e regimes totalitários. De acordo com Garcia as charges da Revista Careta passam a ridicularizar:

os regimes totalitários e seus principais líderes, bem como a exaltação dos países considerados democráticos, como os Estados Unidos e a Inglaterra, transpunham o mero debate sobre o contexto internacional e transformavam tal contexto em um mote para lançar um protesto velado, o questionamento sobre a paradoxal situação política brasileira (2005, p.165).

No caso das charges que compõem o espaço da imprensa ilustrada, não bastaria que tivessem apenas um perfil estético atrativo, mas que possuíssem um conteúdo que fosse ao

---

<sup>5</sup> Esclarecemos que não é nosso objetivo analisar minuciosamente as características da revista nem nos atermos ao período pós 1945, devido ao recorte temporal escolhido, apenas situá-la no universo editorial da época e apresentar suas principais características

<sup>6</sup> Careta. O Leitor em Careta. n° 2731, 29/10/1960, RJ

encontro dos interesses de seus consumidores. É nesta lógica que figuram, nas páginas da revista *Careta*, muitas charges da sociedade.

A revista *Careta* permite problematizar tanto as formas de representação e a apresentação dos componentes das charges, quanto os padrões sociais com os quais se identificava seu público leitor.

Para analisar as charges e também as piadas incluídas nas edições publicadas dentro do recorte temporal escolhido, faz-se necessário levar em conta diferentes formas de humor, como funcionam e produzem o riso, e ainda, se levarmos em consideração os objetivos deste trabalho, as formas como podem reproduzir estereótipos sociais.

## 1.2 CHARGES E RISO

O termo charge originou-se do verbo francês “charge”, que tem como significado carregar, exagerar. Como substantivo, o termo é também utilizado como sinônimo de caricatura. Nesse sentido, a charge seria a denominação francesa para caricatura, já que esta se difundiu amplamente na imprensa francesa, obtendo ali um relativo êxito.

A charge se refere a uma forma de representação humorística, caricatural e de caráter potencialmente político, que satiriza um fato específico. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa a charge é uma crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política (2001, p.580). Ou, ainda, de acordo com Joaquim Fonseca, com trabalhos voltados para Caricatura, a imagem gráfica do humor charge é na perspectiva de um artista plástico e jornalista, uma representação pictórica de caráter burlesco e caricatural em que se satiriza um fato específico, podendo ser de caráter político ou não mas que seja de conhecimento público (1999, p.26).

Portanto, o leitor da charge, para decifrá-la, irá tomar os acontecimentos divulgados nos veículos de comunicação e no desenho e assim interpretar a charge.

Segundo Marlene Teixeira, com estudos voltados para análise do discurso e psicanálise, a charge se designa um discurso que emerge de uma ruptura com uma determinada situação real e que produz através de um personagem diferente do sujeito uma identidade entre eles, tornando visível, através do sentido, uma verdade que a razão oculta. A diferença produz sentido (2005, p.76).

Para Edson Romualdo, autor de dissertação de mestrado na área de Lingüística, direcionando seus estudos para charge, explica que o texto chárgico, além da facilidade da

leitura, diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente humor.

Para Romualdo a charge pode ser entendida “como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal (2000, p.21). A partir dessa concepção de charge, esse autor a diferencia da caricatura. Na sua avaliação, a caricatura não visa prioritariamente à crítica, mas o humor. Sua função crítica se esvaziou historicamente em decorrência da progressiva especialização da linguagem da charge.

Segundo Marlene Teixeira (2005) em relação à charge, entende-se que a caricatura se transformou apenas num gênero de humor gráfico despolitizado. Sua função é tão-somente introduzir desordem na ordem corporal do sujeito, intensificar, nos contornos de sua superfície externa, curvas e limites que denunciam singularidade na sua cartografia pessoal (TEIXEIRA, 2005, p.93).

Segundo José Almeida a charge está entre o chiste e o cômico. A comicidade se interessa pelo feio, em qualquer uma das suas manifestações. Se o que é feio for escondido, deve ser revelado à luz da maneira cômica de olhar as coisas, se é pouco notado, deve ser apresentado e tornado óbvio, de modo que permaneça claro (ALMEIDA, 1998, p.56).

A charge apresenta alguns aspectos do riso de zombaria, um dos tipos de riso existentes.<sup>7</sup> A charge busca desnudar aquilo que está oculto, dando, pelo humor, uma outra visão sobre um acontecimento ou pessoa. Ao caricaturar um personagem político, o chargista usa de forma hiperbólica as linhas e faz, sublinhando certos traços físicos do caricaturado, um julgamento de valor (ROMUALDO, 2000, p.75). Portanto, a charge, é um meio de mostrar os defeitos velados dos caricaturados. Além da caricatura, estão presentes frequentemente nos textos das charges a paródia, o exagero, o malogro da vontade das personagens, que são como elementos causadores do riso de zombaria (ROMUALDO, 2000, p.76).

Um dos traços mais marcantes da charge é a ironia, que tem como função criticar, impressionar e provocar humor. Sugere uma intenção depreciativa ou sarcástica, produzindo um humor relacionado ao riso de zombaria. Como bem lembra Propp, a ironia é um riso que se leva a sério, é um riso que zomba, mas não de si. Ela goza da cara dos outros (1992, p.42).

Para Propp (1992), o riso acontece na descoberta dos defeitos exteriores, quando é percebido um sinal que contraria as regras morais e físicas, presentes nas desproporções,

---

<sup>7</sup> Segundo Edson Romualdo, existem diversos tipos de riso. A tipologia estabelece seis tipos principais: o riso de zombaria, o riso bom, o mau ou cínico, o alegre, o ritual e o imoderado (2000, p.70).

destruindo a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio. Por isso as charges mostram os caricaturados como seres ridículos e derrisórios, ou seja, como pessoas de quem se deve rir. E tornar uma personalidade pública objeto de riso não é ato fortuito, mas ação carregada de implicações políticas (PROPP, 1992, p.50). A comicidade, segundo Propp (1992), está ligada à operação mental de rebaixamento do outro, da pessoa de quem se ri.

É através dos desenhos e dos textos que os acompanham, que o chargista constrói elementos que ironizam, informam e fazem rir. Com isso, o leitor deve ter em seu repertório o conhecimento necessário para a compreensão da intertextualidade.

De acordo com Edson Romualdo, as charges devem seguir regras gramaticais, como coerência e coesão (2000, p.70). A maioria das charges é feita dentro de um único quadro, facilitando a leitura e, assim, a charge cumpre sua principal função que é estimular o riso. Romualdo afirma quando o chargista é observador, ele irá construir, através do desenho, um texto crítico contundente e revelador (2000, p.75). Por meio das ações expostas no desenho e na linguagem, que o chargista procura provocar no leitor o riso, a inquietude e a reflexão.

Segundo Joly, as charges solicitam a imaginação do público, favorecendo a descoberta de pontos comuns até então insuspeitados, provocando no leitor novas leituras (1996, p.22). Para a autora, as charges podem desencadear diferentes interpretações, mas isso não significa qualquer interpretação, pois há elementos formais, sejam eles lingüísticos ou pictóricos, que direcionam os sentidos ali presentes (1996, p.25).

Assim o funcionamento humorístico das charges consiste no exagero de certos traços de indivíduos ou acontecimentos junto à chacota, à ironia e à zombaria originárias também do discurso lingüístico.

O discurso das charges também não se resume apenas ao aspecto iconográfico, mas as palavras também exercem sua função. As legendas e títulos contidos nas charges da revista direcionam de certa maneira o olhar analítico do leitor. Ambos os discursos compõem a trilha humorística das charges, a qual procuramos captar no presente trabalho. Para tanto, fundamental é levar em conta na análise as especificidades das charges como fontes históricas.

A análise das charges ainda é um desafio para o historiador, pois demanda procedimentos metodológicos próprios. Segundo o historiador Marcos Silva, ao se trabalhar com fontes imagéticas deve-se articulá-las com seus contextos sociais. Elas não devem ser tomadas como ilustração ou reprodução da realidade, mas como uma possível fonte histórica (SILVA, 1991/1992, p. 117).

Nesse sentido, Marcos Silva afirma que o apelo a diferentes imagens pelos historiadores não pode significar a ausência de debates sobre procedimentos metodológicos básicos de seu campo de saber, articulando-os a contextos sociais em que aluaram e atuam, garantindo o efetivo debate crítico com diferentes patrimônios e memórias (1991/1992, p.118).

Para compreendermos melhor a imagem dos judeus nas décadas de 30 e 40, analisaremos algumas charges da Revista Careta, que através de uma perspectiva humorística, porém carregada de ideologia crítica, retrata bem a imagem estereotipada do imigrante judeu no período citado.

Entendemos aqui que o discurso das charges não se resume apenas no aspecto da imagem, mas o as palavras também exercem sua função que por si é essencial. As legendas e títulos contidos nas charges da revista direcionam de certa maneira o olhar analítico do leitor. Concordamos com o fato de que a charge pode desencadear diferentes interpretações, mas isso não significa qualquer interpretação, pois há elementos formais (lingüísticos ou pictóricos) que direcionam os sentidos ali presentes (SILVA 1991/1992, p.120). Assim o funcionamento humorístico das charges consiste no exagero de certos traços de indivíduos ou acontecimentos juntamente com a chacota, a ironia e a zombaria originárias também do discurso lingüístico.

A charge pode ser compreendida como um texto visual relacionado a fatos e acontecimentos políticos. De acordo com Marcos Silva a charge remete a acontecimentos e personalidades do mundo político nacional e também internacional com a intenção de abordar fatos e acontecimentos específicos para elaborar um comentário crítico (1990, p.15).

Tentamos identificar na análise das charges, seus personagens, situação, contextualização histórica que levou à elaboração da charge, se defende alguma ideia e principalmente o papel do discurso.

Esta compreensão fica mais clara ao analisarmos, por exemplo, a charge abaixo, publicada em edição de 1931 na Revista Careta. A charge tem como mote a ideia da imigração como ameaça para a economia interna do Brasil. A charge apresenta, no plano principal, um ministro do governo Vargas travando uma porteira, impedindo assim a entrada de trabalhadores estrangeiros. Este sentido é dado pelo título “Fechando a porta à imigração”. O fato do ministro estar com águas até os joelhos e de fechar a porta transmite a ideia de que conter a imigração poderia evitar maiores problemas. E o problema seria a miséria, como esclarece o trabalhador rural, o qual aparece no canto superior direito da charge. Ele, com enxada nos ombros, dirige-se ironicamente ao ministro: “Muito bem, seu ministro, vamos

curtir nossa miséria sozinhos. Não precisamos compartilhar com estrangeiros”.<sup>8</sup> As imagens, o título e as falas dos personagens fazem da imigração um problema a ser encarado pelo governo federal o qual, na charge, aparece sendo apoiado pelo trabalhador nacional. A charge, entretanto, através da fala irônica do trabalhador, tem um propósito crítico ao se referir à miséria compartilhada com outros brasileiros.



Revista Careta nº 1176, 3/01/1931 p.27

Para além da análise interna das charges e dos contextos aos quais se relacionam e dos quais se referem, há que se considerarem os contextos do leitor. Para Edson Romualdo, a decodificação de uma imagem está ligada a elementos de natureza diversa como tempo, instrução, idade, cultura, sociedade e ambiente em que se dá a comunicação do leitor. A decodificação e a compreensão da charge dependerão desses vários contextos do leitor (2000, p.70).

---

<sup>8</sup> Teremos um item no capítulo 2 que tratará de charges voltada para questão da política imigratória no qual analisando outras charges.

Cada época e cada cultura possuem seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas. Épocas diferentes criam sentidos específicos de humor, de acordo com as mudanças de valores socioculturais. Para Edson Romualdo com o passar dos anos, por causa das transformações constantes que vivem as sociedades, o contexto social modifica-se e, por isso, quando são revistas charges antigas não se compreende muitas vezes a intenção e o humor desses textos. Fica difícil rir do que não se conhece. Por isso tentamos levar um contexto social e histórico de cada período em que as charges analisadas foram publicadas. Percebemos que nem todas as charges estão preocupadas com o contexto histórico. Esse posicionamento é algo particular que depende de cada chargista.

Nesta dissertação procuraremos compreender o funcionamento do discurso chargístico na perspectiva do interdiscurso, partindo da ideia de que o discurso da charge se inscreve num espaço de negociação entre vários discursos propostos pelo chargista. O interdiscurso determina os efeitos de sentido possíveis de serem estabelecidos em relação ao objeto analisado. Segundo Orlandi (1987), existe o dito e o não dito. Nessa perspectiva que analisamos as charges.

### 1.3 PIADA E RISO

A análise de piadas é bastante desafiadora e também muito instigante porque por intermédio de abordagens teóricas consistentes, possibilitam trabalhar com uma forma de expressão comunicativa popular, não só da cultura brasileira, mas universal. No entanto, a piada nos coloca diante de um problema de ordem teórica e metodológica, já que apresenta características intrínsecas singulares, devidas à grande convergência interdisciplinar do humor e, em parte, à dinâmica da linguagem verbal.

Pela definição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa “piada é dito ou alusão engraçada, história curta de final surpreendente, às vezes picante ou obscena, contada para provocar risos” (2001, p.2205).

Nesta pesquisa analisamos a piada impressa, ou seja, um complexo textual, tanto do ponto de vista de sua organização interna como estrutura, coesão, coerência, textualidade, tema, intenção, personagens, etc., quanto do ponto de vista de sua regularidade discursiva. Principalmente pela coesão e coerência (FÁVERO, 2006, p.9). A coesão é vista a partir dos indicadores estruturais da seqüência superficial e lingüística do texto, os quais revelariam o

caráter linear da organização seqüencial (FÁVERO, 2006, p.9). A coesão seria, portanto, um componente nitidamente sintático e gramatical, pois se refere aos modos como os componentes do universo textual, isto é, as palavras que ouvimos ou vemos, estão ligadas entre si dentro de uma seqüência (FÁVERO, 2006, p.10).

Já a coerência refere-se aos modos como os componentes do universo textual, isto é, os conceitos e as relações subjacentes ao texto de superfície, se unem numa configuração, de maneira reciprocamente acessível e relevante (FÁVERO, 2006, p.10). A coerência seria, então, um componente da semântica, capaz de fazer com que uma seqüência lingüística qualquer seja vista como um texto, pois seria ela que permitiria estabelecer relações entre os elementos constitutivos desta seqüência e a constituição da unidade significativa global. Portanto, a coerência converteria qualquer seqüência lingüística em textualidade (TRAVAGLIA, 1995, p.95).

Travaglia, com estudos voltados para constituição dos sentidos nos textos e seus fatores, que os elementos lingüísticos, o conhecimento do mundo e as inferências, são importantes para análise da piada. Afirma ainda serem necessários outros elementos reguladores das ações sócio-comunicativas, tais como intencionalidade, informação, eficácia, dialogo, entre outros, elementos que vão costurar a textualidade da piada, da novidade da narração e, conseqüentemente, ao cômico (1995, p.98).

Uma piada é coerente, então, quando apresenta uma configuração compatível com o conhecimento de mundo do interlocutor. Em geral, podemos dizer que no contexto de interpretação da piada o ouvinte é co-responsável pela textualidade produzida pelo narrador (TRAVAGLIA, 1995, p.115).

Kassandra Muniz (2004), em dissertação de mestrado “Piadas: Conceituação Constituição e Práticas, um estudo de um gênero” atuando na área de Lingüística analisa piadas e se pauta em duas perspectivas: a anglo-americana, que privilegia a análise do gênero a partir do conceito de texto, e a francesa, que adota o termo discurso em suas análises. Como a piada detém a função social de entretenimento humorístico do ponto de vista discursivo, ela ressalta o quanto de ridículo existe em um evento, um objeto, uma pessoa, uma ideia ou um comportamento do mundo real (MUNIZ, 2004, p.35).

Diferentemente da conversa séria, por ser improvisada, a piada é uma narração de cunho ficcional, escrita ou oralmente verbalizada, caracterizada pela elaboração prévia e pela dimensão comunicativa de entretenimento crítico.

A piada prevê a participação efetiva do interlocutor que, engajado no processo comunicativo, e baseados em conhecimentos, comportamentos, crenças, convenções e valores

sociais e culturais, e fazendo uso de processos cognitivos eficazes, constrói significados pragmáticos de cunho humorístico.

Para Kassandra Muniz, a piada pode ser de dois tipos: a primeira é a situacional, aquela que surge de uma situação específica, espontânea, e está relacionada a processos interpessoais em curso. Ela corresponde ao chiste. Já o segundo tipo é a piada estereotípica, que é a piada que já foi contada em alguma ocasião e seu conteúdo é independente do contexto em que se a narra (2004, p.80).

Outro elemento de grande importância é a narração da piada. Piada, para Isabel Cristina Ermida, é um relato de acontecimentos, reais ou fictícios, no interior do qual se desenvolve uma intriga, ou seja, um enredo (2002, p.150).

Segundo Isabel Cristina Ermida (2002), a narração se caracteriza pela ação dos personagens, cuja presença desempenha uma ou mais funções narrativas, que podem ser agente, vítima, benfeitor ou beneficiário. Na narração, o tempo e o espaço definem, situam e localizam o interlocutor, a fim de que este faça um reconhecimento daquilo que a história narrada propõe evidenciar. Portanto, se a narrativa se passa no campo, cria-se uma expectativa para o enredo e para os personagens; se ela se passa em uma grande cidade, mudam-se as expectativas sobre o enredo e sobre os personagens.

Para Muniz (2004), a estrutura textual da piada é determinante para a caracterização do gênero, uma vez que é por meio dela que os gêneros humorísticos melhor se diferenciam. A estrutura da piada é, pois, constituída inerentemente pelo tipo narrativo. Geralmente apresenta forma de diálogo precedido por uma contextualização do lugar, tempo e identidade social e cultural dos personagens. A função primeira do gênero seria, ainda segundo a autora, a de fazer rir, de divertir o interlocutor, mas haveria uma função velada que poderia ser a de denunciar práticas discriminatórias ou mesmo perpetuá-las.

O modelo de piada que analisaremos nesta pesquisa é a de um texto relativamente curto publicado em periódico, em que os personagens atuam num jogo de contraste lingüístico, cognitivo e pragmático, desempenham um papel vinculado à ação intersubjetiva, cuja força engendra o caráter humorístico de um ato de fala (ERMINA, 2002, p.158).

De acordo com Célia Maria Gil, uma piada diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas demais, isto é, em palavras que são insuficientes do ponto de vista da estrita lógica ou dos modos usuais de pensamento e de expressão (1998, p.299).

Tais reflexões nos permitem conceituar a piada como um gênero narrativo ficcional que tem a função comunicativa de um entretenimento humorístico crítico, irônico, de sátira

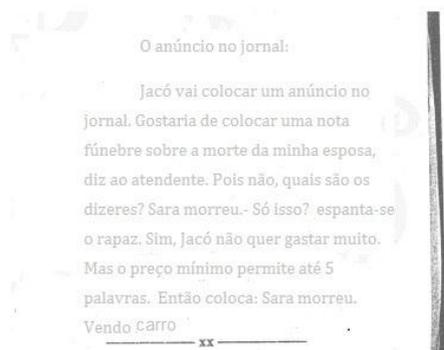
social ou política sobre o comportamento de uma comunidade, uma vez que ressalta temas que envolvem crenças, convenções, tabus, status, poder, moral e valores identitários culturais. Nessa perspectiva, a piada se caracteriza pela intenção de ridicularizar um evento, um objeto, um indivíduo, uma ideia ou um comportamento dos indivíduos do mundo real, e sua realização ou representação em um mundo provável ou possível, enfatizando sempre e apenas um desses mundos.

Diferentemente da conversa séria, que, por ser improvisada, se remodela cognitiva, espacial e temporalmente à medida que a conversa evolui, a piada é uma narração que se manifesta principalmente pela elaboração textual prévia que prevê a participação efetiva do interlocutor que, engajado no processo de compreensão, com base nos conhecimentos, comportamentos e convenções sociais e culturais e pelo uso de processos cognitivos eficazes, constroem significados pragmáticos de cunho humorístico, gerando uma visão preconceituosa (ALBERTI, 2002, p.120).

Como base no que foi dito até aqui, piada é um texto que apresenta um conjunto de características que fazem parte de um conhecimento compartilhado. A expressão da piada pode se tornar uma via do racismo. Esta parece ter sido uma saída, historicamente adotada, para o dilema das relações raciais no Brasil (ALBERTI, 2002, p.132).

Como exemplo, escolhemos a piada extraída de uma edição de outubro de 1936 da revista *Careta*, intitulada “O anúncio no jornal”. Segue o teor da piada:

Jacó vai colocar um anúncio no jornal. Gostaria de colocar uma nota fúnebre sobre a morte da minha esposa, diz ao atendente. Pois não, quais são os dizeres? Sara morreu.- Só isso? espanta-se o rapaz. Sim, Jacó não quer gastar muito. Mas o preço mínimo permite até 5 palavras. Então coloca: Sara morreu. Vendo carro.



Careta. Nº 1477. Rio de Janeiro: Kosmos. Outubro de 1936, p.15

Temos na piada acima a ideia do judeu sovina, sem sentimentos, sempre preocupada com o dinheiro. Ao anunciar a morte de sua esposa, simultaneamente anuncia a venda do carro.

A informação implícita e que gera o humor na piada é a identificação étnica do judeu como avaro, vocacionado para as atividades comerciais, para a economia e negociação. A piada mobiliza concepções construídas social e historicamente e que associaram aos judeus, portanto, a um grupo étnico, determinadas representações negativas.

Devido ao seu caráter intermediário entre realidade e irreabilidade, seriedade e brincadeira, o riso pode permitir a veiculação de estereótipos em uma lógica inconsciente. As piadas refletem diferentes visões de mundo que instrumentalizam o jogo de forças dos processos de exclusão e inclusão entre os grupos sociais. Nesse contexto, o riso se torna fundamental na medida em que representa a aprovação dos grupos sociais aos valores e concepções subjacentes às piadas.

O riso implica dimensões distintas: apresenta um aspecto individual e um aspecto coletivo, os quais são intimamente associados. De acordo com Minois (2003), o riso se a figura como ressonância individual do significado socialmente construído, que se cristaliza nas piadas. Estas são produções socioculturais que traduzem significados e relações sociais estabelecidas historicamente.

A ideia do risível como algo desviante e incongruente e de sua condição de oposição e de subordinação ao sério, ao verdadeiro, são recorrentes na história do pensamento ocidental

(MINOIS, 2003, p.150). O riso, enquanto reverberação da piada racista, tem servido para apaziguar temores, reduzir tensões, fortalecer vínculos, efetuar exclusões, transgredir normas sociais (MINOIS, 2003, p.174). Seu objeto, em geral, é negativo e seu lugar é um lugar de desprestígio.

Segundo Minois (2003), o riso recebe um estatuto inconsciente. Ainda de acordo com o autor, inscrito na ordem do não-sério, do indizível, o riso reforça a importância da emoção, atestando os limites da razão na sua tentativa de apreender a realidade. Ele pode remeter a uma realidade inconsciente que divide com o consciente a totalidade da realidade e da vida psíquica, cujo conteúdo pode se tornar passível de compreensão pela razão.

A teoria freudiana fornece elementos que permitem inferir uma função à piada ou chiste, que consiste no alívio para tensões psíquicas. No caso da piada, ocorre uma liberação do preconceito racial reprimido sob um tom de brincadeira, de modo sutil e disfarçado, a fim de não afrontar as censuras que se lhes opõe. O riso parece constituir, assim, uma solução inconsciente para o dilema que envolve a questão do racismo no Brasil. Ele parece conter, de forma ambivalente, prazer e angústia. O riso é catártico ao mesmo tempo em que traduz um incômodo silenciado e, muitas vezes, desconhecido.

Uma perspectiva distinta, assentada em estudos sociológicos e antropológicos, atribui, com maior frequência, um caráter transgressor ao riso. É ressaltada sua importância para organização social tornando-se uma via socialmente instituída de transgressão para garantir, em última instância, a preservação da ordem e das normas sociais.

Em outra posição temos o estudo desenvolvido por Mikhail Bakhtin (1987), cuja teoria realça o caráter positivo do riso, visto como expressão de alegria e de contestação frente aos poderes dominantes. Lipovetsky (2005) denomina a sociedade do século XXI de sociedade humorística, caracterizada pela imposição social de um código humorístico nas mais diversas áreas, que produz um humor lúdico e não mais satírico, no qual se observa um maior controle sobre a vazão agressiva dos risos que encontram no outro seu objeto. Para Lipovetsky, o outro deixa de ser o alvo privilegiado dos sarcasmos, as pessoas riem muito menos dos vícios e defeitos alheios (2005, p.119), cabendo agora ao eu a titularidade desse lugar.

Ao tratarmos de alteridade<sup>9</sup> e de como podem ser construídas através do humor, atentamos para a noção de estereótipo. Os estereótipos presentes nas piadas são justamente a

---

<sup>9</sup> Alteridade parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende sozinho, é a do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro. Em uma visão expandida se torna o Outro.

materialização da forma discriminatória e racista com que identificamos o Outro, isto é, são os reflexos da nossa rejeição da alteridade. Segundo Homi Bhabha, os estereótipos negam a relevância que a diferença, a heterogeneidade e a alteridade possuem no processo de constituição da identidade, pois, subjacente a esse conceito, está a pressuposição de sujeitos constituídos por identidades puras, limitados a um conjunto irreduzível de características (1998, p.70-104).

Possenti nos sinaliza para essa relação extremamente produtiva entre humor-identidade-estereótipo:

Ainda mais relevante do que explorar a associação entre humor e identidade é, a meu ver, a hipótese de que tal identidade esteja sempre representada nas piadas através de estereótipos (...) Piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade –estereotipada, vale repetir. A razão é que estes tipos de textos sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para uma sociedade (1998, p.156-157).

A forma como determinadas identidades estereotipadas são representadas nas piadas reflete imaginários sociais acerca delas, pois as piadas devem, necessariamente, para assim serem consideradas, se encontrar com uma comunidade de sentidos.

Para Bergson, ao atribuímos, nas piadas, uma identidade fixa aos sujeitos nelas representados, estamos lhes tirando a possibilidade de ser além do que nós, através de nossa visão estereotipada e limitada, estabelecemos que eles sejam (1987, p.74).

O humor vai ser justamente a prática discursiva na qual poderemos encontrar com mais recorrência identidades estereotipadas, porque, por nos julgarmos livres de quaisquer coibições (BAKHTIN, 1987, p.54), onde o humor assemelha-se ao Carnaval, permitindo que as regras sejam transgredidas, deixamos aflorar a forma, a partir dos nossos preconceitos e limitações, como atribuímos identidade ao Outro. Lembrando que o humorista não está imune, podendo existir censura para piada de “mau gosto”.

Em torno da piada racista, o riso instaura certa sociabilidade que tem como fundamento a desqualificação do objeto risível e o prazer catártico resultante da sua inscrição nesse lugar. A importância conferida ao riso se reflete, em grande medida, no seu caráter estruturante e instrumental dentro do processo de socialização que lhe permite transitar entre realidades de naturezas distintas, o psíquico e o social, o inconsciente e o consciente, o jocoso e o sério de forma que as enrede (TRAVAGLIA, 1995, p.88).

A piada anteriormente citada, assim como as outras que serão analisadas ao longo dos capítulos 2 e 3, são frutos de um processo histórico, já que os discursos excludentes presentes nas piadas são o resultado de condições sociais e históricas.

## CAPÍTULO 2

### A CONSTRUÇÃO DO OUTRO

Neste capítulo desenvolvemos análise de charges e piadas da revista *Careta* que tematizam o judeu, baseadas em referencial teórico sobre a noção de alteridade. Pretendemos perceber como os judeus são representados enquanto alteridade, ou seja, como se constrói a imagem de um Outro, sobretudo a partir de algumas caracterizações físicas e comportamentais que lhe são atribuídas. A análise das fontes foi organizada em três itens, nos quais se discutem suas conexões com dimensões da política da eugenia e da política imigratória, assim como da política e economia brasileiras no período.

As charges e piadas da revista *Careta* são perpassadas por diversas ordens discursivas. Neste aspecto, a revista é entendida não meramente como um periódico de divulgação de determinados discursos. A revista participa na constituição destes discursos, os quais, ao mesmo tempo em que são constituintes da realidade social, são constituídos pelo social.

Partimos do pressuposto de que todo discurso e toda enunciação não encerram em si mesmos um significado, porque esse é construído na interação discursiva entre os indivíduos. Os significados que constroem as identidades culturais são definidos pelos posicionamentos dos participantes de uma interação discursiva, que também ocorre durante a leitura. É no modo como as pessoas se posicionam e são posicionadas no discurso que podemos reconhecer o poder das práticas discursivas, como ação de uns sujeitos sobre outros (DEALTRY, 2002). São nessas práticas que o conhecimento das pessoas sobre elas mesmas e sobre os outros é construído.

É fundamental lembrar que os posicionamentos discursivos ocorrem dentro de relações de poder e, portanto, de relações mais ou menos assimétricas. Essas relações são definidas “em termos de direitos, deveres e obrigações da fala, que se relacionam com as forças sociais que atuam sobre aquilo que pode ser dito e tais propriedades morais são situadas e momentaneamente específicas” (SEGATO, 1999, p.50-69). Isso significa que, sendo contingente, todo e qualquer posicionamento, como o de charges e piadas, produz-se a partir de um lugar, de uma circunstância histórica, temporal e espacial, implicado que esteja comprometido, marcado e ideologizado:

Posicionar-se, posicionar-nos como sujeitos, parece sugerir o fato de interrogar(-nos) pelo lugar desde o qual parte o olhar – e não pelo que é efetivamente olhado – e pelos efeitos culturais necessariamente vagos, imprecisos, que supõe a trajetória conseqüente do olhar e os significados que, então, são atribuídos (SKLIAR, 2003, p.70).

Desse modo, nosso olhar e o olhar do Outro sofrem uma espécie de controle, de regulação, que vai determinar para onde olhar, como olhamos o Outro, como o Outro nos olha e, nesse olhar, quem tem o poder de nomear quem (SKLIAR, 2003, p.68). O ato de olhar e de ser olhado demarcará o que estaremos sendo e o que o Outro estará sendo naquele momento, naquela circunstância. Isso nos remete ao fato de que “os direitos de posicionar o Outro são distribuídos de modo desigual, não sendo todas as situações que permitem um posicionamento intencional dos participantes” (SEGATO, 1999, p.23).

Nas charges e piadas contidas na revista *Careta* olhares são repassados para a sociedade. Embora nosso enfoque esteja no olhar sobre o Outro, nesse caso, os judeus, é relevante considerar que através destes olhares os cartunistas também definem o que não deve ser o brasileiro. Skliar (2003) sugere que a construção das identidades é relacional, pois alguém é na medida em que não é o Outro, ou seja, na medida em que se diferencia do Outro. Parece haver aí uma relação de dependência da diferença, pois somos o que somos em relação ao Outro (SKLIAR, 2003, p.102). É a partir do Outro que tomamos consciência de nós mesmos, justamente onde somos diferentes.

No entanto, as identidades se configuram como fluidas, contingentes, fragmentadas, podendo caracterizar-se antagônica e contraditoriamente (SKLIAR, 2003, p.103), pois, também descobriremos os Outros em nós mesmos e, através dessa identificação, percebemos que não somos “uma substância homogênea e radicalmente diferente de tudo o que não somos nós mesmos” (TODOROV, 1999, p. 32). Assim, por meio do encontro com o Outro compreendemos nossa situação no mundo e se possibilitamos também a transformação de nossas identidades (SEMPRINI, 1999, p.115).

Na análise sobre a construção de diferenças e de identidades culturais através de charges e piadas da revista, temos que considerar que estamos tratando disso num plano pertencente à sociedade brasileira, que compartilha significados sobre a realidade, comportamentos e procedimentos. Nas palavras de Stuart Hall, falamos de “experiências históricas comuns e códigos culturais compartilhados” (2005, p.51). Castells também sugere que a identidade cultural é “a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 2001, p.22). Ou seja, é fonte de significados comuns estabelecidos por características culturais

e que se relacionam com uma experiência compartilhada entre indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade.

Ao pensar em experiências históricas comuns e compartilhamento de significados, deparamo-nos inevitavelmente com a influência do fator tempo, uma vez que ao longo do tempo vão sendo construídas e reconstruídas identidades culturais, na interferência com outras culturas. As identidades culturais se constituem num processo de permanente transformação, isto é, de permanente (re)construção (SKLIAR, 2003, p.115). É por isso que se prefere falar de “identidade como ‘produção’”, marcando seu caráter de incompletude e de possibilidade de (re)constituição (HALL, 2005, p.51)

Contudo, de acordo com Skliar, “as identidades não flutuam livremente; elas são limitadas por bordas e fronteiras” (2003, p.3). Essas “fronteiras podem se referir a ou consistir em áreas geográficas, pontos de vista políticos ou religiosos, categorias ocupacionais ou tradições culturais e lingüísticas” (SKLIAR, 2003, p.11). A fronteira é aquilo que não faz parte da experiência comum, é o Outro que não compartilha determinada experiência.

Entendemos, dessa forma, que hoje não é possível compreender as identidades culturais como essências estáveis. Por outro lado, reduzi-las à pura contingência e particularidade significaria perder a historicidade do sujeito, ou seja, como o sujeito está construído sócio-historicamente (BANNEL, 2003, p.25).

Pensar as identidades dentro dessa tensão dialética é importante, pois é um longo e permanente processo de (re)construção. Como aponta Skliar: “a necessidade de construção do Outro (...) é, além disso, uma necessidade de matar física, materialmente e matar simbolicamente o Outro” (2003, p.120). Essa pode ser uma das razões porque a história está marcada por massacres, ditaduras que produzem genocídios e escravidão, que, ainda hoje ocorrem com minorias de diversas etnias.

As identidades culturais se relacionam também com experiências passadas: “identidades são os nomes que nós damos para as diferentes maneiras como somos posicionados e nos posicionamos a nós mesmos, nas narrativas do passado” (HALL, 2005, p.51). Em relação aos judeus, um processo histórico resultou na ideia de uma essência maléfica inicial e se constrói em relação e em oposição às identidades da metrópole e, conseqüentemente, lhes foi imposta a necessidade de rejeitar seus valores - diminuídos, ridicularizados, obscurecidos, finalmente desconstruídos - e a valorizar, respeitar, assumir a cultura metropolitana (SKLIAR, 2003, p.81). Muitas identidades culturais judaicas ainda são marcadas por construção de identidades negativas ou até pejorativas dentro de vários contextos sociais.

É, portanto, numa relação de poder bastante assimétrica que se constrói a imagem negativa do Outro. E essa negatividade é continuamente reforçada dentro de uma política que seleciona o que se diz, como se diz, o que não deve ser dito, para que se possa ter também uma imagem positiva de si mesmo. Quando esse poder se traduz em abuso de poder, “o lugar da diferença parece não ter lugar” (SKLIAR, 2003, p.114). De acordo com esse autor o Outro é parte de uma estratégia de contenção, na qual é citado, enquadrado em estratégias de imagem, mas não cita a si mesmo, nem pode interferir nos jogos de (contra) imagens estabelecidos pelo poder (SKLIAR, 2003, p.114).

Os regimes de verdade (FOUCAULT, 2000), as ordens discursivas que respaldam a hegemonia, multiplicam-se e se reproduzem nos discursos naturalizados nas instituições, nas escrituras, em todo tipo de propaganda. Uma multiplicidade de vozes que repetem o mesmo discurso, confirmando, corroborando e legitimando práticas de exploração e de coação, garantem políticas econômicas e de supremacia. Dessa maneira, o natural facilmente se reveste de neutro. Dentro da lógica hegemônica, constrói-se a lógica da neutralidade.

Buscaremos, a seguir, evidenciar essa construção do Outro através de charges e piadas da revista *Careta*, no caso, os judeus, durante um contexto singular da história nacional em que se investiu, através de discursos e práticas, na configuração de uma Nação brasileira, a ser constituída, entre outras formas, através de pressupostos da eugenia e da seleção de imigrantes.

## 2.1. CORPOS INDESEJADOS: REPRESENTAÇÕES DO CORPO DOS JUDEUS NAS CHARGES

Os debates sobre a questão da eugenia surgiram no Brasil durante as décadas de 1910, 1920 e 1930, devido às preocupações do Estado com a saúde, o saneamento, a higiene e a situação racial da população. Os primeiros debates apareceram no início da década de 1910, com pequenos artigos publicados na imprensa carioca e paulista. Em 1914, o médico Alexandre Tepedino apresentou à Academia de Medicina do Rio de Janeiro a primeira tese sobre eugenia, intitulada *Eugenia* (KEHL, 1935, p.23). Como Renato Kehl - fundador do movimento no Brasil - alegava que lhe parecia que a questão não lograra interessar aos homens de ciência, aos jornalistas e estudiosos, a doutrina teria, talvez, sido mal compreendida.

O movimento eugenista no começo da década de 30 se deslocaria de São Paulo para o Rio de Janeiro, onde ganharia novo fôlego em meio ao crescente nacionalismo que estimulava grande parte da intelectualidade local. Os intelectuais do movimento eugenista, como Renato Kehl, Arnaldo Carvalho e outros, estavam convencidos de que a eugenia poderia estabelecer uma nova ordem à pureza racial.

A elite brasileira entendia que a eugenia poderia desempenhar um papel importante no sentido de auxiliar a “regeneração nacional”. Baseada na eugenia acreditava que o Brasil iria seguir o trilho do progresso e o entraria no hall das nações civilizadas. De acordo com Stepan, os intelectuais, aproveitando esse momento favorável, juntaram-se ao movimento sanitarista com objetivo de conquistar força em prol da divulgação da eugenia e assim expandir suas ideias (2004, p.351).

A eugenia era entendida como um instrumento para “regenerar a saúde física, mental e moral da população” (STEPAN 2004, p.348). Segundo o mesmo autor, médicos psiquiatras pertencentes à Liga Brasileira de Higiene Mental assumiram o ideário científico da eugenia como discurso fundamental de seus projetos. Em grande medida isso ocorreu porque os problemas sociais como a criminalidade, prostituição, vícios e pobreza eram cada vez mais associados ao patrimônio hereditário, o que fazia com que os intelectuais e boa parte da elite acreditassem no importante papel que a eugenia poderia desempenhar para “regenerar” a população nacional (STEPAN, 2004, p.349).

A década de 30 foi fundamental para as pretensões dos eugenistas brasileiros. Em janeiro de 1930, após ter publicado uma série de trabalhos sobre eugenia, Renato Kehl passou a publicar, sob sua propriedade e direção, o Boletim de Eugenia. O debate sobre suas concepções científicas foi ampliado, com fortes concepções neolamarckistas, darwinistas, weisnistas e mendelianas (STEPAN, 2004, p.350). Para Kehl (1933), não haveria solução para os males sociais fora das leis da biologia. Assim escreveu: “não há política racional, independente dos princípios biológicos, capaz de trazer paz e felicidade aos povos. Eis, por que, a política, por excelência, é a política biológica, a política com base na eugenia”(KEHL, 1933, p.32).

Com a Revolução de 1930 passou a existir um novo cenário político e ideológico que ajudou a expandir o espaço político e intelectual para a propaganda eugênica. O discurso eugenista brasileiro na década de 1930 teve um grande vigor, preparado para alçar vôos mais ousados através da eugenia radical que vinha empolgando todo o norte da Europa e dos Estados Unidos. Utilizando como retórica um discurso extremamente nacionalista, o movimento eugenista procurava associar a eugenia à política nacional.

Com uma nova expectativa de se criar o “novo homem brasileiro”, procurou-se seguir alguns princípios da eugenia, baseado no modelo europeu (CARNEIRO,1988, p.253). Podemos compreender as teorias de Eugenia como uma tentativa de purificar a raça. O povo brasileiro ideal seria o resultado da mistura com o branco europeu. Carneiro afirma que este projeto foi baseado principalmente nos meios acadêmicos, representado ideologicamente por teorias de antropólogos, psiquiatras, militares, médicos, eugenistas, economistas e de outros segmentos de grande influência, que se dedicaram a pensar esta questão para encontrar os responsáveis pelos males que assolavam o país (1988, p.250). Ao se apropriar de modelos oferecidos por teóricos racistas europeus, esses indivíduos ditaram regras que classificavam os negros, os judeus e os japoneses como raças indesejáveis para compor a população brasileira (CARNEIRO, 1988, p.255).

O Estado nacional brasileiro tornou a população brasileira invisível em sua pluralidade e sua diversidade étnico-cultural. Segundo Octávio Ianni, “trata-se de uma valorização ostensiva do europeu, como civilizado, superior, histórico e branco, em face do judeu, negro e cigano” (1999, p.135). Ou seja, durante o Estado Novo permanece o elemento europeu como o ideal racial e cultural.

Diversos intelectuais influenciaram o governo brasileiro, defendendo um branqueamento da população como projeto étnico-político. Em relação aos judeus, Lesser (1995, p.87) relata que as posições sobre a imigração judaica viviam mudando nos anos 1930. Os judeus eram considerados ao mesmo tempo indesejáveis em relação à política de embranquecimento racial do Brasil e desejáveis pelos investimentos financeiros, fundamentais para o desenvolvimento econômico do país.

O governo de Vargas apoiou-se em teorias raciais que almejavam um melhoramento racial da população, com a finalidade de desenvolver seu projeto de modernização. Ele deveria promover o homem brasileiro e proporcionar um crescimento econômico e social. Tal discurso mascarou práticas autoritárias contra indivíduos identificados como ameaça à ordem social e política.

Intelectuais defensores da eugenia entendiam que, para transformar a população nacional, dever-se-ia investir em atitudes radicais, como na esterilização, na pena de morte, num controle rigoroso da entrada de imigrantes, na obrigatoriedade do exame pré-nupcial, na proibição do casamento inter-racial e com portadores de doenças contagiosas, entre outras ações. O corpo não era considerado mero produtor de moralidade, mas também seu transmissor. Caberia ao Estado ordenar os desequilíbrios do corpo (LENHARO, 1986, p.77).

---

Esse discurso do movimento eugenista em prol do melhoramento racial brasileiro deve ser interpretado num contexto mais amplo e numa perspectiva de longa duração. Os ideais políticos de controle sobre a vida da população emergiam como preocupação central (FOUCAULT, 2000, p.95). O intuito dessa política na década de 20 era de combater os fatores da higiene da raça e a vitalidade da Nação, permitindo emergir uma nova raça, pura e civilizada.

Nos anos de 1920 a 1930, as políticas nacionalistas se transformaram em bio-política, e o povo em raça. De acordo com Kehl a pretensão da Eugenia era regenerar os indivíduos para melhorar a sociedade (1935, p.90).

As teorias raciais vigentes na Europa foram recebidas e discutidas no Brasil, acirrando as discussões sobre raça e construção do homem brasileiro nesse período. A questão racial foi discutida, no período varguista, a nível de Estado, mas não tomou a proporção e os mesmos significados que no regime nazista, o qual associou os judeus ao comunismo, aos parasitas, às doenças. De acordo com Carneiro, Vargas recebeu bem o discurso nazista que continha questões ancoradas nas discussões sobre eugenia em relação à questão racial, no qual o judeu era tido como um indivíduo inadequado, portador de doença, de tendência a não aceitar regimes autoritários, e assim colocava em perigo o projeto político de qualquer ditadura. De acordo com Carneiro a progressão da ideologia anti-semita no Brasil, também teve a finalidade de garimpar a simpatia de diversos países europeus, dentre eles a Alemanha Nazista (2001, p.249).

De acordo com a mesma autora, o interesse do Estado brasileiro em subsidiar projetos e pesquisas que tinham a finalidade de revitalizar economicamente o país implicava, naquele entendimento, em forjar indivíduos fortes e saudáveis. De acordo com Carneiro uma série de práticas visava a uma limpeza étnica por meio de políticas públicas que controlassem a imigração de indivíduos indesejáveis (2001, p.260). Parte das elites brasileiras acreditava que a homogenia da raça brasileira igualaria o potencial intelectual da população e, logo, poderia resolver os problemas sociais.

Carneiro salienta que a minoria étnica de judeus que compôs o mosaico brasileiro influenciou religiosamente e culturalmente o país, proporcionando uma importante herança. Por isso, defende que não se pode esquecer ou negar fatos históricos de anti-semitismo ocorridos no país, em que judeus foram considerados como indivíduos de raça inferior, ideologicamente comunistas e religiosamente inimigos da humanidade (2001, p.261).

A Assembléia Nacional Constituinte de 1933, foi local de discussões de teses sobre eugenia, a necessidade do branqueamento da população brasileira e de veiculação de discursos anti-semitismo (STEPAN, 2004, p.287). Um defensor destas ideias foi o médico e

deputado federal Miguel Couto, apoiado por outros deputados médicos, como o sanitarista Artur Neiva e Antonio Xavier. Juntos, eles pediram o fim da imigração dos judeus, considerados degenerados, e “nipões”, considerados amarelos e desnecessários.

Apesar de haver lideranças e movimentos políticos e sociais que defendessem o anti-semitismo, não se pode afirmar que o sentimento anti-semita estava presente em toda população brasileira. Mas as ocorrências de anti-semitismo, embora estivessem associadas a preocupações de ordem social, econômica e nacional de determinadas elites intelectuais e políticas, não foram inofensivas. O pensamento de Gustavo Barroso (membro da AIB e autor de obras anti-semitas), por exemplo, influenciou parte das elites políticas do país. Ele desenvolveu uma teoria das raças, através de uma visão poligenista do mundo, segundo a qual a origem do gênero humano é diversa e tem por base a existência de quatro raças: a negra, a vermelha, a amarela e a branca. Estas raças possuiriam características biológicas (cor da pele, fisionomia, cabelos), culturais (trajes, armamentos, escrita) e geográficas distintas (MAIO 1992, p.105,109). Segundo Barroso, os judeus, chamados por ele como indesejáveis, utilizaram o liberalismo para destruir o espiritualismo cristão, incentivando o egoísmo e o individualismo e gerando a exacerbação dos conflitos.

Algumas charges da revista *Careta* permitem discutir alguns aspectos discutidos até aqui, referentes à questão da eugenia. As charges podem não tratar diretamente do tema da eugenia, mas a própria caracterização física dos judeus representados nos permite algumas considerações sobre a construção de um tipo físico, no caso, tido pelas teorias eugenistas como não ideal para a constituição do brasileiro.

Da seqüência de charges a seguir não fazem parte todas as charges em que a caracterização física dos judeus é visível, até porque, para tanto, teriam que ser inseridas praticamente todas elas, pois determinados atributos físicos se repetem. E é exatamente através da repetição de determinadas caracterizações que se forjam figuras caricatas e que se constrói estereótipos. Foi realizada, portanto, uma seleção de algumas charges no sentido de apresentar os elementos mais constantes na caracterização de um determinado tipo físico “judeu”.

A charge intitulada “O nariz adunco”, publicada em edição de setembro de 1938, retrata, entre outras questões, a problemática do corpo associada aos supostos interesses comerciais dos judeus.

---



### O nariz adunco

— Que é isso, Moisés?

— É que eu quero vender umas cadeiras e um har alemão, e esse nariz não está atrapalhando.

Revista Careta. Nº 1578. Rio de Janeiro: Kosmos. Setembro de 1938, p. 37

A charge foi incluída numa página que também contém piadas. Ela, portanto, não deve ser considerada isoladamente. Esta localização estratégica faz o leitor esperar algo cômico, favorecendo o riso.

Na charge, um judeu identificado por um nome bíblico, Moisés, pela profissão de comerciante e pela sua aparência física, empurra seu nariz para cima, em frente ao espelho, tentando arrebitá-lo. Ao mesmo tempo, justifica que assim o faz porque seu nariz recurvado estaria atrapalhando suas vendas para os alemães.

O título “O nariz adunco” faz alusão a um elemento fenótipo muito presente em charges que representam judeus na revista. Ele, juntamente com a barba longa, o rosto franzino, as vestes negras e o *kipah*, compõem uma caracterização estereotipada e típica do judeu.

A charge, ao mesmo tempo em que se faz alusão à política racial e ao boicote sofrido pelos judeus na Alemanha nazista nesse período, veicula a associação do judeu a interesses

comerciais, algo muito recorrente não somente nas charges, mas também nas piadas constantes da revista.

Noutra charge intitulada “Silêncio de ouro”, são elementos semelhantes que aparecem na caracterização dos judeus: Novamente a imagem masculina é a escolhida para representá-los.



Revista Careta. Rio de Janeiro: Kosmos. Novembro de 1938, n.1588, p.37

Nessa charge, se veicula uma imagem estereotipada tanto em relação ao físico, como em relação à personalidade. É o que se detém através da leitura do teor do diálogo travado entre os dois representados: “O Isaac, antes de morrer, chamou os filhos, abriu a boca e apontou-a com um dedo. Que desejava ele? Tinha oito dentes obturados a ouro”.

Nesta e noutras charges se associa o judeu ao acúmulo de capital. Neste caso, o capital foi investido no próprio corpo, uma forma mais segura de acumulação e que aqui parece estar sendo oferecido aos filhos de forma sigilosa, daí o título “Silêncio de ouro”.

Outra recorrência em relação à representação do corpo nas charges é a imagem de judeus adultos e de mais idade, quando não velhos. Às vezes se percebem rugas no rosto. Em nenhuma das charges analisadas na revista, no período estudado, foram encontradas imagens de judeus jovens. A imagem do jovem poderia remeter ao fato de que ele constitui força de trabalho produtiva e renovadora para a sociedade. A imagem do velho seria o oposto do que se queria como imigrante na construção do novo homem brasileiro.

---

Segundo Goulart, o imigrante durante a Era Vargas deveria ser moço, são de espírito e de corpo normal, de aspecto atraente e não deveria ser judeu, incapaz, idiota, anão e macróbio, uma raça fisicamente degenerada (GOULART, 1990, p.110). Nas charges podemos ver a apropriação de algumas dessas pressuposições. As representações dos judeus nas charges parecem contribuir para reforçar os ideais eugenistas difundidos nesse período e a construção de uma imagem negativa aos judeus, não adequada ao povo brasileiro.

De acordo com Carneiro, desde o período colonial, na época da Inquisição, a imagem dos judeus é associada ao estereótipo do falso cristão, portador de personalidade ambiciosa e pernicioso. Essa autora descreve também uma tendência de estereotipar o judeu com formas físicas anômalas, a qual vem desde a Idade Média. Naquela época se passava a imagem do judeu como ser não humano, possuidor de calda e chifres (2001, p.146). De acordo com Loewenstein, nesse período se acreditava que o judeu não era humano, se atribuindo a ele particularidades anatômicas extravagantes, descrevendo-o como possuidor de cauda, chifres e outras anomalias (1968, p.39).

Carneiro aponta que no Brasil, no século XX, tais estereótipos ganham forma humana por meio de desenhos caricaturados do judeu, que passaram a ocupar espaços na imprensa, como a revista ilustrada *Careta* (2001, p.334-342). Através da imagem estereotipada do judeu, os meios de comunicação reforçaram junto à população brasileira atitudes de repulsa e desprezo pela sua figura.

A imagem negativa do judeu estigmatizada e estereotipada no Brasil desde da década de 20, foi incorporada ao imaginário político brasileiro durante a Era Vargas. Nesse contexto social-histórico temos o elemento simbólico como arma perfeita. O Estado exerceu o controle e o uso do simbólico com o fim de criar e manter a coesão da sociedade. Para manipular o imaginário coletivo é preciso que ele seja capaz de dominar o campo do simbólico.

Percebemos que a Revista *Careta* veiculava em geral imagens de judeus como estrangeiro dominador, de corpo não idealizado, masculino e velho. Era um estrangeiro indesejado, o oposto sugerido pela política do governo, que buscava para o homem brasileiro ideal a figura de jovem, trabalhador, forte, patriota. Propunha também a associação de imagem do judeu ao usurário e explorador do próximo, como será visto mais adiante.

Cabe lembrar que a Revista *Careta*, com seus textos leves e bem humorados, era lida nas salas de espera de profissionais liberais, salões de engraxates, circulando assim nas mãos das classes médias urbanas.

---

## 2.2 O JUDEU COMO IMIGRANTE INDESEJÁVEL

Nas primeiras décadas do século XX, a política imigratória dos governos republicanos visava, entre outras coisas, a modernização do país. Nesse momento os governos se utilizavam de entidades privadas e órgãos governamentais para interferir nos processos de imigração e colonização. Apoiavam-se em teorias médicas eugenistas, que neste período analisavam os problemas de enfermidades que ocorriam nas cidades e nos campos, como, por exemplo, a proliferação das doenças. Tais problemas levaram os médicos a concluir que a imigração de povos como judeus, amarelos (nipões e chineses), ciganos e os negros eram a principal responsável pela falta de higiene no território brasileiro, o que influenciava negativamente a economia (CARNEIRO 2001, p.155).

Na década de 1930, o Estado adotou uma política intervencionista que mudou também o enfoque sobre as questões de imigração, como veremos a seguir. Percebemos a importância dada pelo Governo Provisório à política imigratória ao se observar a criação de um departamento especializado e exclusivamente dedicado ao assunto imigratório, o Departamento Nacional de Povoamento, em 1930.

Em relação à imigração judaica e ao antisemitismo, a combinação de sucesso econômico e manutenção de laços culturais tornou os judeus alvos de nativistas no Brasil após a Depressão Econômica (LESSER, 1995, p.46-47). Nos anos 1930 a 1933, aproximadamente 33 mil judeus passaram a viver nas principais cidades brasileiras, com ofícios preponderantemente urbanos, industriais, técnicos, comerciais e intelectuais, firmando raízes que solidificaram uma identidade hifenizada (1995, p 15). Essa visão do judeu hifenizado é uma posição do Lesser, ao longo das análises das charges não encontro uma identidade hifenizada.

Com relação à nacionalidade destes imigrantes, os judeus poloneses somavam o maior contingente (17.831), seguidos dos judeus-alemães (8.859), a maioria vinda em 1933, ano da ascensão de Adolf Hitler ao poder na Alemanha, dos romenos (2.802), dos russos (1.109) e dos lituanos (218), entre outros (LESSER, 1995, p.320). Em relação à imigração judaica, no discurso de deputados federais que participavam da elaboração da Constituição de 1933, com objetivo de moldar a nova política de imigração, a partir da Lei das Origens Nacionais dos Estados Unidos, se alegava a necessidade de se manter longe os judeus do território nacional (JESUS, 2006, p.110). O Deputado Federal Antônio Xavier afirmava que o Brasil não deveria ser a terra prometida dos judeus e se queixava daqueles imigrantes judeus que viriam para as capitais dos estados apenas, segundo ele, para constituir bairros de desordem e crime (JESUS,

2006, p.74-75). Essa afirmação era direcionada aos moradores do Bom Retiro em São Paulo e da Praça Onze no Rio de Janeiro, áreas de grande concentração de imigrantes judeus.

---

De acordo com Carneiro (2001) tal preocupação resultou na lei de cotas estabelecida pela Constituição de 1934 e reforçada pela de 1937, a qual restringiu a entrada de imigrantes ao estipular limites anuais para entrada de imigrantes, de acordo com a nacionalidade.

Segundo a Constituição promulgada em 16 de julho de 1934:

A entrada de imigrantes no território nacional sofrera as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e cívica do imigrante, não podendo, porém a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos.<sup>10</sup>

Apenas os portugueses foram poupados pelo regime de cotas. Quanto aos italianos e espanhóis, as restrições não afetaram a imigração, pois tinham ingressado em grande quantidade até então e seu fluxo migratório era descendente. Entretanto, o regime de cotas que irá vigorar até a década de 1980, restringiu a imigração de judeus, japoneses, coreanos e chineses.

O regime de cotas foi a expressão de uma política restritiva a determinados imigrantes no período Vargas, período no qual os judeus eram combatidos tanto por médicos, intelectuais, como pelos grandes latifundiários e elites comerciais. Parte destes segmentos sociais se deixou influenciar pelas teorias e acusações antisemitas que acusavam os judeus de se instalarem mais nos meios urbanos e, portanto, se dedicarem prioritariamente ao comércio prestamista, à importação e à exportação. Isto não satisfazia os grandes latifundiários que necessitavam de mão de obra para as atividades agrícolas e principalmente os comerciantes nacionais.

Segundo Alcir Lenharo, a característica marcante do preconceito racial anti-judaico era a de esconder o racismo sob estereótipos aparentemente não biológicos, referidos a imposições socioculturais específicas que não vinham ao encontro das necessidades migratórias do país. Fundamentalmente porque o judeu não era considerado como dado à agricultura e o país requeria agricultores como imigrantes (LENHARO, 1986, p.114). Além disso, também existia a necessidade de forjar uma “raça” brasileira, sadia.

De acordo com Carneiro, o estabelecimento de cotas para imigração exprimiu parte dos problemas existentes sobre o trabalhador imigrante no período (2001, p.124)

Neste período, a heterogeneidade, tanto cultural quanto racial, era considerada um problema a ser combatido. Havia o temor quanto à formação de que se denominava de quistos

---

<sup>10</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/C3A7ao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/C3A7ao34.htm). Acessado em 04/03/2011

étnicos. Grupos que mantinham ensino e imprensa em língua materna ou ainda práticas culturais estrangeiras passavam a ser consideradas como uma ameaça ao projeto nacionalista de Vargas e, após a eclosão da Segunda Guerra Mundial, dependendo de alguns grupos também como ameaça à segurança nacional.

Vale lembrar que o discurso do perigo da não assimilação poderia ser utilizado em diferentes momentos contra diferentes grupos ou nacionalidades como judeus, japoneses e mesmo alemães. A preocupação com assimilação dos imigrantes levou a projetos de controle e repressão como a campanha de nacionalização, movida por Gustavo Capanema no Ministério da Educação (LESSER, 1995, p.258).

Segundo Schwartzman, Bomeny e Costa:

O projeto nacionalista do Estado Novo valorizava, em outras palavras, a uniformização, a padronização cultural e a eliminação de quaisquer formas de organização autônoma da sociedade, que não fosse na forma de corporações rigorosamente perfiladas com o Estado. Daí seu caráter excludente e portanto repressor. A formação do Estado Nacional passaria necessária e principalmente pela homogeneização da cultura, dos costumes, da língua e da ideologia. (1984, p.166)

Além da preocupação com a mão de obra para agricultura e com a questão da assimilação cultural, o governo de Vargas acreditava na existência de uma grande doença que assolava o país, a qual não era física ou mental, mas sim ideológica, o comunismo, o qual às vezes era associado aos judeus.

A Intentona Comunista<sup>11</sup>, ocorrida em 1935, forneceu alguns elementos simbólicos que, de um lado, legitimaram o governo Vargas e, por outro, aumentaram as chamadas da chamada comunhão patriótica da nação no combate ao inimigo comum. A Intentona contribuiu para a veiculação da ideia do judeu propagador do comunismo.

A pressão política repressiva contra os judeus e comunistas se intensificou, ocorrendo denúncias, prisões e torturas, principalmente, após a intentona comunista de 1935 e a consequente repressão à Aliança Libertadora Nacional (ANL), que havia sido fundada em 1934, como movimento de tendência socialista. Judeus que participavam da ANL foram presos, demonstrando a ligação e o fortalecimento do mito e o estigma de ser judeu e comunista. Como é bem conhecido neste contexto o governo Vargas chegou a enviar à Alemanha nazista a judia Olga Benário, esposa de Luis Carlos Prestes, que foi entregue à Gestapo.

---

<sup>11</sup> A Intentona Comunista foi uma espécie de rebelião contra o governo de Getúlio Vargas, o movimento tinha por objetivo derrubar o presidente e tomar o poder. Liderada pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), eclodiu em novembro de 1935, mas foi rapidamente combatida pelas Forças de Segurança Nacional.

Segundo Maria Luiza Carneiro (2001), desde 1936, os judeus eram tidos pelo Ministério das Relações Exteriores, comandado por Oswaldo Aranha, e pela Polícia Política e Social, comandada por Filinto Muller, como elementos perniciosos, propagandistas do comunismo em todos os continentes e portadores de personalidade ambiciosa (2001, p.323-325). Eram identificados como elementos subversivos e de desagregação social em sentimento de patriotismo pela terra na se encontravam. Ou seja, representavam um perigo e sua vida significava a transplantação de um ranço social.

De acordo com Lesser, o auge do movimento antijudaico no Brasil ocorreu nos anos de 1936 e 1937 (1995, p.159-161). Este abarcou notícias na imprensa sobre prisões de militantes judeus, contrárias aos judeus e à imigração judaica. A política imigratória do governo, em 1937, barrou a entrada de judeus, inclusive os que vinham a turismo ou a negócio. A ideia de que os judeus estavam ligados ao Comunismo se propagou entre políticos, intelectuais e diplomatas. Segundo Lesser, “ o apoio ativo que a imprensa e os intelectuais deram aos regulamentos contrários à imigração judaica é espantoso. Na verdade, poucos se dispuseram a falar abertamente a favor das políticas humanitárias” (2005, p.332).

Naquele momento se apelava para o nacionalismo e se fez do antissemitismo ferramenta para se manter o poder estabelecidos. Jeffrey Lesser (1995) relata que no fim de setembro de 1937 se disseminou a ideia de um plano, que ficou conhecido como Plano Cohen, o qual consistiu em uma farsa integralista, que sugeriu uma associação do comunismo com o judaísmo. Este plano, atribuído a um judeu, foi uma das justificativas para a mudança em direção ao autoritarismo e para criação do Estado Novo.

Maria Luiza T. Carneiro (2001) relata as circulares secretas<sup>12</sup> do governo brasileiro entre 1937 e 1939, as quais dificultavam a entrada de estrangeiros de origem semita no país. A circular secreta nº 1127, de 07.06.1937, proibiu visto para pessoas de origem semita, com base na ideia de um perigoso inimigo, uma conspiração judaica ligada ao comunismo, que estariam a caminho para sabotar o país. Como relata Carneiro (2001), o sistema das circulares secretas serviu para ocultar a política antissemita sustentada até 1948.

Em 1938, Filinto Muller, chefe da Polícia Política e Social do Rio de Janeiro, fez um relatório de 30 páginas para o Ministério da Justiça declarando que os judeus do mais baixo nível estariam vindo para o Brasil a fim de transformá-lo em um gigantesco acampamento judaico (LESSER, 1995, p.166). De acordo com Lesser (1995), Filinto Muller foi um dos

---

<sup>12</sup> Circulares secretas como, por exemplo, 1127, 1249 e 1323

principais teóricos antissemitas que sustentaram a imagem estereotipada dos judeus nesse período no Brasil.

De acordo com Lesser (1995), a classe média era facilmente manipulada por essas ideias. É num ambiente de cisão, de disputas entre a velha e a nova elite pelo poder econômico e político, que a nação brasileira, em crise, receberá uma grande leva de estrangeiros que provocará ainda transformações, inserindo um novo olhar no universo político econômico, cultural e social brasileiro.

Segundo Carneiro (2007), os judeus passaram também distinguidos pela sua condição de raça desacreditada, visto que o estigma avultado dizia a respeito às suas alegadas deformidades físicas e às culpas de caráter individual, inseridas como desonestidades, exploração ao próximo e até mesmo por comportamento político radical. Eram transformados pelas charges e caricaturas em uma anomalia racial e social.

Isso desencadearia a formulação de um conjunto de políticas restritivas à entrada de imigrantes envolvidos com o comunismo ou vindos de países onde tais ideologias eram existentes. O governo considerou a imigração com algo a ser controlado também por estes motivos

Segundo a historiadora Maria Luiza Carneiro

(...) o governo Vargas preocupado em conter outro tipo de vírus: o comunismo interpretado como o monstro de mil cabeças. O medo da revolução bolchevique obrigou o governo brasileiro a reavaliar o papel dos imigrantes judeus (principalmente dos russos e lituanos), tratados como atentadores à ordem social e a segurança nacional (2001, p.261).

De acordo com Carneiro em contraste com o conteúdo ideológico que permeava matérias da Revista Careta, criava-se uma imagem do judeu estereotipada com estreita ligação comunista e ao mal, sendo que outros setores da imprensa brasileira buscavam imprimir uma linha de reportagem mais isenta e ancorar seus artigos em fatos reais (2001, p.122). Nossa pesquisa não encontrou charges e piadas ligando o judeu ao comunismo, de um modo geral a revista faz essa relação.

Em 1937, questões que envolviam a imigração passaram a ser analisadas por órgãos de Negócios Comerciais e Consulares do Ministério das Relações Exteriores, o qual entendia que o Brasil necessitava de “agricultores de verdade”. Considerava-se que a entrada de judeus não iria contribuir para a melhoria da atividade agrícola e também eram considerados impróprios para compor ou miscigenar o Brasil moderno. No projeto modernista do novo homem brasileiro também não podiam participar judeus ou imigrantes de etnias consideradas inferiores, como asiáticos e africanos.

Principalmente a partir de 1937, após a instauração do Estado Novo, passou-se a dificultar a entrada de judeus. Carneiro afirma em seus trabalhos que haviam circulares secretas que proibiam a entrada de judeus no Brasil a partir de 1937 (2001, p.198).

Novamente os judeus tiveram que trabalhar a sua identidade para assim se tornarem úteis aos olhos da sociedade brasileira.

A partir de 1937 o Ministério das Relações Exteriores passou a orientar e ordenar aos setores responsáveis pela imigração, que não fossem concedidos vistos temporários ou permanentes ao grupo étnico judaico ou quaisquer outros imigrantes asiáticos, negros, amarelos, comunistas ou apontados como parte das frentes de resistência do nazi-fascismo (CARNEIRO, 2001, p.201).

Assim, aos poucos o governo Vargas grupos políticos e por motivos raciais, políticos e econômicos, a entrada de indivíduos de raças consideradas inferiores ao Brasil. Restringia-se a entrada desses grupos, o que gerava uma discriminação política e social dentro dos principais setores públicos. Com o aumento do número de pareceres oficiais que regiam principalmente as questões judaicas ( pedidos de asilos políticos), os principais seguimentos da elite política associaram o processo de imigração judaica a questões da segurança nacional de acordo com Carneiro (2001, p.215). Quando era intensa a perseguição nazista aos judeus, os diplomatas brasileiros foram proibidos de conceder vistos de entrada no país, sob a alegação, entre outras, de que os judeus eram um contingente aberrante de nossa formação étnica e não apresentavam o menor valor econômico para o Brasil.

Ao analisar uma vasta documentação historiográfica sobre a época, Lesser (2007) afirma que durante o Estado Novo se elaborou uma política ambígua e contraditória em relação à imigração judaica. De um lado, diante dos representantes internacionais, a política brasileira, aparentemente, apresentava-se receptiva, aceitando a entrada e a permanência dos imigrantes no Brasil, divulgando uma propaganda humanitária e solidária à situação precária de muitos judeus na Europa. De outro lado, criou restrições à entrada destes no país através de leis, medidas e decretos que minavam a vinda e, assim, a esperança de salvação de muitos que sucumbiam às perseguições. Segundo Lesser (2007, p.275), é possível apontar para alguns fatores que provocaram atitudes xenófobas, geralmente, da elite brasileira, diante do “outro”, do estrangeiro em geral e, particularmente, dos judeus.

A imagem negativa do judeu foi criada, para Lesser, a partir de um aparato discursivo que era pautado por uma ideia de “raça” não-européia e, portanto, não-branca, inferior às demais oriundas do mesmo continente (2005, p.320). Tal imagem teria sido elaborada pela classe dirigente tradicional brasileira, em que predominava a retórica nacionalista e o discurso

nativista (LESSER, 2005, p.325). Dessa forma, a imigração judaica suscitará sentimentos preconceituosos, racistas e anti-semitas baseados, inclusive, em pensamentos pseudocientíficos originados na Europa, como, por exemplo, o Darwinismo social. Eles eram propagados por componentes do governo, em especial, por parte do corpo diplomático, e também por intelectuais e grupos políticos organizados, como a Ação Integralista Brasileira (AIB), da qual participavam também pessoas que seguiam normas conforme o movimento fascista antijudaico.

Chiavenatto (1985), na obra 'O inimigo Eleito', informa que a AIB mantinha um serviço secreto encarregado de investigar a atuação das famílias judaicas com o objetivo de desmascarar os seus supostos planos de dominação mundial. Maria L. T. Carneiro (2001, p.271) relata que “o maior número de obras anti-semitas publicadas durante a era Vargas é de autoria de integralistas. Além de livros específicos sobre a temática da questão judaica, identificamos uma série de outros artigos publicados em revistas e jornais representativos do pensamento integralista”.

Essa autora também descreve que em 1936, Plínio Salgado declarou na revista Panorama que os integralistas não tinham prevenção contra judeus, desejavam que estes se equiparassem às demais raças, criando laços através do casamento com cristãos. No entanto, como indica Goulart (1990), no contexto do Estado Novo, com o movimento integralista emergiu a associação da imagem do judeu com o mal, sendo identificado como o perigo vermelho e como fator de desagregação social.

A questão do elemento estrangeiro no Brasil é encontrada em vários decretos durante a Era Vargas. Em 1938 o governo federal baixou uma série de decretos-lei que coíbiavam a imigração e as atividades políticas de diversos grupos étnicos: o Decreto-lei n. 383, de 11/04/1938, que proibiu a estrangeiros participar de atividades de caráter político ou formar qualquer tipo de associação, falar línguas estrangeiras em público ou usá-las como língua de alfabetização de crianças; o Decreto-Lei n. 392, de 27.04.1938, regulamentou a expulsão de estrangeiros; o Decreto-Lei n. 406, de 04.05.1938 que regulamentava a situação jurídica dos estrangeiros; o decreto-lei n. 431, de 18/05/1938, incumbiu ao Conselho de Imigração e Colonização formular uma política imigratória e colonizadora a partir das teorias da antropologia social, biologia racial e eugenia; o decreto-lei n. 868, de em 18/11/1938, determinou ao Conselho de Ensino Primário o poder de nacionalizar as instituições de ensino estrangeiras (TAKEUCHI, 2009, p.296). Todas estas medidas visavam reprimir a cultura de imigrantes que formariam, segundo o governo, comunidades fechadas e que fossem considerados uma ameaça ao país, entre eles também os judeus.

---

De acordo com Cytrynowicz (2005), em 1938 ocorre um dos pontos fortes do movimento antijudaico no Brasil. Neste ano as autoridades federais proibem a existência de um movimento sionista no Brasil, através do decreto-lei n. 383, de 11/04/1938 que visava proibir movimentos considerados subversivos.

Durante o Estado Novo ainda foram criados outros órgãos específicos para tratar dos estrangeiros, como o Departamento Nacional de Imigração, em 1941 e a Delegacia dos Estrangeiros, em 1944. Segundo Marcia Y. Takeuchi, o Conselho de Imigração e Colonização objetivava selecionar os imigrantes, impedir a concentração de pessoas de uma mesma nacionalidade e a compra de terras por parte delas, fiscalizar as áreas de colonização, realizar investigações secretas, averiguar atividades e ações de estrangeiros que as visitavam, emitir pareceres sobre publicações em idioma estrangeiro e impedir que a língua, as tradições e os costumes estrangeiros permanecessem muito fortes (2009, p.297).

De acordo com Marcia Takeuchi, a repressão aos imigrantes durante o Estado Novo tem raízes na sua simpatia, em alguns momentos, pelo nazi-fascismo, no nacionalismo, na xenofobia e num racismo disfarçado (2009, p.225). Essa autora afirma que a revista *Careta* dimensionava a nocividade dos imigrantes japoneses.

O mesmo parece ocorrer em alguns momentos em relação aos judeus. Os judeus passaram a ser definidos nesse período como estrangeiros parasitários e perigosos à ordem pública (CARNEIRO, 2001).

Neste contexto histórico permeado por questões raciais, político-sociais e econômicas e pela defesa de um projeto de Nação, são publicadas charges e piadas na revista *Careta* que abordam o judeu em meio a tais configurações. A seguir analisamos uma série de charges e piadas que tematizam em especial a problemática da imigração, a maioria publicada em fins dos anos 1930. Não foram encontradas charges e piadas sobre judeus no período de 1930 a 1935.

Na piada intitulada 'De judeu', da edição de março de 1936, o personagem retratado mora na Rua de Santana, local muito próximo às ruas de comércio popular no Rio de Janeiro, famoso por ter uma forte presença de árabes e judeus. Assim, a piada faz uma interlocução com o público leitor da revista no Rio de Janeiro.

---



Careta. No 1449. Rio de Janeiro: Kosmos. Março de 1936, p50

O personagem é associado a uma figura mítica do Antigo Testamento, Abraão, e, assim, ao judaísmo. A figura do judeu, como nas imagens retratadas anteriormente, é associada a traços físicos geralmente relacionados ao judeu ortodoxo, velho, de barbas longas, o qual, apesar de religioso, só pensa em lucro, aqui, mesmo na hora da morte. Passa-se aqui a imagem do judeu avaro que privilegia o lucro em detrimento de outros valores.

Esta piada foi publicada num momento de crescimento da imigração judaica no Brasil, em que pese a política imigratória restritiva. Os judeus tinham no encalço o nazismo alemão, fascismo italiano e o anti-semitismo governamental da Polônia. Em meados do XX tem-se início a maior imigração de judeus para o Brasil. Calcula-se que entre 1933 e 1945 tenham entrado em solo brasileiro cerca de 31.174 judeus (LESSER, 1995, p.316-322). A maioria desse contingente era originária de territórios do centro e do leste europeu e se fixou nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro. A participação percentual dos imigrantes judeus no total de imigrantes para o Brasil foi mais destacada nos anos de 1933 e 1939, somando 26,7% e 20,2%, respectivamente.

Os recém-chegados, segundo esse autor, vinham se juntar aos já estabelecidos, acomodados por parentes ou conterrâneos que lhes forneciam abrigo, os quais providenciavam documentos que legalizassem sua situação e iniciavam-nos, geralmente, no

ofício de mascate, atividade econômica comum entre os imigrantes judeus. Russos, poloneses, romenos e lituanos já estavam presentes no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo (LESSER, 1995, p.300).

Os que chegaram nas décadas de 1930 e 1940 tinham um perfil diferente daqueles que imigraram no início do século XX. A maioria deles não teve escolha de país, tiveram que emigrar às pressas, pois sofriam sérias ameaças na Europa. A maioria era de profissionais liberais em seus países de origem, então, ocuparam uma classe social mais elevada àquela que os primeiros judeus ocupavam. Por isso, ao chegarem ao Brasil, foram para bairros mais abastados da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro.

No ano de 1938 é dada grande visibilidade ao judeu pela revista *Careta*. Ele aparece em charges dispostas em quatro capas da revista, sempre em situações que satirizam questões ligadas direta ou indiretamente à imigração.<sup>13</sup> Isso pode ser um do fluxo de entrada de judeus no país e de questões que envolviam a política imigratória.

Em uma edição do mês de abril de 1938, na capa da revista *Careta*, retrata-se um judeu de nome Jacob que, juntamente com outros imigrantes judeus e asiáticos, entra clandestinamente no Brasil com seus pertences. Observe-se que ele é um dos poucos cujo rosto pode ser distinguido no meio da massa - a maioria está de costas para o leitor, já que é ele que olha para trás – no caso, em direção ao leitor - para se dirigir à massa de imigrantes clandestinos e os guiar em direção ao Brasil, retratado através de bananeiras e palmeiras.

---

<sup>13</sup>Serão aqui analisadas três delas. Uma delas será analisada no capítulo seguinte, por também permitir discutir algumas questões ligadas à política internacional do momento.



Revista Careta. No 1555. Rio de Janeiro: Kosmos. Abril de 1938, capa.

Na charge, se problematiza a entrada ilegal de imigrantes no Brasil. Através da centralização da figura comentada, a problematização se apóia, sobretudo, na figura do judeu. Sua expressão corporal, retratado como o que indica com a mão o caminho aos demais, assim como sua fala, encorajando os outros imigrantes a entrarem no país, fazem dele o principal

guia daquele fluxo de imigrantes ilegais e indesejados. Quem vigia o lugar se mantém olhando para o outro lado e não vê o que está acontecendo, deixando a entender que não havia controle do Estado sobre a entrada de imigrantes ou que funcionários estavam fechando seus olhos.

No texto que acompanha a charge, o Brasil é representado como “A casa da Mãe Joana”. De acordo com o Dicionário Houaiss o termo significa “lugar ou situação em que cada um faz o que quer, onde imperam a desordem, a desorganização” (2001, p.541). Assim, o Brasil aparece representado como aquele país onde todo e “qualquer” imigrante encontravam refúgio, mesmo que ilegalmente, devido ao fato de controladores de imigração não verem ou fecharem seus olhos. A capa também, como a matéria tematiza a entrada em massa de judeus no Brasil. Percebem-se as barreiras ao fundo e o jeca, de costas, no canto inferior direito da charge, tentando vigiar essa entrada que esta sendo burlado pelos imigrantes judeus. Percebemos nas charges somente a figura masculina, as mulheres não são representadas nas charges.

A composição de elementos visuais e textuais, ao mesmo tempo em que satiriza a situação, constrói uma crítica ao governo, pois através da expressão “Casa da Mãe Joana” deixa-se entender a ideia de desordem e falta de controle. A orientação presente na charge acima é a de que deveria haver maior controle na entrada de estrangeiros.

Em relação à imigração legal, de acordo com Maria Luiza Carneiro (2001), a concessão de vistos para a entrada de judeus no Brasil ocorria, mas a política de bastidores era baseada em circulares secretas que recomendavam não permitir a entrada desses imigrantes indesejáveis. Prova seria a Circular Secreta nº 1249, de setembro de 1938, que tinha como objetivo específico regulamentar a entrada de estrangeiros de origem semita no território nacional (CARNEIRO, 2001, p.130).

Jeffrey Lesser (2007) relata que em 1938 os Estados Unidos exageravam a influência positiva dos judeus no Brasil e passaram a oferecer esquemas financeiros que beneficiavam o Brasil, como a redução da dívida brasileira, em troca da concessão de vistos para judeus. Este fato teria contribuído para, pouco tempo depois, em 1939, a entrada de muitos judeus no Brasil, mais de 4 mil, número maior do que em qualquer outro ano desde 1929 (LESSER, 2007, p.278). De acordo com Maria Luiza Carneiro (2001), a concessão de vistos para a entrada de judeus no Brasil ocorria, mas a política de bastidores era baseada em circulares secretas que recomendavam não permitir a entrada desses imigrantes indesejáveis. Prova seria a Circular Secreta nº 1249, de setembro de 1938, que tinha como objetivo específico

regulamentar a entrada de estrangeiros de origem semita no território nacional (CARNEIRO, 2001, p.130).

Para ganhar aceitação do governo, principalmente dos setores conservadores do Itamaraty, as instituições internacionais judaicas organizaram uma campanha para valorizar a imagem dos judeus (LESSER 2005, p.197). Primeiro procurou afastar a imagem do judeu bolchevique ligada a Marx e Trotsky, depois também modificou a imagem do banqueiro ganancioso para o capitalista que asseguraria o desenvolvimento por onde se instalasse.

Percebemos bem a influência americana na questão da recepção dos judeus exilados na capa da edição de abril de 1938, a revista faz uma crítica a política dos Estados Unidos com a América Latina. Na charge a figura do Tio Sam observa, por trás de um guarda-chuva com os motivos das bandeiras de países latino-americanos, incluindo o Brasil, um grupo de judeus que estava ali debaixo abrigado. O Jeca, personagem que representa o Brasil, dialoga com Jacob, o qual representa um dos judeus, questionando a ‘camaradagem’ do Tio Sam, símbolo dos Estados Unidos, ao argumentar que o guarda-chuva não era do Tio Sam, mas daqueles países.

---

30  
ABRIL  
1938

# Careta

NUMERO  
1558  
ANO  
XXX



CAPITAL 500 REIS

Scio de Abrahão

ESTADOS 600 REIS

JACOB — Você não imagina como Tio Sam é camarada.  
JECA — Sim, sim, mas o guarda-chuva não é dele.

Careta. Nº 1558. Rio de Janeiro: Kosmos. Abril 1938, capa

Nesse período, muitos judeus emigraram da Alemanha para as Américas fugindo da perseguição nazista. Nessa época os EUA permitiam apenas a entrada de poucos imigrantes judeus no país, devido ao regime de cotas de sua política imigratória. Para não ter que assumir

um compromisso definitivo em relação a esses refugiados, pressionava os países latino-americanos, como o Brasil, para que absorvessem a onda de refugiados judeus perseguidos pelo nazismo (LESSER, 1995, p. 278).

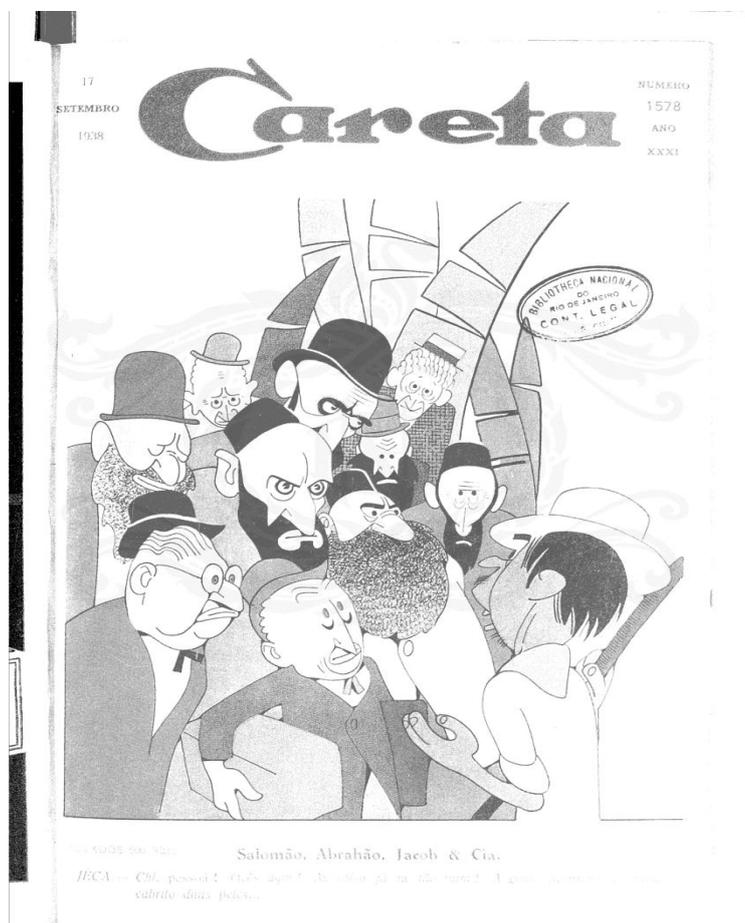
A charge acima pode ser entendida como uma crítica indireta a esse posicionamento dos EUA e ao poder do Tio Sam nas Américas. Pelo funcionamento discursivo é possível perceber a função de sátira política da charge, ao procurar trazer a descoberto o que se oculta nos bastidores da política.

Muito embora a charge, em geral, não dependa de texto verbal para sua compreensão, a maioria das charges contidas na revista *Careta*, como a anterior, apresenta títulos ou outros elementos textuais, em geral diálogos ao pé da imagem, como uma forma de guiar o leitor. No caso acima, a imagem se refere à imigração ilegal, assunto que a maioria dos leitores não conhecia em detalhes. A parte verbal nesse texto tem a função de informar ao leitor e lhe dar mais elementos para poder captar o sentido dado pelo chargista.

É possível destacar, segundo Lesser (1995, p.120), três causas para o surgimento do preconceito contra o imigrante judeu no Brasil. A primeira baseava-se na visibilidade econômica de alguns judeus que se destacavam, rapidamente, em suas profissões, enfurecendo grupos de brasileiros, que, simultaneamente ao sucesso dos imigrantes, entravam em crise financeira. Um segundo motivo foi o de que o judeu tornou-se foco de atenção devido a certas atividades profissionais que exercia, como a de mascate e a de comerciante. Por último, de acordo com Lesser (1995) a presença de “polacas”, prostitutas judias provenientes, em sua grande maioria, do leste europeu e aliciadores de mulheres estrangeiras. As charges não mostram presenças das mulheres, essa questão de polacas judias não pode ser comprovada, pois não foram encontradas nas charges questões das mulheres judias.

O primeiro e o segundo motivos aparecem numa charge da capa da edição de setembro de 1938. O título “Salomão, Abrahão, Jacob & Cia” associa os judeus explicitamente às atividades comerciais. A imigração judaica é representada pelas figuras estereotipadas de vários personagens que se distinguem do personagem brasileiro, representado pela figura estereotipada do Jeca. Na charge representa-se o imigrante judeu como uma concorrência para o trabalhador brasileiro. Estão chegando de maletas, caixa, sem família, voltados para o trabalho. A imigração, entretanto, é vista como algo ruim, já que os tempos estariam difíceis, inclusive para o trabalhador brasileiro, e com entrada de novos imigrantes aumentaria a concorrência, como mostra a fala de Jeca: “Chi pessoá. Tá difícil viver. A gente aqui tem que tirar de cada cabrito duas peles”.

---



Revista Careta. No 1578. Rio de Janeiro: Kosmos. Setembro de 1938, capa

Como em outras charges, os judeus são representados como velhos, ranzinzas, alguns assustados e apreensivos, sempre homens (e não com a família), demonstrando um perfil indesejável como imigrantes.

Percebe-se também que as charges acabam construindo estereótipos étnicos e nacionais. No caso dos judeus, se utilizam nomes considerados típicos, tais como Jacob, Salomão, Abrahão, David, etc. Para a representação do brasileiro têm-se em geral a figura do Jeca Tatu. Para o governo norte-americano, como veremos no capítulo seguinte, a revista utiliza a figura do Tio Sam. Para o governo nazista, a figura de Hitler. A caracterização dos personagens, sempre estereotipada, faz parte da linguagem da caricatura.

Não foram encontradas, na Revista Careta, outras charges e piadas entre 1938 e 1945 sobre essa temática de imigração. Após a declaração de guerra do Brasil ao Eixo, em 1942, a

imagem do judeu em solo brasileiro também passou a ser menos negativa, como veremos no próximo capítulo.

Compreendemos que durante a ditadura de Vargas (1937-1945) o Estado Novo assumiu uma postura velada de não aceitação de imigrantes judeus no Brasil. As circulares secretas ditavam as regras, devendo estas ser divulgadas internamente na prática política, e seguidas para combater os inimigos reais ou fictícios do governo. Para isso, os meios de comunicação que, naquele período, eram controlados pelo Estado ditatorial por meio do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), foram utilizados pelas autoridades governamentais para culpar e manifestar rancores contra os inimigos eleitos nocivos à pátria.

Ressaltamos que nas charges analisadas a revista não focava somente a política oficial, as charges satirizavam o não cumprimento da lei, a falta de controle do Estado brasileiro, a qual permitia muitas das vezes a entrada desse imigrante considerado indesejável.

Verificamos que a revista Careta ora segue posicionamentos também presentes no governo brasileiro em relação à imigração judaica, representando a figura dos judeus de forma negativa, ora mostra-se crítica em relação ao regime. A seguir analisaremos como, através de algumas charges e piadas, se mobilizam alguns estereótipos existentes em relação aos judeus na configuração da ideia de uma ameaça à economia nacional.

### 2.3 O JUDEU COMO AMEAÇA À ECONOMIA INTERNA

Na revista Careta, o judeu é constantemente associado à exploração financeira, inclusive no Brasil. O estereótipo do judeu como interessado somente em dinheiro é o mote de diversas charges e também piadas.

Na seção de Piadas intitulada “Chumbo miúdo”, por exemplo, publicada em março de 1936, encontramos retratados dois judeus, um chorando pela mulher que estava naufragando num navio visto de longe e o outro tentando entender o motivo das lágrimas do colega. O motivo do não entendimento, o fato do navio não pertencer ao colega – daí não haver necessidade de chorar, na visão do interlocutor na charge - deixa entrever a veiculação de um estereotipo muito veiculado acerca do judeu. Este segundo personagem é representado como insensível, mais ligado aos interesses financeiros do que familiares.

---

## CHUMBO MIUDO

Dois judeus estão na ponte e assistem ao naufragio de um navio.

Um deles chora, porque a mulher viajava no barco que está submergindo, e o outro retruca:

— Porque choras, Salomão? si o navio não é teu!

■

Careta. No 1448. Rio de Janeiro: Kosmos. Março de 1936, p.14

Supor que tal motivo utilizado na charge provocaria riso nos leva a pensar que o chargista está lidando com um conjunto de representações compartilhadas pelo público, ou seja, aquela que naturaliza a concepção de que os judeus seriam mais interessados no aspecto financeiro do que familiar.

Mote semelhante para o riso aparece na piada ‘Entre judeus’, constante da edição de maio de 1936. Desta vez a estória se passa no Brasil, na Rua da Alfândega, centro de comércio popular no Rio de Janeiro. Na piada se reforça a representação do judeu como comerciante rico, o qual chega a oferecer ouro para casar com a esposa do colega. O outro judeu, mais preocupado com dinheiro do que com a esposa, pensa numa forma de engordá-la, devido ao fato do colega ter-lhe oferecido a proposta de pagar pela sua mulher conforme seu peso. Ou seja, ele nem titubeia ao receber a proposta do colega, mas logo a considera como possível.

## ENTRE JUDEUS

Esta passou-se, outro dia, "entre judeus, na rua da Alfandega:

— Meu caro David, tenho uma coisa muito embaraçosa para te dizer... a ti, meu velho amigo. Mas já não posso mais. Eu gosto da tua mulher. Amo-a de todo o meu coração, com todas as minhas forças... Amo-a tanto que, si aceitasses o divórcio, afim de que eu me casasse com ela, estava pronto a dar-te o seu peso em ouro...

— Um negocio assim precisa de reflexão; não pôde ser resolvido do pé para a mão.

O amigo, receloso da sorte de sua proposta, vendo a possibilidade de perder a amizade do outro, arriscou, com timidez:

— Queres então refletir ?

E o outro;

— Não; quero achar o meio de engorda-la no menor espaço de tempo.

---

Careta. No 1458. Rio de Janeiro: Kosmos. Maio de 1936, p.43

Em relação à associação entre judeu e ouro, feita na piada, ela pode passar a ideia de que o judeu ou viria ao Brasil para explorar e, assim, enriquecer, ou para investir seu capital. Os estudos de Jeffrey Lesser demonstram que alguns membros do governo viam no judeu também essa segunda possibilidade: “Os judeus ricos podiam ser vistos como parte de uma conspiração internacional para forçar o envio da riqueza nacional para o exterior, ou podiam ser glorificados por sua capacidade em ajudar o desenvolvimento industrial interno ao injetar capital no Brasil” (2007, p.280).

Como se percebe, a questão do imigrante judeu no Brasil não era apenas por integrantes do governo brasileiro ou outros partidos. Ela também era levada em consideração pela imprensa, chegando às capas e páginas da revista Careta em forma de charges, artigos e piadas.

De acordo com Lesser (1995, p.46), a combinação de sucesso econômico e diferença cultural tornou os judeus alvo particular dos nativistas. O nativismo brasileiro foi reforçado com a ascensão do nazi-fascismo, que forneceu um modelo para o anti-semitismo e levou um número ainda maior de judeus a emigrar para o Brasil em busca de refúgio.

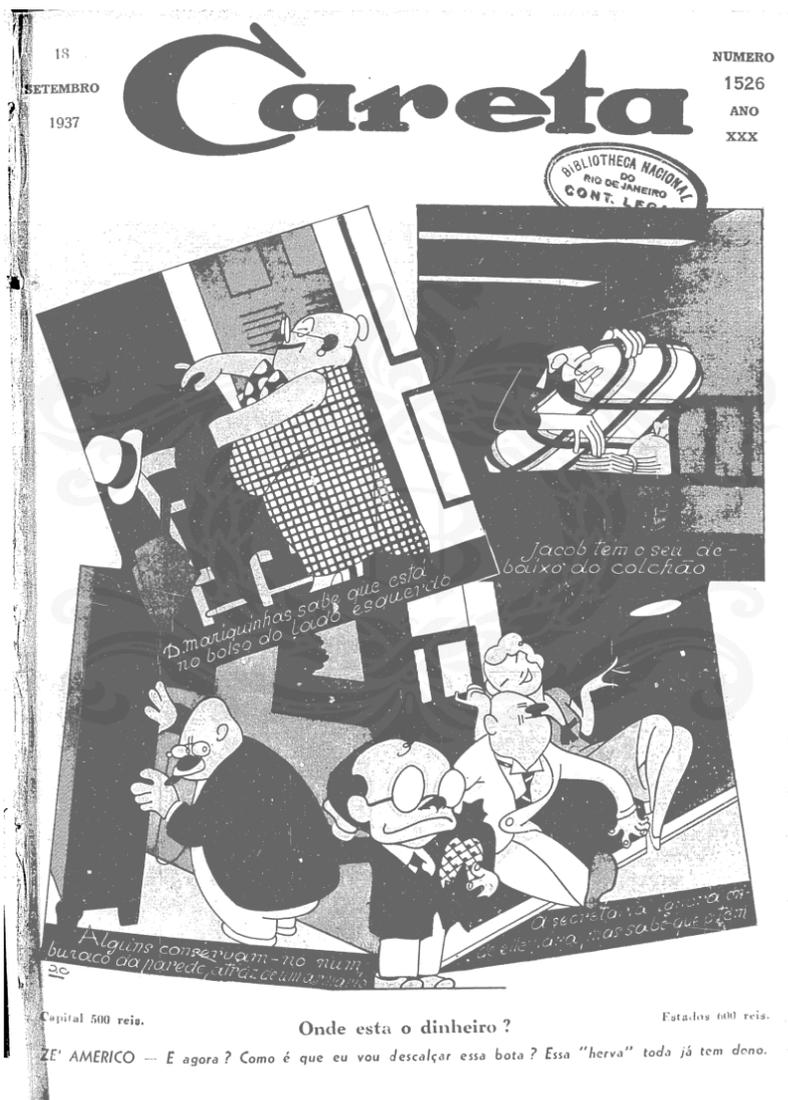
As piadas refletem diferentes visões de mundo que instrumentalizam o jogo de forças dos processos de exclusão e inclusão entre os grupos sociais. Nesse contexto, o riso se torna importante na medida em que representa a aprovação dos grupos sociais aos valores e concepções subjacentes às piadas. A ideia do risível como algo desviante e incongruente e de

sua condição de oposição e de subordinação ao sério, ao verdadeiro, são recorrentes na história do pensamento ocidental, de acordo com Minois (2003). Para esse autor, o riso, enquanto reverberação da piada racista, tem servido para apaziguar temores, reduzir tensões, fortalecer vínculos, efetuar exclusões, transgredir normas sociais.

As piadas e os diálogos nas charges apresentam o judeu sempre como homem de negócios estrangeiro aproveitador de situações. Ele é em geral carregado de atributos negativos, facilmente identificados pelos diálogos. Tais representações singularizam o retratado, sempre visto como “o judeu”, no singular, construindo assim fronteiras entre o leitor e aquele “outro”.

A figura do judeu como aquele que guarda capital usurpado da Nação aparece numa das imagens que compõem a capa de uma das edições de setembro de 1937. O contexto da charge é o Brasil, como se pode perceber através do nome (Zé Américo) do autor da fala abaixo da imagem.

---



Caretta. No 1526. Rio de Janeiro: Kosmos. Setembro de 1937. capa

O título da charge “Onde está o dinheiro?” é acompanhado de imagens de diversas pessoas, entre elas um judeu, uma mulher burguesa, um banqueiro e um empresário. Apesar do foco dessa charge não ser apenas a figura do judeu, explora-se o estigma do judeu para compor a ideia principal da capa. A postura curvada do judeu sugere sua avareza e seu olhar revela preocupação, parecendo espiar se alguém o vê apreciar sua grande quantidade de dinheiro escondido embaixo do colchão. Esse tipo de charge contribuía para fixar uma imagem do judeu como avaro.

Na charge se vêem pessoas abastadas que parecem reter o dinheiro nacional numa época de dificuldades financeiras. Neste momento de crise, o judeu usurpador é visto como um problema para a economia nacional. A charge se apóia num imaginário que associava a etnia judaica à riqueza.

Esta visão em relação ao judeu, entretanto, não era a única existente no Brasil.

Segundo Jeffrey Lesser:

“Os judeus ricos podiam ser vistos como parte de uma conspiração internacional para forçar o envio da riqueza nacional para o exterior, ou podiam ser glorificados por sua capacidade em ajudar o desenvolvimento industrial interno ao injetar capital no Brasil” (2007, p.280).

Na parte textual da charge, constante da parte inferior da capa, abaixo das imagens, se faz a citação de frases supostamente atribuídas a José Américo. Trata-se de José Américo de Almeida, que dentre outros cargos políticos, ocupou o posto de ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) de 1934 a 1947. No ano de 1937 seu nome foi lançado para concorrer à sucessão de Vargas nas eleições previstas para janeiro de 1938. Na charge, a figura de José Américo aparece com um abacaxi nas mãos, ou seja, um problema a ser resolvido, e indagando como iria “descalçar essa bota”. De acordo com o dicionário Houaiss, esta expressão significa livrar-se de uma situação difícil, já que todo esse dinheiro já tem dono<sup>14</sup>.

Sheila Garcia (2005) aponta que durante o ano de 1937 são recorrentes na Careta os editoriais sobre a sucessão presidencial. Ora a revista apóia o regime, ora se mostra crítica em relação a ele. O posicionamento da revista a favor da democracia revela-se, por exemplo, no editorial de Osvaldo Orico intitulado “Pela democracia”:

Não procedem os temores e os sustos de determinadas correntes políticas em torno do problema da sucessão presidencial. O fato de se repartirem as opiniões do país no futuro pleito, longe de significar um perigo para o regime, representa um sintoma saudável de que ele está vivo e forte na consciência de todos (...). Ora, é indubitável, é irretorquível, que a maioria do povo brasileiro – a grande maioria – é pelo regime democrático, com o qual está identificada e pelo qual está pronta a manifestar-se pelo voto (Careta, 23/01/1937, p.17).

Noutra piada, intitulada “Nada lhes é impossível”, publicada em edição de dezembro de 1938, os judeus aparecem novamente retratados como ricos comerciantes. E a classe dos comerciantes, da qual muitos judeus também pertencia, é associada a de aproveitadores, falsos e bajuladores que sempre querem levar vantagem em suas transações.

---

<sup>14</sup> Dicionário Houaiss (2001), disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=descalcarbota>. Acesso em 20/07/2011

# torradinho

## Nada lhes é impossível

**H**ABIL agente comercial, o Cordeiro não perde oportunidade para ser amável com todos aqueles dos quais poderá tirar partido, mais tarde ou mais cedo: semeia sempre, sem cessar.

Certo dia, indo tratar de negócios com um forte comerciante que ele percebia ser israelita, Cordeiro afirmou:

— Os judeus são de fato muito poderosos: eles, querendo, governarão o mundo!... Para eles não há impossível!

— É verdade, meu amigo, (Concordou o frequentador da Sinagoga), o senhor tem toda a razão: até um de nós já quis ser Deus... e o foi!

Careta. Nº 1591. Rio de Janeiro: Kosmos. Dezembro de 1938, p. 37.

Na análise da veiculação de representações do judeu através da revista Careta, deve ser levado em conta o público leitor da revista, a maioria composto não por judeus, mas por cristãos católicos. Na piada acima, atente-se para o nome do agente comercial, Cordeiro, o que pode indicar tanto um personagem de língua portuguesa como uma metáfora que o associe aos cristãos (Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus). Sua fala “Os judeus são de fato muito poderosos: eles, querendo, governarão o mundo” nos remete à noção de interdiscurso, à memória discursiva dos “Protocolos dos sábios de Sião” e de outros textos que associavam os judeus a um desejo de dominar o mundo. A frase justifica o título da piada: “Nada lhes é impossível”. Ela também mobiliza os efeitos de sentidos de discursos que ecoam nesse período que afirmavam os judeus terem se tornado poderosos e ricos por se aproveitarem dos não judeus. Na perspectiva da análise de discurso, o texto constitui um espaço significante, um lugar de jogo de sentidos que estabelece relações com outros discursos.

Dessa maneira, percebemos que essa piada se constrói a partir de diversos discursos existentes. Como afirma Pêcheux,

tal discurso envia a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta ou de que ele ‘orquestra’ os termos principais, ou destrói os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se configura sempre sobre um discursivo prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima [...] (PÊCHEUX, 1990, p. 77).

Com a resposta do “israelita”, “o senhor tem toda razão: até um de nós já quis ser Deus... e o foi!”, a piada gera o humor a partir da inversão do mito da existência de uma conspiração judaica para dominar o mundo, ao associar este poder a Jesus Cristo, fundador da religião do outro interlocutor, de nome Cordeiro. Outra possível leitura a partir dessa piada poderia ser a de que essa fala final do judeu contribuiu para que o leitor cristão da revista se identificasse com os judeus a partir da reflexão de que Jesus também era judeu. Essa interpretação implicaria na satirização do discurso falacioso evocado na fala do personagem Cordeiro, que só queria se aproveitar do rico comerciante judeu.

Na piada ‘Barba e omelete’ a revista reforça novamente a imagem dos judeus como avaros. Apesar de rico, a última refeição do judeu foi um omelete que teria comido há quatro dias, cujos restos inclusive ainda conservava em sua barba.

### Barba e omelette...

Um banqueiro encontra um  
cofrade cuja avarizia e suguila-  
de são celebres no mundo finan-  
ceiro.

— Ah! meu caro, disse o pri-  
meiro apertando a mão do ou-  
tro, sei o que você comeu hoje  
no almoço.

— Que foi?

— Omelette!

— Omelette? Quem lhe disse  
isso?

— Sei porque estáo vendo ves-  
tigios na sua barba...

O avaro reflete alguns segun-  
dos e responde:

— Você está enganado. Há qua-  
tro dias comi do feto omelette;  
depois disso, mais nada.

—O—O—O—O—

---

Careta. Nº 1625. Rio de Janeiro: Kosmos. Agosto de 1939, p. 47

As piadas e charges em geral veiculam a imagem estereotipada do falso cristão, do judeu explorador, avaro e ambicioso. Em geral, a imagem do judeu é apresentada pela revista de forma negativa, seja no campo econômico - concorrente comercial desleal-, no político - traidores da nação, no ideológico - portadores de ideias comunistas, no étnico - uma raça que teria aspectos degenerativos e no sanitário - com a ideia de imundo. Dessa maneira, o judeu representa a encarnação de diversos males.

Uma exceção é a piada de abril de 1944, analisada no capítulo 3 que pode ter uma dupla interpretação, sugerindo, em uma delas, uma crítica ao preconceito contra os judeus. Já

as charges além dessas características negativas associadas aos judeus, também tratam de outras questões como autoritarismo, intolerância, imigração e exílio deles diante do Nazismo.

Ao analisar o conjunto de imagens e piadas que abordam os judeus, levamos em conta neste capítulo como se investiu nesse período da história do Brasil em discursos e práticas de eugenia e de seleção de imigrantes na configuração de uma Nação brasileira e o lugar dos imigrantes judeus em tais políticas. Nesse contexto, consideramos que a revista *Careta* reforçou alguns estereótipos ao veicular, em charges e piadas uma imagem negativa no aspecto econômico (o judeu como avaro e concorrente desleal), no político (o judeu como ameaçador e traidor da nação), no ideológico (o judeu como propagador de ideias comunistas), no racial (o judeu como possuidor de aspectos degenerativos).

## **CAPÍTULO 3**

### **REPRESENTAÇÕES DOS JUDEUS NO CENÁRIO POLÍTICO NACIONAL E INTERNACIONAL**

Durante o Estado Novo, período autoritário da história brasileira, muitas das charges contidas na revista *Careta* abordavam de maneira crítica questões, fatos e personagens políticos no Brasil e no mundo. A caricatura era uma forma possível de crítica ao autoritarismo Estado-novista, caracterizado pela censura e pela forte propaganda política. Segundo Herman Lima, certos tipos de charges e caricaturas de autores brasileiros da década de 1930 podem ser consideradas instrumentos de crítica política dentro de um contexto de governo autoritário (1963, p.65).

Neste capítulo tencionamos analisar charges e também piadas constantes da revista *Careta* que representam judeus em meio à abordagem de aspectos da economia nacional e da política internacional. Através deste humor pode-se perceber posicionamentos da revista em relação à política internacional, sobretudo no que se refere à Segunda Guerra Mundial e ao governo nazista e também em relação à política externa e econômica brasileira. Em relação às charges, um dos principais temas das charges que abordam a figura do judeu neste período e que se referem à política internacional é o nazismo e o drama do exílio. Em relação ao contexto interno brasileiro, elas se referem em geral à política de imigração, como visto no capítulo anterior, e às supostas ameaças à economia nacional.

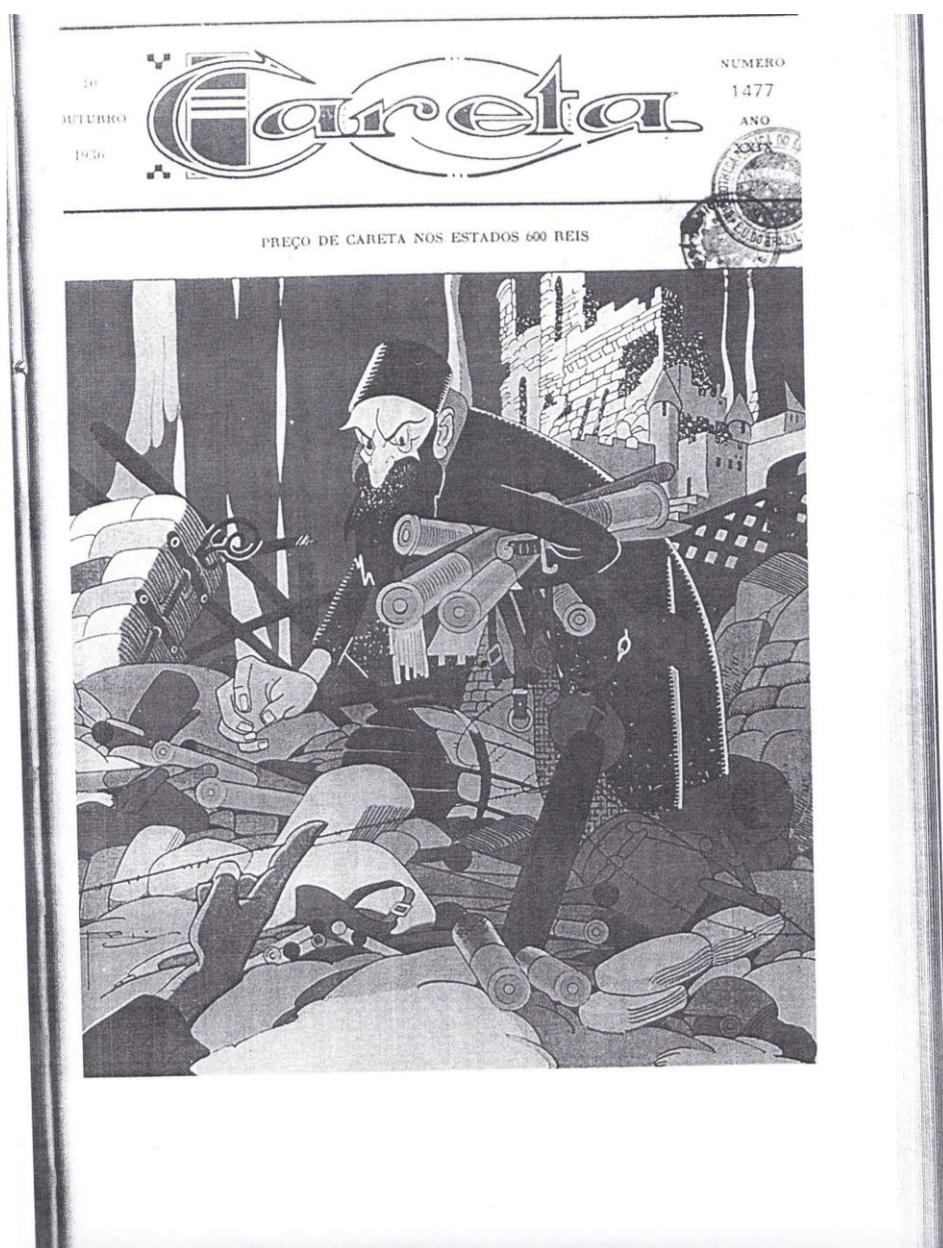
#### **3.1 NA TRAMA DA POLÍTICA NACIONAL E INTERNACIONAL**

As charges de crítica sociopolítica contêm uma percepção crítica da realidade e um humor capaz de suscitar reflexão. Segundo Peter Burke,

O uso de imagens não deve ser reduzido a tentativas de manipulação da opinião pública. Entre a invenção do jornal e a invenção da televisão, por exemplo, caricaturas e desenhos ofereceram uma contribuição fundamental ao debate político, desmistificando o poder e incentivando o envolvimento de pessoas comuns nos assuntos de Estado. Realizaram tarefas apresentando assuntos controversos de uma maneira simples, concreta e notável e os principais atores no palco político como mortais e não como heróis e passíveis de erros (2004, p. 98).

Muitas charges, entretanto, não expõem problemáticas de maneira tão simples e óbvia, sobretudo em se tratando de charges publicadas em períodos autoritários. Tanto na análise de piadas como de charges deve-se apreender o “dito” e o não “dito”.

Essa situação fica bem exposta na charge abaixo, constante da capa da Careta de outubro de 1936, o judeu aparece ligado à destruição de uma cidade. A construção de sua identidade passa pela imagem negativa. A charge traz em seu centro a figura de um judeu de feições sinistras, todo de preto, com uma mão de proporções exageradas munido de plantas ou projetos o qual parece estar deixando a cidade por ele destruída.



Revista Careta nº 1477. Rio de Janeiro: Kosmos. Outubro 1936, capa.

Uma cidade antiga destruída incendiada serve de pano de fundo à figura caricata. A figura do judeu, de longa barba e olhar estranho, aparece no centro da charge. Essa imagem atrai para si a atenção do leitor pelos traços marcantes de alguém na parte inferior esquerda que aparece com o gesto de alguém o apontando com a mão, em sinal de repreensão. A frase “Tu, com teus engenhos, destruístes minha cidade”, juntamente com a imagem, tende a atribuir ao judeu a culpa pela situação apresentada.

De acordo com Bakhtin (1986), todo discurso sempre ocorre no interior de outros discursos com os quais estabelece relações. No caso da charge analisada, ecoa discurso anti-semita, pela maneira como o judeu é retratado. Percebemos o judeu com papéis ou pergaminhos debaixo do braço. Parece que há uma intertextualidade com Os protocolos dos Sábios de Sião, texto do século XIX, forjado na Rússia para atribuir aos judeus e maçons um plano de dominação mundial ou até mesmo outros planos de dominação. A existência do discurso já marca, como sugere Pêcheux (1997), a possibilidade de desestruturação-reestruturação de redes de memória e de trajetões sociais desses outros discursos.

Na charge abaixo, intitulada “Judiaria”, inserida na edição de agosto de 1936 da revista *Careta*, outra situação da questão “do dito e o não dito”, apreende-se já no título um duplo sentido, o qual remete ao propósito do chargista.

---

## JUDIARIA

Na Alemanha, um elefante, por ter matado o seu tratador, foi condenado à morte e fuzilado por um pelotão de soldados.  
(Dos telegramas).



UM JUDEU — Para mim a coisa é outra. As autoridades descobriram que o elefante não tinha sangue ariano, e zás! Fuzilaram-no.

Careta, Nº. 1467. Rio de Janeiro: Kosmos. Agosto de 1936, p.19

No centro da charge, mas em segundo plano, vemos um pelotão de fuzilamento atirando em um elefante com olhos vendados. Abaixo do título, a explicação para o sacrifício (“judiaria”): “Na Alemanha, um elefante, por ter matado o seu tratador, foi condenado à morte e fuzilado por um pelotão de soldados. (Dos telegramas). UM JUDEU – Para mim a coisa é outra. As autoridades descobriram que o elefante não tinha sangue ariano, e zás! Fuzilaram-no.”

No primeiro plano da charge aparecem dois judeus com narizes pontiagudos, óculos - símbolo de intelectualidade -, com trajes sociais, revelando assim posição social elevada. Um deles contesta a versão dada para o fuzilamento do elefante, atribuindo-o ao racismo das autoridades nazistas, as quais excluíaam todo aquele que não fosse de uma suposta “raça ariana”.

A imagem do sacrifício é intitulada como “judiaria”, ou seja, o chargista se utiliza da tradição cultural e lingüística portuguesa para retratar o anti-semitismo na Alemanha. Segundo o dicionário Houaiss, o termo “Judiação tem como acepções: “grande número de judeus; judiaria/bairro de judeus/ato de zombar de alguém; chacota, judiação, zombaria / ato de maltratar alguém, física ou moralmente; judiação”<sup>15</sup>. Esse termo faz alusão à maldade feita a alguém, no caso, aos judeus.

Samuel Szerman, Diretor Cultural da ACIB e da Federação Israelita do Centro-Oeste, no Brasil, assim analisa a origem desse termo e de outros relacionados a ele:

Vamos à análise dos termos judiar, judiação e judiaria. O primeiro, como poucos sabem, aí incluindo os próprios judeus, significava "maltratar os judeus". Era um verbo intransitivo. O objeto direto estava subentendido. Hoje, judiar, pela semelhança do vocábulo com judeu, judia, Judas e Judá, cria uma natural associação de idéias, considerando o judeu como o agente da crueldade. Curiosidade: Tornou-se verbo transitivo indireto. "Judiam dele". É claro que, se o verbo pede um complemento na afirmação, está subentendido o agente. A palavra já está tão arraigada no uso popular que há quem nem faça a associação. Entretanto, a ofensa aos judeus permanece. É subliminar. Contribui enormemente para incrementar o anti-semitismo. / Judiação pede menos explicação. É um derivado gramaticalmente correto de judiar. Gramaticalmente. Politicamente, NÃO! Judiaria: Outra forma gramaticalmente correta que pode significar um sinônimo de 'judiação', ou coletivo de 'judiações!' Já li e ouvi ambos os sentidos. Não me senti bem. Pouquíssimas pessoas, judias ou não, têm ciência que Judiaria era o nome dado ao bairro judeu em Portugal, tal como Mouraria era o dos mouros (2002, p.1).

No caso analisado, a palavra ‘judiaria’ acompanha uma charge, a qual possui outros elementos que conduzem o leitor a captar o sentido que se quer dar ao conjunto. O título e também os estereótipos usados na caracterização dos personagens na parte inferior da charge levam o leitor a associar a charge aos judeus. Explicitamente se faz referência ao judeu ao se identificar a fala de um dos personagens na parte inferior da charge.

O suposto sacrifício de um elefante é o mote para se fazer uma crítica política muito contundente à política racial nazista e à exclusão dos judeus da sociedade alemã. A cena de diálogo e a fala de um deles, o qual contesta a explicação dada abaixo do título para o

---

<sup>15</sup> Dicionário Houaiss (2001), disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=judiaria&styp=k&x=14&y=16>

sacrifício do elefante, é a chave para a interpretação do propósito do chargista: “Para mim a coisa é outra. As autoridades descobriram que o elefante não tinha sangue ariano e zás! Fuzilaram-no”. A fala leva ao riso, devido ao absurdo da interpretação. Mas é exatamente através dela que o chargista parece querer denunciar o anti-semitismo nazista e seus propósitos de extermínio.

A polissemia em um discurso de humor político, associada à memória<sup>16</sup> discursiva do leitor e mais os seus conhecimentos, possibilitam a produção de sentidos. Segundo Eni Orlandi (1987, p.115), “o ato de nomear tem implicações ideológicas decisivas. A fala instaura os espaços de silêncio”. Nesse processo, concordamos com Michel Pêcheux (1997, p.53) que o sentido pode “se deslocar discursivamente de um sentido para um outro”, a partir do silêncio, pois, como afirma Eni Orlandi (1995, p.105), “as palavras vêm carregadas de silêncio(s)”.

Através do jogo entre dito e não dito, da inserção do termo ‘judiaria’ e, com isso, a referência à memória discursiva do leitor, e dos textos e imagens contidos na charge se geram sentidos durante a leitura. A fala de um dos personagens, entretanto, permite limitar a polissemia da imagem.

A crítica à política racial do regime nazista se evidencia melhor ao analisarmos todo o conjunto de elementos que compõem a charge, ou seja, a imagem, o título e a parte textual. O título constitui uma possível forma de dizer, de modo não muito explícito, a repressão aos judeus, que desde 1933 se tornou assunto de Estado. Dessa maneira, como indica Eni Orlandi, a polissemia “permite a relação – ainda que indireta e sempre mediada – do sujeito com o interdiscurso (a exterioridade)” (1995, p.166).

A charge permite muitas associações de sentidos com os acontecimentos na Alemanha da época. Para o governo nazista, interessado também em se apropriar da riqueza acumulada pelos judeus, eles representavam um grande problema a ser eliminado. A partir da tomada do poder pelos nazistas, em 1933, “crescentes restrições cercearam e isolaram a vida judaica” (Cytrynowicz, 2005, p.293). Foram excluídos da sociedade, da política e da economia alemãs através de diversas medidas.

Parte dos judeus conseguiu emigrar, inclusive para o Brasil. De 1930 a 1945 entraram 31.174 imigrantes judeus no Brasil, sendo os principais países de origem, em ordem decrescente, a Polônia, a Alemanha e a Romênia (LESSER, 1995, p.316-322).

---

<sup>16</sup> A memória não pode mais ser vista como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, de valor acessório para as ciências humanas. Na verdade, ela se apóia na construção de referenciais de diferentes grupos sociais sobre o passado e o presente, respaldados nas tradições e ligados a mudanças culturais.

Considerando todos os elementos verbais e não-verbais, é possível perceber humor e ao mesmo tempo crítica na charge acima. O diálogo dos personagens satiriza a ideia da existência de um suposto sangue ariano e denuncia a perseguição anti-semita.

A crítica à Alemanha nazista é presente em diversas charges da revista Careta. Em muitas delas a crítica ao regime é sintetizada a partir da caracterização do seu líder político, Adolf Hitler. Em charge contida na edição de março de 1936, o autoritarismo de Hitler é oposto à figura sátira de Carlitos.



Careta. Nº 1447. Rio de Janeiro: Kosmos. Março de 1936, p. 22<sup>17</sup>

Nessa charge, Carlitos e Hitler estão separados por uma cerca que contém a suástica nazista.<sup>18</sup> A charge expressa a ideia de uma suposta concorrência entre ambos os personagens ou respectivos países. A sátira se deve ao tipo de concorrência: o direito de usar o bigode característico de ambos. O título da charge, “Evitando a concorrência”, expressa um duplo sentido: refere-se tanto aos direitos do uso do bigode, como à concorrência entre dois regimes

<sup>17</sup> Texto da charge: EVITANDO A CONCURRENCIA: Foi Proibida na Alemanha a exibição de filmes de Carlitos por causa do bigodinho. ( Dos telegramas). Hitler - Rua: Não admito aqui imitações! Carlitos – Perdão! O meu é mais antigo.

<sup>18</sup> Quatro anos mais tarde, em 1940, Chaplin protagonizou e dirigiu o filme O Grande Ditador, uma sátira de Hitler e, ao mesmo tempo, uma crítica contundente às pretensões imperialistas do governo nazista

políticos e economias distintos no plano internacional, os Estados Unidos, de um lado, e a Alemanha, de outro. Ambos disputavam o mercado brasileiro naquele momento.

O Brasil, representado pelos dois personagens ao fundo, está a observar de longe a cena retratada em primeiro plano. Ou seja, a charge não apenas tematiza a concorrência entre ambas as nações, mas a sua relação com o Brasil. No momento da publicação da charge, em 1936, o Brasil mantinha muitos laços econômicos e militares com o governo alemão. A cerca, a qual separa diagonalmente os personagens principais da charge, tem a função simbólica de separar áreas de influência. Percebe-se claramente que o Brasil está do lado da Alemanha na charge, em espaço dominado pela figura impositiva de Hitler, o qual alega exclusividade no uso do bigode. A cerca separa Hitler e os brasileiros do personagem Carlitos, ator e diretor inglês radicado nos Estados Unidos. Carlitos, de forma bem humorada, dá as costas para Hitler e parece zombar do poder dessa exigência.

O Brasil era objeto de disputa econômica dos EUA e da Alemanha nesse período. Como relata Gerson Moura (1986, p.58), o governo Vargas jogava com a concorrência entre ambos países, num processo de barganha de interesses econômicos, políticos e militares. Maria Ligia Prado (1995) também aborda a questão, explicando que no governo de Vargas, o Brasil possuía os Estados Unidos como seu mais importante parceiro comercial, tendo a Alemanha como seu segundo mais relevante, daí a política de boa vizinhança que tentava fazer com esses dois países. Fica bem claro na charge que o Brasil assiste de longe a disputa.

A charge também aponta para uma crítica ao autoritarismo do regime nazista e às práticas de imposição e proibição. Neste sentido, ao opor os dois personagens, a charge pode estar tematizando uma concorrência entre dois regimes políticos distintos, a democracia e o totalitarismo. Observe-se o gesto de imposição de Hitler e a referência à proibição dos filmes de Carlitos na Alemanha no texto que acompanha a charge. O personagem Carlitos é assim associado à liberdade de expressão e Hitler à proibição e à eliminação da liberdade de expressão. Neste sentido, a própria performance dos personagens expressa o mote da charge.

Ao longo das edições da revista *Careta* aparecem diversas charges que se referem à política totalitária da Alemanha nazista, sempre corporificada na figura impositiva de Hitler, em associação à figura do judeu. Na imagem abaixo, publicada em setembro de 1937, a associação é feita através da justaposição de duas charges, intituladas “Pouca vergonha” e “Não confundamos”.



Caretá. Nº 1526. Rio de Janeiro: Kosmos. Setembro de 1937, p. 27

Na imagem da esquerda, Hitler aparece no canto superior direito em meio às nuvens, representado como Deus. Sua posição impositiva é reforçada pela imposição de uma espada, a qual assume a forma de um raio, com a qual parece expulsar um casal. A presença da serpente e sua performance remetem à expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden. A expulsão, portanto, é atribuída a um pecado, representado na charge não apenas pela figura da serpente, mas também pela alusão à maçã no texto que a acompanha. O título da charge, “Pouca vergonha”, faz referência ao pecado original, e, assim, ao mito fundador presente no Antigo Testamento. Desta forma, o chargista se remete à memória enquanto arquivo do sujeito leitor.

A charge pode ser compreendida como uma alegoria à expulsão de pessoas da Alemanha nazista. Na imagem não fica claro quem exatamente estaria sendo expulso nem qual o significado da metáfora “Dança da maçã”, o suposto motivo da expulsão. A charge ao lado, entretanto, intitulada “Não confundamos”, permite algumas associações e, desta forma, uma aproximação aos sentidos possíveis de todo o conjunto imagético.

A imagem à direita retrata dois velhos judeus comentando, através do humor, práticas de exclusão anti-semita na Alemanha nazista. Essa charge apropria-se de uma forma de humor judaica que faz piada da própria desgraça. Os personagens aparecem retratados através de um estereótipo típico utilizado para representar o judeu na revista: nariz curvado, barbas e chapéu. Também não são jovens, neste caso, muito pelo contrário, são idosos e andando de postura

curvada. Essa característica tem também a ver com um dos elementos centrais da charge, o banco de descanso, provavelmente numa praça.

A imagem, à primeira vista, pode parecer denunciar a exclusão social dos judeus na Alemanha nazista devido à placa “Proibido aos judeus” sobre o banco da praça. Entretanto, o texto abaixo sugere uma justificativa para tal exclusão: a prática da exploração econômica dos não judeus por parte dos judeus. A parte textual sugere que mesmo naquele momento de extrema exclusão social não teria cessado o desejo de se aproveitar financeiramente do outro, no caso, o “ariano”. Se a primeira imagem pode sugerir uma denúncia do racismo, a segunda parece justificar a prática da exclusão.

As charges em geral dialogam com a memória cultural do leitor, através da qual ele pode dar determinados sentidos ao conjunto representado. O leitor, portanto, a partir de seu conhecimento prévio, no caso, a passagem bíblica e os acontecimentos na Alemanha sob o regime nazista, pode associar os elementos de ambas as charges e captar o sentido pretendido pelo chargista.

A lingüista Eni Orlandi caracteriza a memória enquanto arquivo e interdiscurso. Para a autora:

Enquanto arquivo, a memória tem a forma da instituição que congela, que organiza, que distribui sentidos. O dizer nesta relação é datado. Reduz ao contexto, à situação da época, ao pragmático. Enquanto interdiscurso, porém, a memória é historicidade, e a relação com a exterioridade alarga, abre para outros sentidos, dispersa, põe em movimento (2003, p.15).

A partir dessa definição de memória enquanto interdiscurso pode-se compreender também o funcionamento das charges. A produção de sentidos se realiza na contradição entre o lugar possível da leitura do arquivo, enquanto sentidos estabilizados e institucionalizados, e a possibilidade de gerar outros sentidos pelo interdiscurso, a partir da historicidade. Dessa maneira, para a Análise de Discurso é nessa relação que os sujeitos e os sentidos significam, sendo o simbólico dado na/pela relação sócio-histórica.

Nas imagens acima descritas se faz referência ao racismo de Estado na Alemanha nazista. Mas se percebe uma polissemia de sentidos. Pode-se compreendê-las como representação das discriminações impostas aos judeus e/ou como uma justificativa àquelas medidas, já que os judeus são representados como aqueles que querem ‘embrulhar’, passar para trás, enganar os não judeus. O embrulho pode ser compreendido não apenas desta forma, mas também como uma referência ao comércio, ramo econômico geralmente associado à figura dos judeus nas charges. Assim, o conjunto imagético em destaque dá elementos para se justificar a “Pouca vergonha” referida na charge anterior, ou seja, o pecado cometido pelos

expulsos por Hitler: a exploração comercial. A memória enquanto historicidade é aqui fundamental aqui para que se gere essa interpretação, ou seja, para que o leitor possa construir esse sentido.

É importante salientar que a referência ao nazismo na revista não diz respeito somente a imagens sobre a Alemanha. Numa edição de janeiro de 1938, foi publicada uma foto da festa de natal dos filhos dos antigos combatentes alemães residentes no Rio de Janeiro no Clube Germânia, em que aparecem símbolos do regime nazista.



Careta. Nº 1542. Rio de Janeiro: Kosmos. Janeiro de 1938, p. 20

A suástica aparece duas vezes na fotografia, uma vez na bandeira nacional alemã, outra na cruz de ferro, condecoração de guerra utilizada pelos ex-combatentes. No Brasil muitos cidadãos alemães também faziam parte da Liga de Combatentes de Guerra alemã.

A publicação da foto na coluna social pode revelar que também a comunidade de imigrantes alemães do Rio de Janeiro estava entre o público leitor da revista. A publicação de tal fotografia retratando solenidade na qual é explícita a manifestação de lealdade à Alemanha nazista, expressa através da bandeira, revela importantes questões sobre a relação entre revista e seu público-leitor. Observe-se que se nas charges a Alemanha nazista em geral é criticada, nesta fotografia não é problema a visualização da fidelidade da comunidade alemã do Rio de Janeiro à Alemanha. Isso parece revelar outra relação ao se tratar do público-leitor alemão residente no Brasil. Interessante salientar que a fotografia foi publicada no início de 1938,

quando já começava a tomar forma, em nível nacional, a política de nacionalização dos estrangeiros.

Voltando à temática da representação do regime nazista na Alemanha pela revista em geral, em especial as que apresentam o elemento judeu, em 1938 ela surge em diversas edições. Na de setembro de 1938, a capa e também outras páginas contêm charges relacionadas à temática judaica.

A charge abaixo, intitulada “Primo filosofari, deinde vivere”<sup>19</sup> satiriza o governo nazista ao retratar um guarda vigiando namorados para evitar conversas sobre dificuldades econômicas. Através dela novamente se aborda a censura e, neste caso, o controle total do Estado nazista sobre a sociedade, inclusive na esfera privada.



Careta. Nº 1578. Rio de Janeiro: Kosmos. Setembro de 1938, p 37.

A charge pode sugerir, nesse caso, uma reflexão também em relação à situação no Brasil, pois ao criticar a censura e o regime policial do estado alemão, indiretamente poderia estar criticando o Estado Novo, de inspiração totalitária.

Segundo Cancelli (1993), o Estado Novo utilizou como uma de suas principais estratégias de consolidação, a “dominação com a utilização do terror”, envolvendo a

<sup>19</sup> Tradução da Frase: Primeiro Filósofa e depois viva

população através da crença de que cada sujeito pertencia ao serviço de vigilância do país para denunciar práticas subversivas e “inimigos da pátria” (1993, p.90).

Segundo Sheila Garcia (2005), a qual pesquisou sobre a revista durante o governo de Vargas, com o intuito de burlar o controle oficial, cada vez mais intenso a partir de 1935<sup>20</sup>, a revista optou, muitas vezes, por realizar críticas de forma implícita ao governo Vargas, a partir de imagens de humor ou em pequenas historietas satíricas que questionavam situações políticas, tendo como pretexto o retrato das mazelas cotidianas. Segundo a autora, a revista Careta, através de suas charges, manteve uma postura crítica explorando situações burlescas e fictícias para indiretamente ridicularizar o governo. Após a proibição de se retratar a figura de Vargas, a partir de 1938, a revista Careta passa a mostrar de forma crítica governantes de regimes totalitários como Hitler, Hirohito e Mussolini, a fim de que os leitores pudessem estabelecer uma ponte simbólica entre o contexto externo e o interno (GARCIA 2005, p.140).

Marcia Takeuchi (2009), em sua tese de doutorado, também considera que a revista manteve, através do humor, uma posição crítica em relação ao Estado brasileiro. Considerando tais ponderações, é possível inferir que a revista poderia estar satirizando indiretamente o controle estatal exercido no Brasil durante esse período. Esta e outras charges podem ser lidas como críticas indiretas a práticas autoritárias também cometidas no Brasil.

Ainda em relação à crítica ao totalitarismo, um mês depois, em outubro de 1938, a revista publicou uma charge, em que novamente aparece Hitler dando ordens, desta vez a um judeu, num trama que envolve velhos estereótipos.

---

<sup>20</sup> A criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), expressão máxima da censura imposta pelo governo, ocorreu em dezembro de 1939



Caretta. Nº 1580. Rio de Janeiro: Kosmos. Outubro de 1938, p. 37

O título “O nervo da guerra” se explica a partir do conjunto, o texto verbal e o não verbal, que compõe a charge. Nela, Hitler, com uma espada em punho, expulsa um judeu de seu recinto, sem querer ouvir sua argumentação e sua tentativa de barganha para evitar a expulsão. A indagação que este lhe faz “Mas você já refletiu? Não sabe que não há guerra sem judeu?” gera a compreensão de que entre eles estaria o capital financeiro, condição indispensável para se financiar um conflito bélico.

Observe-se que na charge o judeu lança essas perguntas a Hitler. Para Orlandi, o ponto de interrogação constitui um silêncio fundador, uma “possibilidade de o dizer vir a ser outro” (1995, p.162). Isso significa que essa forma de silêncio instaurada pelas perguntas possibilita ao leitor refletir e criar suas conclusões. Ainda sobre essa questão, Marilei Grantham afirma que o ponto de interrogação funciona como “sinal de incompletude do discurso, uma vez que inscreve nesse discurso um espaço lacunar”, uma forma de silêncio, “uma lacuna significativa em que podem ser produzidos vários sentidos, mas não qualquer sentido (...) significa não a falta do que dizer, mas uma opção por não dizer” (2001, p.155-156). As indagações sem resposta do judeu constituem uma opção do chargista, um recurso utilizado para delegar ao

leitor a construção de sentidos possíveis, dentro do contexto retratado na charge. Assim, o dizer do judeu na charge pode ser interpretado como uma maneira de o chargista sugerir, dando ao leitor a responsabilidade de realizar a interpretação dos fatos.

Através da charge acima se percebe também como naquele momento, ainda em fins de 1938, a revista *Careta* já veiculava a possibilidade de uma guerra provocada pelo governo nacional-socialista alemão. Alemanha nesse mesmo ano anuncia oficialmente a anexação da Áustria e a converte em província do Reich. Em seguida, reivindicou a integração das minorias germânicas que habitavam os Sudetos. Em 29 de Setembro de 1938, foi assinado o Tratado de Munique, dando à Alemanha os Sudetos e o controle da Checoslováquia desde que Hitler promettesse que esta seria a última reivindicação territorial para Alemanha.

Já em edição anterior, de outubro de 1938, a revista fez referência a um possível conflito armado na Europa. O artigo intitulado “Teremos guerra na Europa?” aborda a corrida armamentista e imperialista e considera a guerra como certa para mais cedo ou mais tarde, embora afirme que o povo brasileiro não acreditasse que isso pudesse ocorrer.

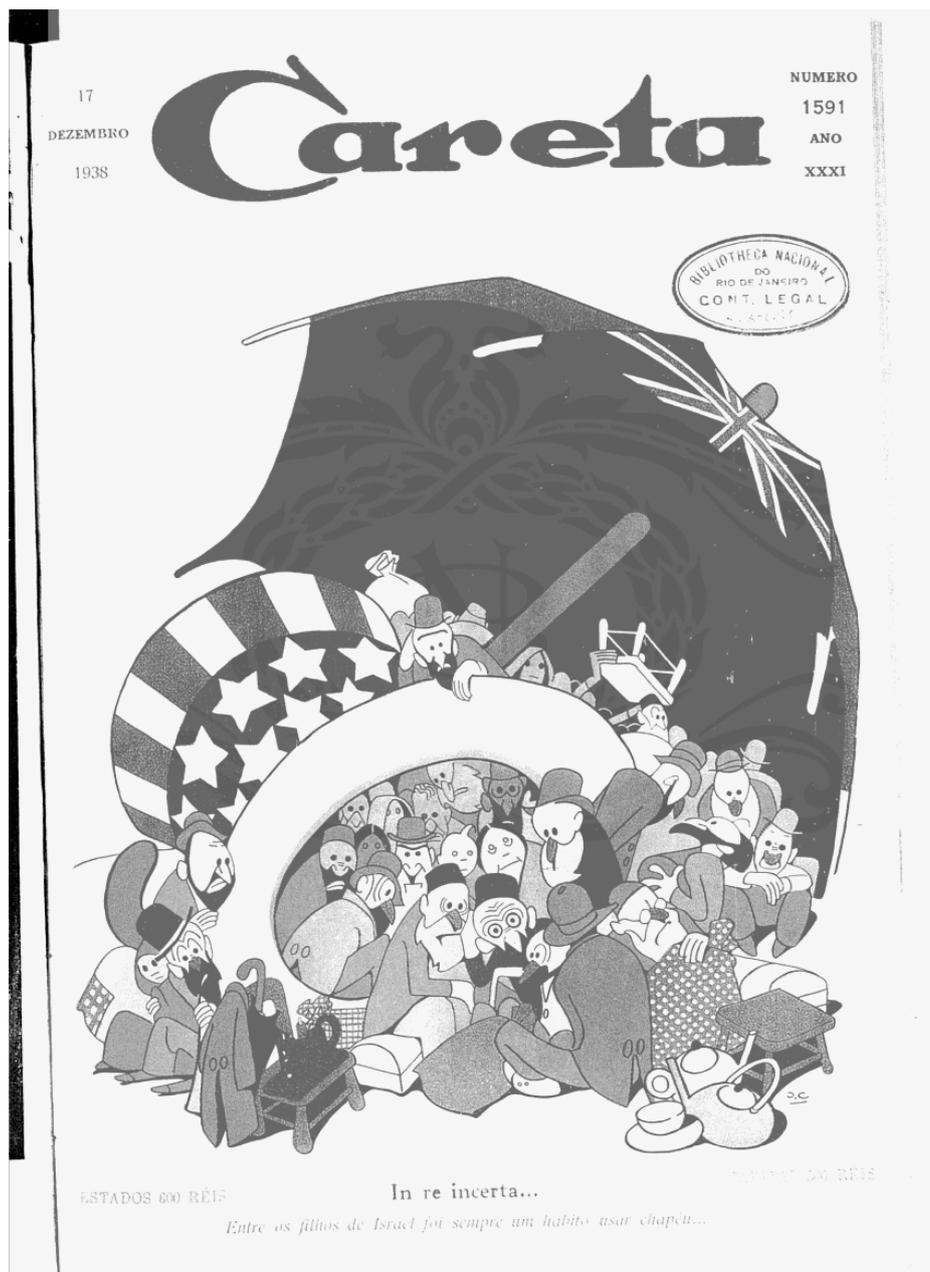
Apesar da revista trazer a ameaça de uma guerra provocada pelo governo de Hitler e de abordar, por meio de algumas charges, o anti-semitismo na Alemanha e a problemática dos refugiados judeus, ela continua a operar, mesmo naquele momento dramático, com a antiga associação judeu = posse de capital financeiro, como se pôde perceber na charge anteriormente analisada.

Após a anexação da Áustria pela Alemanha, em março de 1938, e, principalmente, após os violentos massacres ocorridos durante a chamada Noite dos Cristais<sup>21</sup>, em novembro de 1938, as nações da Europa e das Américas temiam que uma grande massa de refugiados batesse às suas portas. Entre março de 1938 e setembro de 1939 um total de 120.000 imigrantes judeus tentou emigrar para os Estados Unidos, mas apenas 80.000 conseguiram fazê-lo, pois o número de imigrantes aceitos era muito menor do que o número de pessoas em busca de refúgio. No final de 1938, 125.000 candidatos faziam fila nas portas dos consulados norte-americanos na Europa, na esperança de obter um dos 27.000 vistos permitidos dentro da cota de imigração existente. Em junho de 1939, o número de candidatos já era de mais de 300.000 mas a maioria deles não obteve êxito (LESSER, 1995, p.315-322).

Essa problemática do exílio e das dificuldades de entrada nos Estados Unidos da América é retratada numa das charges da revista, desta vez incluída na própria capa da edição de dezembro de 1938.

---

<sup>21</sup>A Noite dos Cristais, ocorreu em toda a Alemanha e Áustria, foi marcada pela destruição de símbolos judaicos. Sinagogas, casas comerciais e residências de judeus foram invadidas e seus pertences destruídos.



Caretta. Nº 1591. Rio de Janeiro: Kosmos. Dezembro de 1938, capa

Os judeus, na maioria homens, são retratados com seus pertences tentando se abrigar dentro do chapéu do Tio Sam e do guarda-chuva da Inglaterra, deixando passar a ideia de abrigo. Fica claro o apoio dos EUA e da Inglaterra aos judeus exilados, mas na charge os judeus e seus pertences não cabem mais no chapéu norte-americano e parecem desesperados. Diferentemente da charge analisada no capítulo anterior e que tematiza a política imigratória, o guarda-chuva que está sobre o chapéu norte-americano não é da América Latina, mas da Inglaterra. Esses judeus estereotipados possuem um olhar angustiado e parecem estar sem direção, desabrigados. Pode-se estar retratando nessa charge o apoio insuficiente dos EUA e

da Inglaterra aos exilados judeus, os quais tinham que “usar” como proteção o chapéu de outrem, no caso a típica cartola do Tio Sam.

Essa charge mostra o drama humano daqueles refugiados diante da perseguição nazista e dos impasses da política imigratória internacional. O título da charge, “In re incerta...”, contém a expressão latina “In re”, que se refere a uma coisa ou direito real<sup>22</sup>. No caso, pode-se gerar o sentido de que o destino dos judeus seria incerto ou que seu direito de viver em determinado lugar não estaria assegurado. Nesta charge, o humor é gerado também através da ironia presente no texto localizado abaixo da imagem: “Entre os filhos de Israel foi sempre um hábito usar chapéu...” O costume nas comunidades judaicas tradicionais de usar chapéu serve de mote para a charge. Satiriza-se a dependência em relação ao chapéu de outrem. Percebemos ainda que o controle dessa política internacional está nas mãos da Inglaterra que detém o guarda chuva maior.

Neste momento principalmente os EUA começaram uma campanha para que países da América Latina aceitassem judeus refugiados. Essa campanha não era contra o povo judeu e sim para evitar que uma grande massa de refugiados judeus, só tivessem como destino os Estados Unidos.

Em 1939, os Estados Unidos se recusaram a receber mais de 900 refugiados judeus que haviam cruzado o oceano no navio St. Louis, partindo de Hamburgo, na Alemanha, em busca de salvação na América. Sem permissão para aportar nos Estados Unidos, o navio foi forçado a retornar à Europa, onde navegou por alguns países para os quais os refugiados imploravam refúgio. A Grã-Bretanha, a França, a Holanda e a Bélgica acabaram por aceitar alguns dos passageiros como refugiados, e o restante teve que retornar para a Alemanha.

Em 1939, judeus começam a ser deportados da Europa Ocidental (CYTRYNOWICZ, 2005, p.293). Entre a ascensão nazista ao poder, em 1933, e a rendição da Alemanha, em 1945, mais de 340.000 judeus deixaram a Alemanha e a Áustria. Tragicamente, quase 100.000 deles encontraram refúgio em países que posteriormente foram conquistados pela Alemanha, e muitas autoridades colaboraram na deportação e assassinato.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, foram redefinidos os rumos da política externa do Estado Novo brasileiro, na medida em que a política internacional pressionava uma tomada de posição (PRADO, 1995, p.82). As facções políticas em jogo se digladiavam e buscavam impor seus posicionamentos e interesses. Aqueles ligados visceralmente ao projeto do Estado Novo eram mais simpáticos à causa alemã. Já os

---

<sup>22</sup> Pequeno Dicionário Jurídico de Expressões Latinas (2002). Disponível em: <http://www.mundodosfilosofos.com.br/latim.htm>

oposicionistas, na defesa da democracia, voltavam-se para os Aliados, que em contrapartida acenavam com benefícios econômicos.

Nos dois primeiros anos da guerra, o Brasil favorecia claramente os alemães. A Alemanha assinou acordos com o Brasil para financiar o projeto siderúrgico do governo e, em troca, os alemães recebiam do Brasil gêneros alimentícios, combustíveis, materiais de construção e outras matérias-primas fundamentais para a guerra.

Os principais simpatizantes do regime nazi-fascista no governo brasileiro eram os generais Góis Monteiro e Gaspar Dutra, o chefe de polícia do Rio de Janeiro, Filinto Müller, e Francisco Campos, autor da Constituição que vigorou durante o Estado Novo. Por outro lado, os Estados Unidos pressionavam os países latino-americanos para manter boas relações comerciais e políticas. No governo brasileiro, o principal articulador dessa política, que liderava o apoio às Forças Aliadas, era o ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha.

Desde 1939 as pressões norte-americanas intensificam-se com o envio ao Brasil de missões culturais e militares a fim de terminar com a neutralidade política brasileira. De acordo com Gerson Moura (1986), a aproximação com os Estados Unidos se deu em forma de barganha, caracterizada pelo interesse em benefícios econômicos, militares e políticos:

Lembremo-nos de que, por volta de 1940, havia uma divisão profunda dentro do governo brasileiro, que se expressava, por um lado, pela defesa de uma neutralidade estrita e, de outro, pela defesa de uma maior aproximação com os Estados Unidos. (...) Resultante dessas duas forças contraditórias foi a aproximação gradual à política dos Estados Unidos (...) Ao mesmo tempo em que concordava com os programas culturais e assistenciais americanos, o governo Vargas literalmente arrancou dos Estados Unidos os acordos que permitiram a construção da siderúrgica de Volta Redonda (...) concordou em romper relações diplomáticas com o Eixo quando o fornecimento militar ficou definitivamente estabelecido. Aceitou tropas americanas no Norte/Nordeste brasileiro quando acordos militares e econômicos de colaboração foram efetivamente assinados em Washington (1986, p.58).

Em 1940, Getúlio Vargas fechou um acordo com o governo de Roosevelt para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional. No ano seguinte, os Estados Unidos entraram na guerra e o governo brasileiro concordou em ceder bases aéreas e navais no Nordeste do Brasil às forças americanas. O ataque japonês a *Pearl Harbor*, em dezembro de 1941, fez com que os EUA entrassem oficialmente na guerra.

Diante da ajuda financeira norte-americana, o Brasil assumiu a bandeira dos Aliados. A burguesia nacional, agrupada em torno da UDN (União Democrática Nacional), forçou a opinião pública a adotar os princípios norte-americanos. A burguesia nacional criou no imaginário coletivo a necessidade de identificação com o referencial democrático. Some-se a

isso a crise econômica geradora de alta inflação que serviu de fermento às ideias e ações da oposição.

Sobre essa questão da mudança de posição do Brasil em relação ao Eixo, Lopez (1997, p.96) escreve:

A mudança de posição do Brasil em face do Eixo ocorreu durante os anos de 1941/1942. A ajuda americana na construção da usina de Volta Redonda e o começo da derrota germânica na Europa tiveram peso decisivo na guinada que a nossa política interna sofreu então. A neutralidade, com certas simpatias pelas forças do Eixo, transformou-se num anti-nazismo decidido e o país foi cada vez mais abandonando a neutralidade. Em 1942, culminando com este processo, o Brasil, sob o impacto de intenso clima emocional, declarou guerra à Alemanha.

De acordo com Edgar Carone (1973), durante a guerra surgiram duas visões opostas, uma que defendia a intervenção do Estado em todos os setores da vida social e outra, forjada na liberal-democracia, que entendia ser a liberdade, calcada no livre jogo das forças econômicas, o caminho a ser seguido. A partir da tomada de posição do Brasil em favor dos Aliados, tornou-se inconcebível a perpetuação de um modelo autoritário internamente. A presença forte dos EUA e os subsídios econômicos garantiram a incorporação do Brasil ao projeto de desenvolvimento da América Latina, que incluía a intromissão daquele país nos negócios internos dos países economicamente dependentes.

A decisão do governo brasileiro em tomar partido dos Aliados decretou o fim do namoro com os países do Eixo. Internamente os reflexos se fizeram sentir em seguida com o crescente surgimento de notícias a favor dos EUA e contrárias às políticas autoritárias. O desconforto era visível com aquilo que se processava aqui, ou seja, o cerceamento das liberdades ao que a imprensa escrita precisava driblar constantemente.

A imprensa escrita reproduziu esse momento de mudança das posições políticas. Começaram a aparecer matérias em defesa da democracia e a se formar uma onda oposicionista maior, a qual tendeu a sufocar a permanência desse regime. Segundo Sheila Garcia (2005, p.151), desde 1941 o posicionamento da revista *Careta* a favor dos Aliados intensifica-se, sobretudo nas matérias divulgadas nos editoriais.

Percebemos que as fotos e notícias em relação à Alemanha que a retratam favoravelmente rareiam já no final da década de 1930. Intensifica-se, principalmente na década de 1940, a publicação de fotos e notícias favoráveis aos Estados Unidos e à Inglaterra e textos e charges cada vez mais críticos à Alemanha nazista. Segundo Garcia (2005) e Takeuchi (2009) a partir desse momento percebe-se uma mudança no editorial da revista em

favor dos aliados e uma forte campanha pela democracia. Várias matérias são publicadas com a intenção de rever os governos autoritários vigentes.

Segundo Sheila Garcia (2005), a imprensa escrita reproduziu esse momento de mudança das posições políticas internacionais do Brasil. Começaram cada vez mais a aparecer notícias positivas sobre os EUA, bem como textos de articulistas defendendo a democracia e, por conseguinte, mostrando à opinião pública a contradição maior, ou seja, o apoio a uma potência democrática durante a guerra e o autoritarismo interno. Assim, por meio do tom combativo aos regimes totalitários da Europa e de charges, piadas e reportagens, segundo a autora, *Careta* tornou-se um espaço para contestar o regime de Vargas (GARCIA, 2005, p.151-152, 163).

Percebemos essas mudanças também nas charges que retratam judeus em meio a fatos da política internacional. Em edição de julho de 1941, na charge “Então mergulhe”, um “ariano” e um judeu aparecem boiando encima de um tronco, após o naufrágio de um navio, que aparece ao fundo. Ambos personagens aparecem como sobreviventes de um naufrágio. O “ariano” se preocupa com o fato de poder ser visto “viajando” ao lado de um judeu:



O título “Então mergulhe...” parece representar uma resposta à fala do “ariano”: “parece que não me fica bem viajar ao lado de um judeu...”, que segue abaixo da imagem. A charge se refere e satiriza a intolerância racial nazista. Tanto o suposto ariano como o judeu aparecerem num mesmo tronco como sobreviventes de um naufrágio.

Como se pode observar, tanto no título, quanto na fala de um dos personagens aparecem reticências. As reticências representam ausência de palavras, uma lacuna significativa, que, segundo Grantham, constitui “uma forma de silêncio no discurso, silêncio que significa por si mesmo, e que não precisa ser traduzido em palavras” (2001, p. 136). Para essa autora, as reticências funcionam como abertura para o equívoco, “um espaço discursivo de produção de sentidos [...] As reticências instauram, e sinalizam, o silêncio do sujeito do discurso” (GRANTHAM, 2001, p.148), o lugar em que devido ao silêncio o mesmo sentido pode ser fonte de polissemia.

Assim como a linguagem, enquanto poder, também carrega formas de resistência, a própria incompletude, expressa pelas reticências, é um efeito de resistência. Para Lisbôa, “na contramão do trabalho da ideologia dominante, o silêncio cria espaços de reflexão e de deslizamentos, mostrando que não há nem sentido único, nem literal” (2007, p.57). O silêncio da charge permite que o leitor possa refletir e criar suas conclusões.

Na charge acima, o título “Então mergulhe...” sugere a ideia que perpassa o famoso dito popular “os incomodados que se retirem”. No caso, o incomodado aparece caricaturado como um marinheiro “ariano” amedrontado. O título “Então mergulhe...” parece ser a resposta do cartunista à fala do incomodado: “Parece que não me fica bem viajar ao lado de um judeu...”

O outro personagem, o judeu que o encara, aparece voltado para a frente. Estas performances contrastam com a de outros presentes na revista em anos anteriores. Estas performance destoam das presentes em charges que se referem ao drama do exílio judaico, por exemplo, nas quais os personagens judeus apareciam aterrorizados. Essa modificação coincide com a mudança de posicionamento do Brasil em relação à guerra nesse momento.

Poucas são as charges como essa em que há uma identificação da autoria. Na charge aparecem três iniciais, as quais, entretanto, não puderam ser identificadas. As iniciais podem ser a abreviatura do nome ou um pseudônimo. Uma das especificidades das revistas é sua escrita plural e de criação coletiva, sendo freqüente a autoria anônima. Tal conclusão é sugestiva e bem plausível, visto que a Careta prezava pela diversidade e alternância de seus colaboradores, entre eles afamados caricaturistas e importantes literatos (TAKEUCHI, 2009, p.129).

Na charge “O pior dos insultos”, da edição de julho de 1942, dois judeus em conversa se referem a um boato de que Hitler seria judeu. Um deles considera o boato um insulto e comenta que – e este é o ponto alto do humor – tal boato faria parte de mais uma campanha anti-semita.



Careta. Nº 1778. Rio de Janeiro: Kosmos. Julho de 1942, p.12.

Para a ideologia racial nazista, a afirmação de Hitler ser judeu seria totalmente descabida e mesmo insultuosa. Nessa charge, esta suposta afirmação é associada ao título: “o pior dos insultos”. A crítica realizada não é aos judeus, como ocorreu em outras edições da revista em anos anteriores. Hitler e o anti-semitismo são satirizados aqui.

A partir de agosto de 1942 até o início de 1944 não encontramos charges e piadas sobre judeus. Ao longo de 1942, as atenções da revista em relação à política internacional estão voltadas para a Segunda Guerra Mundial e à participação do Brasil no conflito. Na edição de abril de 1942 há várias charges e notícias sobre a Segunda Guerra Mundial. Como indica Sheila Garcia (2005), as críticas e sátiras das charges na Revista Careta são mais exploradas do que as publicações de fotos da 2ª Guerra Mundial, já que estas aparecem de forma meramente ilustrativa ao lado de outros materiais e assuntos, como se fosse algo natural

e que dispensasse esforço para decifrar, enquanto as imagens humorísticas convidavam o leitor à reflexão.

No primeiro semestre de 1942 ocorreram diversos ataques de submarinos alemães a navios brasileiros, ocasionando perdas humanas. O anúncio da entrada do país na 2ª Guerra Mundial ocorreu em agosto de 1942, após algumas manifestações públicas no Rio de Janeiro e São Paulo, cobrando uma atitude do governo frente a esses ataques. Sob o comando norte-americano, a FEB enviou mais tarde uma divisão para a Itália, onde iria combater posições alemãs.

Naquele mesmo mês, agosto de 1942, o editorial de uma das edições da revista intitulado “A fúria dos nazistas” rememora a ocupação da Polônia pela Alemanha em setembro de 1939. No editorial se relatam os fuzilamentos e as mortes em campos de concentração na Polônia<sup>23</sup>

## A fúria dos nazistas

De acordo com as informações recebidas pelo Governo da Polónia em Londres, até Dezembro de 1941 a soma total de pessoas executadas na Polónia desde a ocupação alemã eleva-se nada menos do que à cifra de 82 mil vítimas, cujo sacrifício é a prova da violenta obra dos nazistas.

Detalhes complementares chegados a Londres fazem subir o número de vítimas à aterradora

e espantosa quantidade de 103 mil assassinados e 47 mil mortos nos campos de concentração, até a primeira semana de Março de 1942. Só no mês de Janeiro deste ano, foram colocados em frente aos pelotões de execução.... 2.465 pessoas.

Atualmente existem na Polónia 9 campos de concentração, nos quais estão mais de 50 mil poloneses, além de cerca de 10 mil que se encontram distribuídos em 11 campos fóra da Polónia, como, por exemplo, os de Dachau e Oranieburg.

Entre as numerosas vítimas que sucumbiram recentemente

nestes terríveis campos de tortura e morte lenta, figuram dois grandes cientistas poloneses: um deles foi o Professor Witold Staniszkis, ancião de 62 anos de idade e grande autoridade em problemas agrários; o outro foi o Professor Roman Rybarski, economista eminente. Ambos estes homens de grande destaque eram membros do Parlamento Polonês e desfrutavam prestígio internacional.

Não contentes com essas execuções os nazistas, segundo notícias da imprensa suíça, receberam em Londres e emitidas pelo

Continúa na pag. 12

<sup>23</sup> De acordo com Roney Cytrynowicz (2005, p. 293), a partir de 1941 começaram os campos de extermínio na Polónia.

## A furia dos nazistas

Continuação da pag. 7

radio, mobilizaram na Polônia todos os homens desde a idade de 18 anos até aos 60. Os poloneses mobilizados estão debaixo da disciplina militar e são utilizados pelos alemães para a realização dos chamados "trabalhos de reconstrução". A mobilização em questão é considerada pelos poloneses chamada disfarçada ao serviço militar e está encontrando em todo território polonês grande resistência, apesar das medidas postas em vigor pelas autoridades alemãs.

A imprensa sueca comunica a profunda inquietação dominante em Varsovia, em cujos muros as autoridades alemãs de ocupação afixaram cartazes ameaçando a população da capital polonesa de completo extermínio pela fome, caso não cesse a resistência dos patriotas, que — a despeito de tudo — não abandonam o sagrado direito de resistir ao invasor. Como indicio da



fixbril  
Preparo dagoberto rodriguez usa e recon  
PARA O CABELO ★ ASSENTA E DÁ BRILHO

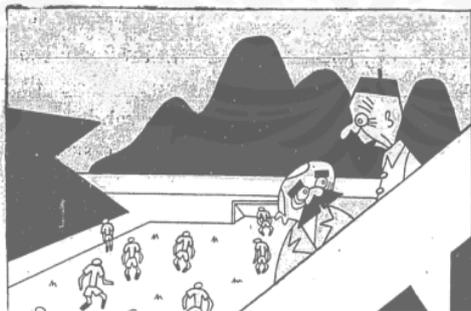
feroz medida em preparo, diante da qual os nazistas não recuarão, foi criado um novo suplício. Trata-se de anuncios em que se comunica aos habitantes da cidade que, em represalia pela morte de um alemão, foram fuzilados, nos campos de concentração nazistas, 100 poloneses.

É facil calcular a inquietação da população de Varsovia e outras cidades polonesas, quando foram afixados os avisos alemães

anunciando a execução de 100 vítimas, sem que fossem mencionados os nomes. Em todas as casas de familias, cujos filhos se encontram nos cativeiros alemães, reina terrivel e torturante inquietação: será meu filho que foi fuzilado ?

Os cartazes foram colocados em toda parte para semear o desassossego. Tiveram, porem, outro objetivo: encher os corações poloneses de desespero e descrença na possibilidade de continuação da luta. No entanto produziram resultados opostos com maior força os punhos dos poloneses se cerraram e tomaram ainda mais forte resolução de vingar as inocentes vítimas trucidadas pelos deshumanos invasores. E, quando chegar o momento do ajuste de contas, no mundo inteiro não haverá certamente quem defenda os criminosos, procurando evitar que esses crimes sejam castigados com toda a severidade que merecem.

B.



Careta. Nº 1779. Rio de Janeiro: Kosmos. Agosto de 1942, p.12

O último parágrafo do editorial revela claramente o posicionamento contrário da revista em relação ao regime nazista, referindo-se aos “desumanos invasores” e “criminosos”:

Os cartazes foram colocados em toda parte para semear o desassossego. Tivera, porém, outro objetivo: encher os corações poloneses de desespero e descrença na possibilidade de continuação da luta. No entanto produziram resultados opostos com maior força os punhos dos poloneses se cerraram e tomaram ainda mais forte resolução de vingar as inocentes vítimas trucidadas pelos desumanos invasores. E, quando chegar o momento do ajuste de contas, no mundo inteiro não haverá certamente quem defenda os criminosos, procurando evitar que esses crimes sejam castigados com toda severidade que merecem.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Careta. Nº 1779. Rio de Janeiro: Kosmos. Agosto de 1942, p. 9 e 12.

O editorial toma partido das vítimas do regime nazista e fala na necessidade de “ajuste de contas”. Nesta mesma direção, uma edição mais tarde, ainda em agosto de 1942, se formula o texto “Páscoa caricatural”. Aqui, a revista faz uma crítica aberta ao racismo de Estado e ao expansionismo bélico nazista: “É espantoso que pretenda considerar-se raça privilegiada, que tem por destino dominar o mundo pela inteligência e pela força, um povo que assim se torna fanático por um cidadão que está conduzindo a Alemanha ao aniquilamento e ao ódio universal.”<sup>25</sup>

Ao mesmo tempo em que a revista, neste momento, expressa em editorial um posicionamento crítico contrário ao nazismo, ela também apoia, através de imagens e textos, a política estado-novista de repressão a estrangeiros oriundos de países do Eixo (Japão, Alemanha e Itália), considerados “quinta-colunas” (traidores da pátria).

A situação de guerra e o alinhamento do Brasil aos países Aliados acirrou a repressão a estrangeiros associados a países do Eixo. A imagem abaixo, intitulada “Quinta Coluna”, publicada em abril de 1942, tematiza tais medidas repressivas, mas de forma a gerar humor.



Caretta. Nº 1762. Rio de Janeiro: Kosmos. Abril de 1942, p.29.

Nessa charge aparece um homem oferecendo a outro alguns objetos considerados “suspeitos”. Na parte verbal do texto descreve-se a origem dos objetos que tiram o sono do

<sup>25</sup> Careta. Nº 1780. Rio de Janeiro: Kosmos. Agosto de 1942, p. 16

personagem: “-Você quer ficar com esses objetos? Não durmo sossegado: um piano alemão, um vaso japonês e um quadro italiano”. Aos alemães se associa a música clássica, aos japoneses, a porcelana, aos italianos, a arte renascentista. Ao se referir à preocupação de um dos personagens em se desfazer de tais objetos, a charge aborda e satiriza o medo generalizado causado pela repressão a tais imigrantes.

O termo “Quinta Coluna” se referia ao “cidadão estrangeiro residente no Brasil que, profissionalmente ou não, contribuía com os “inimigos” do Eixo por meio da espionagem e envio de informações” (GARCIA, 2005, p. 153). Esse foi um dos artifícios que a propaganda varguista empregou para reforçar a ideia de um perigo latente na sociedade brasileira, para legitimar tanto o intenso controle exercido sobre os estrangeiros como a política nacionalista de defesa dos “valores nacionais”. Neste movimento de confronto com o “estrangeiro” se configurou a ideia do “inimigo”.

A questão dos “quinta-colunas” é discutida diretamente pela revista em edição posterior, ainda em abril de 1942. No editorial “O punhal de Bruto”, o fundador e presidente da revista, Jorge Schmidt, faz uma defesa contundente da repressão aos “quinta colunas”, os “imigrantes desleais” que colaborariam com os países do Eixo. Estes são considerados traidores que haviam apunhalado o Brasil pelas costas, tal como Brutus teria agido com Júlio César. O editorial defende a “anulação” dos “quinta colunas” no Brasil:

Causou justa revolta no seio da população a atividade da Quinta Coluna. Parecia incrível que indivíduos que tiravam da terra hospitaleira seu sustento, estivessem apenas esperando o momento oportuno para atraçoá-la com o mais revoltante sangue frio. (...) Estava bem organizada no Brasil a Quinta Coluna. A aparelhagem de que dispunham era completa. Tudo o que se passava aqui e que pudesse interessar aos países do Eixo era transmitido com toda minúcia. Enquanto os espões exerciam sua pernicioso atividade, eram tratados com a maior benignidade, como se fossem patrícios nossos (...) Felizmente tudo isso acabou e os “turistas” e os “colonos” estão sob custódia (...) O povo brasileiro, que é por índole bom e hospitaleiro, recebeu uma lição (...) Reagindo contra o imigrante desleal que nunca teve intenções honestas para com a terra que tão generosamente o acolheu (...) A Quinta Coluna representa em nossos dias o punhal de Bruto. O melhor é, pois, a anular!<sup>26</sup>

Aqui a revista justifica e demonstra apoio explícito à política de repressão policial e militar dos supostos “quinta colunas”. A revista deixa bem claro com esse editorial que a própria população não aceitaria que esses imigrantes que foram bem recebidos no Brasil mas aqui só estavam com a proposta de espionagem em ser desleal e a melhor ideia era anular e assim não receber mais esses imigrantes.

---

<sup>26</sup> Careta. Nº 1763. Rio de Janeiro: Kosmos. 11 de Abril de 1942, p.17.

Neste período, um intenso controle passou a ser exercido sobre os estrangeiros no país, objetivando legitimar a política nacionalista. Segundo Cancelli (1993), um dos alicerces na construção mítica do regime estadonovista consistiu na montagem de estratégias de dominação com a utilização do terror, com especial atenção ao envolvimento da sociedade no espectro de perigo criado. Neste sentido, a campanha de caça aos inimigos da pátria e a prática de delação dos suspeitos de subversão foram incentivadas, sendo esta considerada um ato de bravura.

Foram encontrados alguns editoriais publicados em 1942 em que se expressa uma reação ao Eixo, geralmente apresentados no canto superior esquerdo da página, com o título em destaque. O alicerce desses discursos reforçava a doutrina político-ideológica Estadonovista, sobretudo no que se refere à exaltação e defesa dos valores nacionais, em detrimento de todo e qualquer aspecto estrangeiro, fosse no âmbito da educação, organizações políticas ou manifestações culturais. Configurava-se a ideia do inimigo, explorando-se a noção de perigo e de instabilidade ocasionada pela sua presença na vida social:

Já começamos, há algum tempo, a abrir os olhos para essas manobras (...) cortando as asas aos que pretendem voar com muita afoiteza (...) mas deve haver por aí muita coisa subterrânea (...) A audácia dos fanáticos do totalitarismo não conhece limites (...)<sup>27</sup>

Outro editorial, “O hitlerismo e o seu símbolo” publicado em setembro de 1944 vai na mesma direção. Segundo o editorial:

(...)o símbolo hitlerista de ter a expressão das demais cruzes, notadamente da original cruz cristã, é símbolo empregado desde tempos imemoriais, pelos hindus, para exprimir a benção. A palavra swadtica ou swastika provém do sânscrito Suwastika, com significado de propício ao bem, o que é uma ironia nos tempos que ocorrem.<sup>28</sup>

Dessa maneira, através da simples definição da origem da suástica, a revista associa aquele símbolo ao mal, em razão das conseqüências catastróficas da guerra de extermínio provocada pelo governo nacional-socialista.

Percebemos nesses artigos publicados no editorial que o discurso jornalístico constitui uma prática discursiva legitimada na sociedade como fonte de informação. Ele construiu, ao longo do tempo, uma imagem de credibilidade, ao produzir um efeito de transparência e imparcialidade. No entanto,

---

<sup>27</sup> Careta Nº 1753. Rio de Janeiro: Kosmos. 31/01/1942, p4

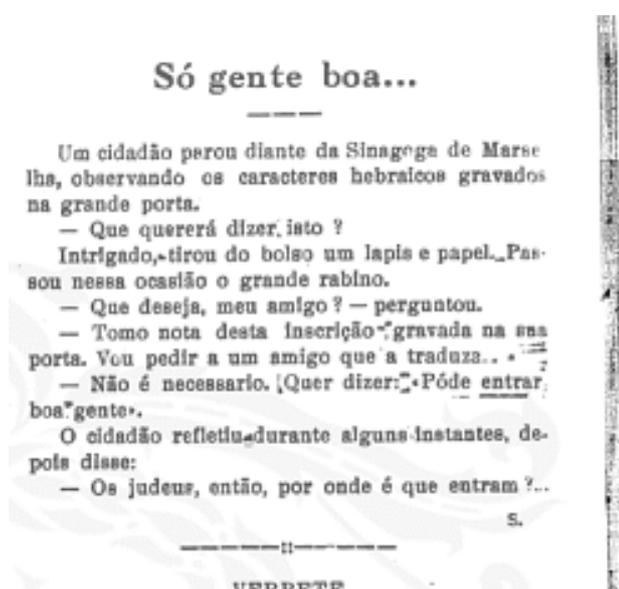
<sup>28</sup> Careta. Nº 1892. Rio de Janeiro: Kosmos. Setembro de 1944, p. 12

(...) o produtor de um discurso, em especial o midiático, vale-se, além da construção dos enunciados, dos aspectos discursivos e ideológicos de que lança mão e dos mecanismos disponíveis na língua, na sintaxe, na diagramação dos textos etc., para construir discursos ideologicamente marcados (LONARDONI, 2006, p.120).

Como afirma Bakhtin (1986, p.86), não existe discurso neutro, pois todo discurso “é constituído, na sua tessitura, por milhares de fios ideológicos”. Dessa maneira, é produzido a partir de uma perspectiva ideológica do sujeito, veiculando, portanto, crenças, valores e visões de mundo que representam os lugares sociais que esse sujeito ocupa. Na revista Careta isso não é diferente, a revista não fica em uma posição neutra. Mesmo nos momentos em que a charge tem um duplo sentido, a revista está se posicionando de acordo com seus interesses e o público-leitor.

No período de 1941 e, sobretudo, 1942 encontramos charges, piadas e textos cujo foco temático não é mais a caracterização negativa do judeu, mas uma visão crítica em relação ao Nazismo e a Hitler. Vendo o contexto interno, ou seja, os outros textos presentes nas edições da revista em que os textos analisados foram encontrados, verificamos que as mudanças políticas em nível nacional e internacional interferiram nas formas de representação de judeus na revista. Isso coincide com o momento em que o Brasil posiciona-se a favor dos Aliados na 2ª Guerra Mundial. A revista começa uma campanha em favor da democracia.

Em 1944, verificamos que inclusive uma piada satiriza o preconceito em relação aos judeus. Na piada abaixo há uma mudança em termos de sátira. A revista satiriza o preconceito em relação aos judeus, começando pelo título “Só gente boa...”:



O rabino é representado na piada como prestativo (ofereceu ajuda ao cidadão e fez a tradução do texto em hebraico para que ele o compreendesse) e cordial (dirige-se a ele como ‘amigo’). Já o cidadão não-judeu revela-se preconceituoso, pois insinua com sua pergunta final que os judeus não são gente boa. O ‘gatilho do humor’, nesse caso, é justamente o fato de que não se diria isso para um rabino, autoridade no judaísmo, indicando uma satirização do preconceito em relação aos judeus.

O ponto de interrogação funciona como uma forma de silêncio, uma opção por não dizer, de lacuna no discurso que pode produzir vários sentidos, mas não qualquer um (GRANTHAM, 2001). Assim, o dizer do cidadão na piada pode ser interpretado como uma maneira de não se comprometer politicamente através de uma resposta afirmativa, dando ao leitor a responsabilidade de realizar a interpretação. E o humor faz com que o leitor se identifique com o posicionamento expresso pelo texto como o de algo risível.

A ridicularização e crítica ao regime totalitário nazista foram um dos principais focos das charges da revista Careta. Esse é também o sentido da charge abaixo, publicada na capa da Careta, em edição do início de 1944, em que se prenuncia o fim do regime nazista. Goebbels e Hitler aparecem conversando no palco. O público é constituído por diversos países do mundo envolvidos na guerra. Reproduz-se aqui o diálogo entre o Ministro da Propaganda Goebbels e Hitler: “GOEBBELS – A platéia está exaltada e exige um numero sensacional. HITLER – E se eu saísse de cena? GOEBBELS – Ótima idéia.” Como percebemos, a charge apresenta Goebbels sugerindo a Hitler uma saída estratégica do cenário político.

---



Careta. Nº 1855. Rio de Janeiro: Kosmos. 15/01/44 Capa

A revista, durante o ano de 1945, publicou charges e várias notícias sobre a 2ª Guerra Mundial, mas não mencionou a situação dos judeus, nem fez menção a eles em piadas e charges. Ao se tratar do conjunto de charges publicado durante o governo Vargas na revista Careta, pode-se afirmar que a maior corrente imigratória de judeus ao Brasil parece ter sido o maior mote para a publicação de charges que tinham os judeus como personagens, daí sua maior concentração entre o final do ano de 1936 a 1939. A situação dos judeus na Europa nos anos 1940 não aparece muito tematizada na revista. O foco da crítica realizada pela revista em relação à política internacional se centra no nazismo e em suas consequências.

No final do período analisado, destacamos a publicação do artigo “Episódios da guerra”<sup>29</sup>, publicado em edição de março de 1945, relata a matança e os trabalhos forçados que os alemães impuseram na Holanda ocupada. Nas edições de janeiro e de março daquele

<sup>29</sup> Careta. Nº 1918. Rio de Janeiro: Kosmos. Março de 1945, p. 4

mesmo ano há várias notícias sobre a guerra. Naquele momento as notícias do holocausto judeu ainda não haviam atingido a grande esfera pública, talvez isso justifique o fato de nenhum desses textos apontarem os judeus como vítimas daquele genocídio.

Carneiro (2001) indica que a caricatura pode ser considerada um dos principais instrumentos da crítica política empregada pelos chargistas brasileiros durante o regime autoritário de Vargas, principalmente durante o Estado Novo, para se combater as ideias nazi-fascistas e o autoritarismo. Em algumas charges se denuncia e critica a campanha anti-semita de Hitler contra os judeus, mas outras, no período inicial do governo Vargas e antes da Segunda Guerra, reforçam certos aspectos do imaginário popular acerca dos judeus.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos nesta pesquisa fazer frente a diferentes indagações que tinham como centro um problema: as imagens de judeus difundidas através do humor visual e oral inserido nas páginas da Revista Careta no período de 1936 a 1945. Trouxemos a revista para a luz do olhar investigativo, inserindo-a no processo de reflexão histórica, ao realizarmos uma leitura sistematizada das charges e piadas publicadas nesta revista ilustrada ao longo desses dez anos considerados.

Agrupamos aqui as indagações que nortearam nosso trabalho em dois blocos, a fim de ressaltar algumas questões:

- (1) Como eram representados os judeus nas charges e piadas veiculadas na revista Careta durante o período de 1936 a 1945? Há mudanças no tratamento da questão durante o período analisado?

Careta veiculava em geral imagens estereotipadas dos judeus em suas charges e piadas. Através dos traços utilizados na sua representação visual e de características negativas a ele atribuídas através dos textos das piadas e que compõem as charges, associavam-se os judeus à ideia de ameaça.

Nas charges e piadas da revista, pode-se construir uma imagem negativa dos judeus no aspecto econômico (como sujeito rico, sovina, concorrente desleal, explorador do próximo, muito preocupado em ganhar dinheiro e tirar vantagem do outro), no político (como ameaçador e traidor da nação), no ideológico (como propagador de ideias comunistas e nocivas) e no racial (como homem velho, desprovido de beleza, possuidor de aspectos degenerativos, um estrangeiro indesejado).

O conjunto dessas representações constrói uma alteridade a partir da associação a valores negativos. Por meio das charges e piadas se evidencia um discurso intolerante. Por meio da repetição dessas caracterizações estereotipadas, tanto em relação tanto ao físico como à personalidade dos judeus, formam-se figuras caricatas que difundem estereótipos. E, o uso da linguagem visual facilitava a circulação destes discursos entre o público-leitor.

Verificamos dentro desse universo de fontes uma única exceção, a última piada que encontramos em edição de 1944, a qual pode ter uma dupla interpretação, podendo sugerir uma crítica ao preconceito contra os judeus.

(2) Quais as relações entre tais representações e os contextos sociopolíticos interno e externo? Qual o posicionamento da revista em relação aos regimes no Brasil e na Alemanha e ao tratamento dados aos judeus? Como essa revista se envolveu no debate sobre a construção da sociedade brasileira nessa época?

Tendo as charges e piadas como fontes, foi-nos possível apontar que as representações dos judeus foram afetadas por fatos ocorridos no cenário nacional e internacional.

Ao longo dos anos considerados nessa pesquisa, os imigrantes judeus sofreram dificuldades e restrições à sua entrada no Brasil por serem considerados elementos indesejáveis pelas autoridades brasileiras. Em nossa avaliação, a revista *Careta* difundiu algumas imagens estereotipadas sobre o imigrante judeu, em consonância com um projeto político e nacional de construção de um novo homem e de uma nação brasileira, com base na homogeneidade racial e cultural, difundindo a ideia de alteridade em relação a este grupo.

Considerando o conjunto de charges publicado durante o governo Vargas, no período considerado, na revista *Careta*, percebemos que o aumento da corrente imigratória de judeus ao Brasil parece ter sido o maior mote para a publicação de charges que apresentavam os judeus como personagens, daí sua maior concentração entre o final do ano de 1936 a 1939. As charges podem não tratar diretamente do tema da eugenia, mas a própria caracterização física dos judeus representados nos permite algumas considerações sobre a construção de um tipo físico muito diferente do tido pelas teorias eugenistas como ideal para a constituição da nação brasileira. Nesse contexto, consideramos que a revista *Careta* reforçou alguns estereótipos ao veicular, em charges e piadas, uma imagem negativa dos judeus no aspecto econômico, político, ideológico e racial.

Em relação ao governo Nazista, na Alemanha, as charges criticam a política racial desse regime, seu autoritarismo, suas práticas de imposição e proibição e a exclusão dos judeus da sociedade alemã. E, dessa maneira, as charges podem suscitar uma reflexão também em relação à situação no Brasil, pois ao criticar a censura e o regime policial do estado alemão, indiretamente poderia se sugerir uma crítica ao Estado Novo, de inspiração totalitária.

Constatamos que as charges e piadas da revista, ao mesmo tempo em que aludem à política racial e ao boicote sofrido pelos judeus na Alemanha nazista nesse período, veiculam a associação do judeu a interesses comerciais. Assim, verificamos que em algumas charges se denuncia e critica a campanha anti-semita de Hitler contra os judeus, mas outras, no período inicial do governo Vargas e antes da Segunda Guerra, reforçam certos aspectos do imaginário popular acerca dos judeus.

A situação dos judeus na Europa nos anos 1940 não aparece muito tematizada na revista. O foco da crítica realizada pela revista em relação à política internacional se centra no nazismo e em suas conseqüências. No período de 1941 e, sobretudo, 1942 encontramos charges, piadas e textos cujo foco temático não é mais a caracterização negativa do judeu, mas uma visão crítica em relação ao Nazismo e a Hitler.

Quando o Brasil posiciona-se a favor dos Aliados na 2ª Guerra Mundial, a revista começa uma campanha em favor da democracia e a atenção da revista, em relação à política internacional, volta-se para a Segunda Guerra Mundial e à participação do Brasil no conflito.

Considerando o contexto interno, isto é, os outros textos contidos nas edições consideradas da revista, verificamos que as mudanças políticas em nível nacional e internacional interferiram nas formas de representação de judeus na revista. Percebemos que as fotos e notícias em relação à Alemanha que a retratam favoravelmente diminuem já no final da década de 1930. E aumenta, sobretudo, na década de 1940, a publicação de fotos e notícias favoráveis aos Estados Unidos e à Inglaterra e textos e charges críticos em relação à Alemanha nazista.

Na pesquisa podemos mostrar como as charges e piadas podem ser instrumentos de construção de alteridades, ou seja, imagens do ‘outro’, as quais podem contribuir para criticar ou para reforçar alguns estigmas. Os textos de humor da revista *Careta* analisados podem constituir instrumentos de difusão de estereótipos e estigmas atribuídos aos imigrantes judeus. Também ressaltamos que nas charges analisadas a revista não focava somente a política oficial, as charges satirizavam o não cumprimento da lei, a falta de controle do estado brasileiro que permitia, muitas das vezes, a entrada desse imigrante que era considerado indesejável. Ao mesmo tempo, constatamos que a revista *Careta* ora segue posicionamentos presentes no governo brasileiro em relação à imigração judaica, representando a figura dos judeus de forma negativa, ora mostra-se crítica em relação ao regime.

Esperamos que nosso trabalho tenha contribuído para lançar um olhar reflexivo sobre as representações sociais presentes em textos de humor veiculados por essa expressiva revista carioca ao longo dos dez anos considerados e que sirva de estímulo a realização de outras pesquisas que possam apontar os problemas construção da identidade judaica no Brasil. Servindo de apóio para novas possibilidade não somente para o período Vargas mas também na época de 60 e principalmente na ditadura militar, onde muitas dessas políticas se mantiveram, criando uma imagem do judeu negativa e estereotipada, ligando em alguns momentos ao comunismo.

---

## FONTES

CARETA. Rio de Janeiro: Kosmos, nº 1437 ao nº 1957. Semanal.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José de. *Achados chistosos da psicanálise na escrita de José Simão*. São Paulo, EDUC, 1998.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. 2º ed, Rio de Janeiro Jorge Zahar, 2002.

BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 1998, p78-90.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1987.

\_\_\_\_\_, *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BANNEL, Ralph Ings. *Discurso e diversidade cultural*. SEMINÁRIO SALÍNGUAS, Rio de Janeiro, V. 7, 2003, p.20-36.

BERGSON, Henri. *O riso*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1987.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. Bauru, SP: EDUSC. 2004.

CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência*. A Polícia da Era Vargas. Brasília, Edunb, 1993.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CARONE, Edgar A. *Segunda Republica (1930-1937)*. São Paulo, Difel, 1973.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas de 1930-1945*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. *O Anti-Semitismo na Era Vargas*. 3ªed. São Paulo: Perspectiva/ USP, 2001.

\_\_\_\_\_. Metáforas de uma Civilização. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas* (org.). SP. EDUSP, 2007, p.291-321.

---

CHIAVENATO, Júlio José. *O Inimigo Eleito: Os Judeus, Poder e Anti-Semitismo*. Porto Alegre, Mercado Alegre, 1985.

CYTRYNOWICZ, Roney. Cotidiano, imigração e preconceito: a comunidade judaica nos anos 1930 e 1940. In.: GRINBERG, Keyla. *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p.287-314.

DEALTRY, Giovanna Ferreira. Memória e esquecimento como formas de construção do Imaginário da Nação. In MOITA LOPES Luiz Paulo e BASTOS Liliana Cabral (Org.) *Identidades recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, 2002, p.210-238.

ERMIDA, Isabel Cristina da Costa. *Humor, linguagem e narrativa: para uma análise do discurso literário humorístico*. Braga, 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem), Setor. Ciências da Linguagem, Universidade de Minho. Disponível em <<https://repositorium.sdum.pt/bitstream/1822/190/1>>.

FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência*. São Paulo: Ática, 2006.

FONSECA, Gondin da. *Biografia do Jornalismo Carioca (1808-1908)*. Rio de Janeiro: Quaresma, 1941.

FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: a imagem gráfica do humor*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. Tradução de Roberto Machado.

GARCIA, Sheila do Nascimento. *Revista Careta: Um estudo sobre o humor visual no Estado Novo*. Dissertação de Mestrado UNESP, 2005.

GIL, Célia Maria Carcagnolo. Elementos essenciais da piada. In Letizia Zini Antunes (org). *Estudos de literatura e lingüística*. Assis: Arte e Ciência, 1998, p.287-310.

GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial. Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo*. São Paulo, Marco Zero, MCT /CNPq. 1990.

GOFFMAN, Erving. *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GRANTHAM, Marilei Resmini. *Da releitura à escritura: um estudo da leitura pelo viés da pontuação*. 2001. Tese de Doutorado em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

HALL, Stuart . *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. T.T. da Silva e G. L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELER, Agnes. "Sobre os preconceitos" In: *Cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e terra, 1988.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

---

- IANNI, Octaviano. *Raças e Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 1999.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1996.
- KEHL, Renato. *O que é eugenia*. Revista do Brasil. São Paulo, vol. 9, nº 35, nov. de 1933.
- \_\_\_\_\_. A eugenia no Brasil: esboço histórico e bibliográfico. In: *Actas e trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Rio de Janeiro, vol. I, 1935, p.1-87.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. Judeus salvam judeus: os estereótipos e a questão dos refugiados no Brasil, 1935-1945. In: Keila Grinberg (org.) *Os judeus no Brasil: Inquisição, imigração e identidade*. RJ, Civilização Brasileira, 2005, p.315-334.
- \_\_\_\_\_. Semitismo em negociação: O Brasil e a questão Judaica (1930-1945). In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas* (org.). SP. EDUSP, 2007, p.271-289.
- LISBÔA, Noeli. O funcionamento do silêncio, como real do discurso, na crítica à ideologia. In: *III SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO*, 2007, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: UFRGS, 2007, p.46-63.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. São Paulo: Papyrus, 1986
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil, Vol. I*, Rio e Janeiro, José Olympio, 1963.
- LIPOVETSKY, Gilles *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2005.
- LOEWESTEIN, Rodolphe. *Psicanálise do Anti-Semitismo*. São Paulo, Senzala. 1968.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Brasil contemporâneo*. Porto alegre: Mercado Aberto, 1997.
- LONARDONI, Marines. O discurso da ascensão, auge e queda de Antonio Palocci, na ótica das capas de Veja. In: NAVARRO, Pedro (org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p.108-135.
- JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega. *Anti-semitismo e nacionalismo, negacionismo e memória*. Revisão Editora e as Estratégias da Intolerância. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.
- MAIO, Marcos Chor. *O Pensamento Anti-Semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- MARTINS, Ana Luiza. *Da fantasia à História*. Folheando Páginas Revisteiras. História. Revista História. São Paulo, v.22, nº1, 2003, 55-69.
- MAUAD, Ana Maria. *Sob O Signo da Imagem: A Produção da Fotografia e o controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX*. Niterói, DH, 1990.
-

- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: A penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MUNIZ, Kassandra da Silva. *Piadas conceituação, constituição e práticas um estudo de um gênero*. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Setor Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- MUNTEAL, Oswaldo e GRANDI, Larissa. *A Imprensa na História do Brasil*. São Paulo, Desiderata, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli (org). *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.
- \_\_\_\_\_. A fala de muitos gumes: (as formas do silêncio). In: \_\_\_\_\_. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. rev. e aum. Campinas, SP: Pontes, 1987, p. -105-128.
- \_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3ªed. Campinas, SP: Unicamp, 1995.
- OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. Estudos Culturais e Dialogismo: contribuições ao estudo da alteridade. In: TRAVAGLIA, Luiz Carlos e MAGALHÃES, José Suelli de. (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em Linguística*. Uberlândia, 2008. CD- ROM.
- PÊCHEUX, Michel. *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 1997.
- POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua: análises lingüísticas de piadas* Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998.
- PRADO, Maria Ligia Coelho Prado. *Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a Guerra*. Revista USP, V.1, nº 26. São Paulo, Junho/Agosto de 1995.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução Aurora F. Bernardini e Homero F. de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- ROMUALDO, Edson Carlos. *Intertextualidade e polifonia na charge jornalística*. Um estudo sobre a Folha de S.Paulo. Dissertação (Mestrado em Letras). Assis, SP: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2000.
- SCHUWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984.
- SEGATO, Rita Laura. *Identidades políticas e alteridades históricas – Uma crítica às certezas do pluralismo global*. Anuário Antropológico 97, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1999.
- SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Bauru, SP: EDUSC, 1999. Tradução de Laureano Pelegrin.
-

STEPAN, Nancy. A Eugenia no Brasil – 1917 a 1940. In: Hochman, G. & Armus, D. *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio: Editora Fiocruz, 2004, p. 286-352.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: NOVAIS, Fernando (coord.) e SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil. Vol. 3 - República: da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p 89-108  
SILVA, Marcos A. *A construção do saber histórico: historiadores e imagens*. Revista História nº 125-126, ago/dez, jan/julho de 1991/1992, p.117-134.

\_\_\_\_\_. *Caricata República: Zé do Povo e o Brasil*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

SKLIAR, Carlos. *Pedagogia (improvável) da diferença*. E se o outro não estivesse aí?, Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. [As armadilhas de um sistema de exclusão]. Entrevista concedida a Folha Dirigida 2003. Edição especial para o dia do professor. 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SZERMAN, Samuel. *Judiar, judiação, judiaria*. Disponível em: <[http://www.morasha.com.br/conteudo/pop\\_links/30\\_07\\_2002\\_mat\\_1.htm](http://www.morasha.com.br/conteudo/pop_links/30_07_2002_mat_1.htm)> Acesso em: 31/01/2011.

SZNITER, Célia. *Representação do judeu na cultura brasileira: imaginário e história*. Tese de doutorado. USP. SP, 2002.

TAKEUCHI, Márcia. *Entre Gueixas e Samurais: A imigração Japonesa nas Revistas Ilustradas (1897-1945)*. Tese de doutorado. USP, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo, Contexto, 1995

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2º ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

---